

Teófilo Braga

TEÓFILO BRAGA

Teófilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e político, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portuguesa do século XIX. Discípulo da Filosofia Positiva, membro do Comité Positivo Ocidental, Teófilo é o documento vivo do valor dessa Filosofia, da tenacidade que só ela é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ela é capaz de criar, e da coerência sistemática que só nela se encontra. Poeta, tem a *Visão dos Tempos*, poema, pela concepção e pelo alcance filosófico, superior à tentativa de Hugo, *A Lenda dos Séculos*. Os sonetos de amor esparsos por êsses quatro longos volumes, alguns trechos, como a *Sphinge*, *Ondina do lago*, são mesmo, na fórma, belezas. Sociólogo, tem, como obra especialista, o *Sistema de Sociologia* que é pouco conhecido porque o público português prefere a sociologia pataqueira. Historiador, tem a *História da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a patriótica *História da Literatura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nos *Lusíadas*. Político, tem os seus opúsculos, as suas conferências, os seus discursos. E em milhares e milhares de páginas que nos deixa, não há uma página de retórica. Figura assombrosa, num país de palradores.

TEÓFILO BRAGA

História popular de Portugal ... no prélo

Visão dos Tempos

Epopeia da Humanidade (Edição integral) 4 vol. br. 2$40, enc. ... ... 3$20
Bodas de Ouro na Literatura (1858 a 1908). Versões poliglotas da Visão dos Tempos, br. $60, enc. ... $80

Alma portuguesa

Rapsódias da grande Epopeia dum pequeno Povo

Viriato, Narrativa epo-histórica, 1 v. br. $60, enc. $80
Frei Gil de Santarém (Fausto português), 1 vol. br. $60, enc. $80
Os Doze de Inglaterra (Poema), 1 vol. br. $50, enc. $70
Gomes Freire (drama histórico), 1 vol. br. $60, enc. $80
D. Inês de Castro ... ... no prélo

História da Literatura portuguesa

Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa, 1 vol. br. $70, enc. $90
Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol. br. $70, enc. $90
Gil Vicente e as origens do Teatro nacional, 1 vol. br. $80, enc. ... 1$00
Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional, 1 vol. br. $80, enc. ... ... 1$00
Sá de Miranda e a Escola Italiana, 1 vol. br. $70, enc. $90
Camões — Vida e Época, 1 grosso vol br. 1$20, enc. ... ... 1$45
— Obra (*Bibliografia camoniana*), 1 vol. br. 1$20, enc. ... ... 1$45
Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. br. $60, enc. $80
A Arcádia lusitana, 1 v. br. 1$00, enc. 1$25
Filinto e os Dissidentes da Arcádia, 1 vol. br. 1$20, enc. ... ... 1$45

OBRAS COMPLETAS

ALMA PORTUGUEZA

Gomes Freire

ALMA PORTUGUEZA

Rhapsodias da grande Epopêa de um pequeno Povo

I. **Viriatho** — Narrativa epo-historica, in-8.º de IX-367 pag. Porto, 1904. . . : . . . . 1 vol.

II. **Frei Gil de Santarem** — Lenda faustiana, in-8.º de XXX-370 pag. Porto, 1905. . . . . 1 vol.

III. **Linda Ignez** — Tragedia classica:

Trilogia
- 1.ª A pallida donzella.
- 2.ª A vingança do Justiceiro.
- 3.ª Morta e Rainha.

IV. **Os Doze de Inglaterra** — Poema, in-8.º de VII-304 pag. Porto, 1902 . . . . 1 vol.

V. **O Peito Lusitano**—Rhapsodias cyclicas das Navegações.

VI. **Camões** — Poema epo-lyrico.

VII. **Gomes Freire**—Drama historico, in-8.º de XII-304 pag. Porto, 1908. . . . . 1 vol.

ALMA PORTUGUEZA

Gomes Freire

DRAMA HISTORICO

POR

THEOPHILO BRAGA

Dulce et decorum est pro Patria mori.
HORAT., ODES, LIV. III, ODE II, Ṽ. 13.

* * * PORTO — 1907 * * *

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,

editores — Rua das Carmelitas, 144

PORTO — Imprensa Moderna, de Manoel Lello
Rua Rainha D. Amelia, 61

O *Drama historico* tem uma missão esthetica da maior actualidade: a reconstrucção de um facto complexo que agitou uma epoca, uma sociedade, encarnando-o em um vulto ou individualidade preponderante, e restabelecendo na trama das suas situações emocionantes as scenas ou circumstancias que escaparam ás narrativas officiaes, ao formalismo dos processos judiciarios, ás deturpações prévias das chronicas encommendadas. Por esta fórma litteraria se põe em evidencia o ideal que suggeriu o facto, ganhando a historia em *verdade moral*, e em realismo revelado pela intuição psychica, desvendando-o das opacas narrativas dos mediocres escribas ou do julgamento de magistrados obcecados pela profissão. Desde Shakespeare, idealisando a decadencia da

liberdade de Roma e á marcha potente da organisação politica da Inglaterra, o Drama historico tornou-se a expressão theatral moderna por excellencia, em contraposição á Tragēdia antiga. Schiller deu-lhe a regularidade classica sem desnaturar o seu interesse vital, tornando-o assim o factor immediatamente constructivo da sociedade hodierna, que tanto carece de normas de acção. *Julio Cesar* e *Guilherme Tell* são incomparaveis modelos para conduzirem o dramaturgo moderno á fusão das duas fórmas shakespeariana e schilleriana no typo esthetico definitivo.

N'esta crise de transição da synthese catholico-feudal em conflicto com a aspiração revolucionaria para uma Edade sociocratica e normal, é o Drama historico que nos pode apresentar os

altos caracteres, como typos de imitação, e darnos a lição objectiva dos grandes successos como uma animada *experiencia sociologica.*

Nas condições de um drama historico o vulto de Gomes Freire concentra na sua sympathica individualidade e na iniquidade da sua morte, o momento da lethargia em que Portugal se viu arrastado á mais affrontosa das degradações pelo seu Governo paternal: abandonada a nação ao invasor napoleonico por D. João VI, depois de ter-se libertado pela audacia das suas guerrilhas populares e pelo heroismo dos seus soldados sob o commando de officiaes inglezes, que se arrogaram a gloria dos triumphos, é ainda pelo mesmo soberano abandonada ao arbitrio sangrento do protectorado da Inglaterra, exercido odiosamente

por Beresford, executor ferrenho do conservantismo estupido de Castlereagh. Gomes Freire, pela sua reconhecida bravura, apparece como uma esperança, cercado de popularidade, fortalecendo-se na confiança do exercito, cujos quadros, na quasi totalidade, eram occupados por officialidade ingleza. Diante da pressão despotica e mesmo brutal de Beresford, que firma em Portugal a base do conservantismo do partido tory, defronta-se a apathia dos homens da Regencia, occupados em remetter os saques mensaes de milhões de cruzados para a côrte do Rio de Janeiro, e em preparar a entrega de Portugal como *dote de uma princeza* á Hespanha, primeiro pelo casamento de D. Maria Thereza com D. Pedro Carlos, e depois pelo casamento de D. Maria Isabel

com Fernando VII, ficando D. João VI definitivamente no seu novo Imperio do Brasil. E' entre estas duas mós que tem GOMES FREIRE de ser triturado: detestado por Beresford pelas suas capacidades estrategicas, e não se tendo prestado aos planos dos Regentes ou *Senhores do Rocio*, elle tornara-se-lhes um perigo: o seu processo, organisado por Beresford e homologado e mandado executar pelo Governo da Regencia, eis o tremendo drama, de que escaparam lances vivissimos nos papeis do ministerio do reino e do archivo da Intendencia. A clamorosa iniquidade da morte ignominiosa de GOMES FREIRE acordou a alma nacional da sua lethargia, concitando todas as vontades em uma só na Revolução de 1820, em que Portugal se libertou reentrando na mar-

cha da Civilisação moderna como um factor progressivo. A *Alma portugueza* pulsa ahi na mais dolorosa fibra; pela emoção violenta acorda do collapso em que estava cahida, cumprindo a evocação do poeta:

Feminis lugere honestum est,
Viris meminisse.

Para nós, herdeiros d'essa heroica geração que nos encarreirou para a civilisação moderna, a lembrança de Gomes Freire é um dever, até que um dia se grave no seu póste de ignominia, como fizera Simonides na Inscripção das Thermopylas: — *A quantos por aqui passarem vão lembrar a Portugal que aqui morreu aquelle, cujo coração pulsou pela liberdade da sua Patria.*

PERSONAGENS

D. Maria do Patrocinio. Commendadeira de Avis. (Sobrinha do Secretario da Regencia e ministro da Guerra D. Miguel Forjaz.) 30 annos de edade.

D. Joanna Eulalia, (segunda mulher de D. Miguel Forjaz) 32 annos de edade.

D. Maria da Luz Willonghby da Silveira, (Viscondessa de Juromenha) 28 annos.

Gomes Freire de Andrade, Tenente General, 60 annos.

Beresford, Marquez de Campo Maior, Marechal Commandante em chefe do Exercito.

Frederico Watson, Ajudante de ordens do Marechal.

Archibald Campbell, Commandante de Divisão, Governador da Fortaleza de S. Julião da Barra.

Tenente-Coronel Haddoch, Commandante do Regimento 19 de Infanteria da Torre de San Julião.

Richard Campbell, Official inglez.

John Wilson, id.

Ricard Amstrong, id.

Capitão **José de Andradé Côrvo,** Espião de Beresford.

Pedro Pinto de Moraes Sarmento, idem.

Bacharel Sá Pereira, id.

José Pedro Marques, Professor do Collegio militar, jesuita disfarçado.

General Cabanes, emissario hespanhol dos liberaes de Madrid.
D. José Fuertes, outro emissario.
Antoniano, id.
Lenerson, Consul hollandez.
Barão de Eben, Tenente-General austriaco ao serviço de Portugal.
Alferes Cabral Calheiros, doidivanas revolucionario.
Manoel Monteiro de Carvalho, Coronel reformado.
Major Neves, descontente.
Campello de Miranda, idem.
Marquez de Borba, Presidente da Regencia do Reino.
D. Miguel Forjaz, Secretario da Regencia e Ministro da Guerra.
Ricardo Raymundo Nogueira, Membro da Regencia.
Salter de Mendonça, id.
Alexandre José Ferreira Castello, id.
Desembargador **Leitão de Moura.**
— **Guião.**
— **Pedro Duarte da Silva.**
— **João Gaudencio Torres.**
Cypriano Ribeiro Freire.
Visconde de Santarem (João Diogo).
Leite de Barros.
João de Mattos Vasconcellos, Intendente da Policia.
Frei Diogo de Mello, da ordem de S. Jeronymo, Confessor de Gomes Freire.
Seixas Castello Branco.
Professor **A. Maria do Couto.**
Veterano Sales.
Cabo Luiz.
Farinheira, Carrasco.
Pisca-Pisca, ajudante.
Frades franciscanos e Dominicanos — Regimento de Infanteria 19.

A acção passa-se em Lisboa, em 1817.

PROLOGO

A COMMENDADEIRA DE AVIS

No Recolhimento da Encarnação. Sala mobilada ao gosto do fim do seculo XVIII, com simplicidade; uma jardineira com flôres; alguns livros; pequenina caixa de sandalo com papeis manuscriptos.

SCENA I

D. MARIA DO PATROCINIO *(Commendadeira de Avis),*
D. MARIA DA LUZ *(Viscondessa de Juromenha)*

VISCONDESSA

Achas que eu ando muito alegre? Notas isso?

PATROCINIO

Noto. Oh, se noto. A perspectiva do Baile da Acclamação traz-te alvoroçada.

VISCONDESSA

O Baile deve ser surprehendente! O Marechal quer corresponder á extrema confiança que El-

rei deposita n'elle como seu Logar-Tenente em Portugal. Já que os Senhores da Regencia primaram nas exequias da Rainha D. Maria I, em que se cantou a *Missa de Requiem,* de Mozart, quer o Marechal agora na Acclamação do Senhor D. João VI acachapal-os com um Baile. Bem pregada peça, não é?

PATROCINIO, *estremecendo:*

E' um baile fallado... politico, já se vê.

VISCONDESSA

Politico... Não ando tão alegre como tu cuidas. Presentimentos sombrios me assaltam o espirito.

PATROCINIO

Tu, que andas nas altas regiões do poder! Curiosos presentimentos.

VISCONDESSA

E' verdade. Só te digo que vejo o ministro da guerra D. Miguel Forjaz conferenciar muito com o Marechal Beresford, sem que o saibam os seus collegas da Regencia. Tramam qualquer cousa... O Lacerda não me diz nada.

*

PATROCINIO

Mas, isso que presentimentos te suggere?

VISCONDESSA

Não te saberei dizer, por que estas cousas portuguezas andam bastante complicadas... Pelo que me toca, a mim directamente, estou a vêr a cada instante meu marido enviado repentinamente á Côrte do Rio de Janeiro com uma missão de confiança.

PATROCINIO

Em que fundas os teus receios? Ainda em Septembro do anno passado voltou Beresford da côrte do Rio de Janeiro, com novos poderes, que até se ri dos Governadores do Reino, a quem por sarcasmo chama os *Senhores do Rocio.*

D. MARIA DA LUZ, *com desenvoltura:*

Tu, aqui fechada n'este Recolhimento, sabes mais do que se passa pelo mundo, e comprehendes melhor os acontecimentos, do que... alguns dos *Senhores do Rocio,* como chama o Marechal aos Governadores do Reino. Ah! desculpa; não me lembrava que és sobrinha do principal vulto da Regencia, D. Miguel Forjaz. Esse, esse está

acima de todos elles, que até o Marechal o considera, e em extremo, como lhe tenho ouvido. Mas, como te dizia, estás ao facto do que vae por essa Europa; tens socego para lêr os jornaes estrangeiros, e achas interesse n'essa cousas embrulhadas da Santa Alliança...

PATROCINIO

Da Santa Alliança dos Reis contra os Povos.

D. MARIA DA LUZ, *rindo intelligentemente:*

E' verdade; é assim que chamam ás intrigas dos Gabinetes da Russia, Prussia e Austria, e tambem da Inglaterra e França, para darem cabo dos desvarios da Revolução, restaurando o Throno e o Altar! Tu distraes-te com estas trapalhadas; e eu...

PATROCINIO, *com malicia:*

Gosas a tua mocidade; gostas do culto á formosura.

D. MARIA DA LUZ

Tu não és mais velha do que eu; ou por outras palavras, és tão nova como eu. Se te não divertes é porque não queres; se estás aqui reco-

lhida é por que te agrada. Mal sabes por que te visito hoje?

PATROCINIO

Porque não tens ha tanto tempo apparecido.

D. MARIA DA LUZ

Sim, por isso. E tambem para te fazer uma pergunta, a que só tu és capaz de me responder. E' caso politico...

PATROCINIO

Que sei eu?

D. MARIA DA LUZ

Como lês os jornaes inglezes e allemães, e o Tenente-General Gomes Freire, teu primo, conversa comtigo sem reservas...

PATROCINIO

Quem te disse isso?

D. MARIA DA LUZ

E' natural; nem ha que reparar. Ora vamos ao caso. Hoje, no palacio do Pateo do Saldanha, o Marechal Beresford fallava muito no assassinato

de Kotzebue ou Mannheim, em 23 de Março, apunhalado por um estudante. Talvez alguma aventura amorosa; o que ouvi da bocca de Beresford é que isso ia determinar uma grande reacção politica sangrenta por toda a Europa! Beresford não se cansava de repetir para os officiaes do seu conselho: = Isso vae custar muito sangue! Muito sangue! = Para que te heide occultar que fiquei aterrada; não tenho pêjo de ser mulher, e fiquei apprehensiva, se essa trabuzana chegará tambem a Portugal, e se n'esta pobre terra correrá tambem muito sangue. O que eu queria, já que não se póde adivinhar o futuro, era saber o que é isso de Kotzebue? Tu é que me podes explicar por que é que o assassinato de Kotzebue vae custar muito sangue?

PATROCINIO

Não me dás novidade da morte de Kotzebue. Quando entraste estava eu lendo um jornal inglez que descrevia como Kotzebue fôra apunhalado pelo estudante enthusiasta Carlos Sand. Sabes que a mocidade das Universidades tem formado Sociedades secretas libertadoras contra a repressão obcecada da Santa Alliança. Tu tambem me trouxeste uma novidade... a do plano da reacção sangrenta que esperava pretexto para algemar ainda mais pelo terror o espirito moderno. *(Fica pensativa.)*

D. MARIA DA LUZ

Essas catastrophes, não chegam cá até nós as senhoras. Dize-me então quem era o Kotzebue? e porque o apunhalaram?

PATROCINIO, *distrahidamente:*

E' um dramaturgo allemão, que tendo escripto duzias de Comedias com conhecimento da intriga de bastidores, passou a elaborar tragedias nas intrigas diplomaticas dos Gabinetes do Norte, fazendo o papel de traidor assalariado.

D. MARIA DA LUZ

Entendo, entendo; desculpa interromper-te.

PATROCINIO

Andava pago pelo Imperador Alexandre, da Russia, para denunciar o estado do espirito publico e as aspirações liberaes nos differentes Estados da Confederação Germanica. Assistia ora em Weimar ora em Mannheim, e denunciava d'ahi o nome dos escriptores que propugnavam pelo espirito moderno, as perigosas aspirações dos estudantes das Universidades, e os nomes dos principaes membros das Sociedades libertadoras de *Tungendbund* e de *Bouschenschaften.*

*

O que mais levantou a indignação contra Kotzebue, mais do que as denuncias pessoaes foram as doutrinas que sustentava nos seus relatorios e correspondencia com o Imperador, que Luiz Wieland publicou no jornal *O Amigo do Povo*. Faz nôjo o que elle dizia n'essas cartas bajuladoras: «Que os Povos só podem viver sob a tutella dos Princepes; e que era um desvario o pretenderem o direito de reclamar um governo representativo, que os levaria á ousadia de quererem votar as suas contribuições e até, até a liberdade de imprensa.» Tambem temos por cá um Kotzebue, que hade dar que fallar...

D. MARIA DA LUZ

Como sabes, eu não percebo nada d'essas cousas. O que tenho é medo de que a morte de Kotzebue motive derramamento de sangue por essa Europa, e que aqui em Portugal...

PATROCINIO, *com um gesto como que notando passos; para si:*

Espero a visita de Gomes Freire. *(Os passos ouvem-se mais claramente; abre-se a porta da sala e apparece D. Joanna Eulalia.)*

SCENA II

As mesmas e D. JOANNA EULALIA

PATROCINIO, *indo ao encontro d'ella:*

Querida tia! *(Beija-lhe a mão e depois a face.)* O tio Dom Miguel?

D. JOANNA EULALIA

Está cada vez mais assoberbado com trabalho. Não lhe bastava o ser Membro e Secretario da Regencia do Reino, como ainda tem de sobraçar a pasta do ministerio da Guerra. *(D. Maria do Patrocinio faz que ella se sente no sophá, vendo-a cansada.)*

PATROCINIO

Dom Miguel Pereira Forjaz é homem para tudo; não conhece difficuldades.

D. JOANNA EULALIA

Mas os Senhores da Regencia são uns atados, não percebem os acontecimentos; meu marido é que faz com que ainda exerçam alguma auctoridade; se não fosse elle ficavam a dormir. Até o

Marechal Beresford se zanga, porque precisa ás vezes dar ordens sob o nome da Regencia.

D. MARIA DA LUZ

Isso é infelizmente verdade. Meu marido, que é o Secretario das Resoluções immediatas, intermediario dos Negocios confidenciaes entre o Marechal Beresford e El-Rei o Senhor D. João VI, está agora em risco de ir á Côrte do Rio de Janeiro com uma missão secreta. *(D. Maria do Patrocinio e D. Joanna Eulalia entreolham-se maliciosamente.)*

D. JOANNA EULALIA

Uma ausencia forçada de seis mezes! E' um desgosto, Viscondessa.

PATROCINIO

E os perigos... do mar!... (*D. Maria da Luz, sentindo que lhe escapara uma confidencia comprometedora, levanta-se apressadamente.)* Perfida como a onda, disse o Poeta.

D. MARIA DA LUZ

Pois é verdade. Tenho-me demorado mais do que queria; ainda vou buscar o Lacerda ao Pa-

lacio do Páteo do Saldanha. *(As duas damas entreolham-se novamente, sorrindo com malicia emquanto ella sáe.)*

SCENA III

D. MARIA DO PATROCINIO e D. JOANNA EULALIA

D. JOANNA EULALIA

Tambem eu não me posso demorar hoje aqui, como queria. Vim cá para saber alguma cousa lá do Pateo do Saldanha, que a D. Maria da Luz te dissesse, por que ella priva tanto com o Marechal Beresford, como se diz... anda tão chegada...

PATROCINIO

E priva ás escancaras.

D. JOANNA EULALIA

E' um meio seguro para chegar á fortuna, á importancia, ao poder. Que trouxe de novo?

PATROCINIO

Que o assassinato de Kotzebue ia fazer derramar muito sangue na Europa.

D. JOANNA EULALIA

E' tudo isso? Quem é que pode ter medo com o que se passa lá pela Allemanha e pela Russia? Sério, sério é o que temos aqui ao pé da porta. Dom Miguel anda muito preoccupado; até tem perdido o somno. Este segundo casamento de Fernando VII com a princeza portugueza D. Isabel...

PATROCINIO

Que tem isso, que nos cause temor? Tantas princezas nossas têm casado com reis e princepes hespanhoes...

D. JOANNA EULALIA

E' facto; mas esses casamentos trazem sempre pretenções para a união de Portugal com a Hespanha. *(Em voz mysteriosa):* Até já andam por ahi emissarios secretos do reino visinho. De mais a mais, o nascimento agora de uma Infanta. Como D. Miguel Forjaz tem além da pasta da Guerra a dos negocios Estrangeiros, imagina como surgem as complicações, aggravadas pela estupidez dos Senhores da Regencia! Agora me lembro: Tem vindo visitar-te o nosso primo o Tenente-General Gomes Freire? *(Pegando n'um livro que estava sobre a jardineira com o titulo da* ORGANISAÇÃO DO EXERCITO PORTUGUEZ.)

PATROCINIO

Espero-o hoje. Assim m'o prometteu.

D. JOANNA EULALIA

Ah! Este livro?... *(folheando-o descuidadamente)* este livro tem uma epigraphe em latim... Falla-se muito n'ella. Sabes-me explicar o que querem dizer essas palavras?

PATROCINIO, *approximando o rosto sobre o livro, lê:*

Dulce et decorum est pro Patria mori. Fica mal hoje a uma mulher saber latim; e como já m'o explicaram, eis a traducção: = E' dôce e honroso o morrer pela Patria. =

D. JOANNA EULALIA

E' com certeza isso; porque no Conselho dos Senhores da Regencia (contou-m'o meu marido, muito em segredo), que alguns d'elles disseram entre si, sorrindo desdenhosamente: = Gomes Freire ainda é capaz de tornar verdadeira essa epigraphe ou divisa. = E disse-me ainda, que Beresford tambem tinha na sua secretária o livro de Gomes Freire, e repetia o verso latino com sarcasmo: "Talvez que elle torne verdadeira a

sentença do poeta.» Mudando de assumpto: Gomes Freire ainda te falla do *Amore timido* com aquelle enthusiasmo, que tem pela nossa grande cantora Luiza Todi?

PATROCINIO

Falla: falla-me da Cantata do *Amore timido*, que ouvira em San-Petersburgo, e das rivalidades da Todi e da Marchesi, na côrte de Catherina II. Faz gosto ouvil-o, descrevendo esse meio artistico. O maestro Giuseppe Sarti, quando foi a tomada de Ocza-Kouw, compoz um *Te Deum* em lingua russa; depois d'essa cerimonia imponente, é que a Czarina deu pela sua mão a espada de honra a Gomes Freire, e lhe lançou o collar da Ordem de San Jorge. Em lhe fallando da Todi é que elle se exalta; diz que a expressão do seu canto é que lhe fez conhecer a delicada sensibilidade da alma portugueza. Não admira ser tão apaixonado de musica, tendo vivido na côrte de Vienna. A's vezes falla da Opera *Armida e Rinaldo*, escripta pelo maestro Sarti, em que a Todi fez o principal papel.

D. JOANNA EULALIA

Que conversas encantadoras! Em casa do Conde de Rio Maior é elle que anima as reuniões. Vou-me embora. Como o primo Gomes Freire

vem hoje visitar-te, não quero encontrar-me aqui com elle; meu marido ainda está resentido do tempo em que foi Ajudante de ordens do General Forbes Sclater, que odiava Gomes Freire por causa das intrigas de Claviere. Adeus, adeus, querida Patrocinio. *(Voltando atraz, como confidenciando):* Já sabes que no dia 6 de Abril é o Baile da Acclamação do Princepe Regente, dado pelo Marechal Beresford?

PATROCINIO

Fallou-me n'isso a Viscondessa de Juromenha, que anda informada. *(Com malicia.)*

D. JOANNA EULALIA

O nosso primo o Tenente General Gomes Freire vae ser convidado por Beresford. Os Senhores da Regencia fazem apóstas—que vae, que não vae! Os que conhecem o caracter de Gomes Freire, a sua nobreza, affirmam que não irá! Ando preoccupada com isto. Adeus; eu te direi o que souber.

SCENA IV

PATROCINIO, *só. Pega outra vez no no livro e lê commovidamente a epigraphe:*

Dulce et decorum est pro Patria mori. Morrer pela Patria! No meio de tantas traições e covardias, que arrastaram Portugal á abjecção degradante de se vêr governado por um Pro-Consul inglez, emquanto o seu monarcha ensina cantochão á sua Capella de Negros no Rio de Janeiro, despreoccupado da nossa deshonra e miseria publica, houve um coração que sentiu, e um espirito que comprehendeu o sacrificio e acceitou esta divisa *Pro Patria mori*, — morrer pela Patria! O bravo, que primeiro entrou no assalto de Oczakouw, na Criméa, e que mereceu por isso a Espada de honra e as insignias da Ordem de San Jorge, não pode vêr a sangue frio a patria escravisada e vendida pelo seu rei; elle sente, diante das ominosas affrontas do estrangeiro e da Dynastia egoista dos Bragbanças, que é mais doce e honroso o morrer pela Patria. *(Assomam-lhe as lagrimas aos olhos.)*

SCENA V

D. MARIA DO PATROCINIO e GOMES FREIRE

GOMES FREIRE, *entrando com serenidade:*

Chora!? Enterneceu-vos essa novella. Como se intitula? *(D. Maria, ainda silenciosa, entrega-lhe o livro.)* O meu livro sobre a Organisação do Exercito portuguez! Não é possivel! Encobris com esse volume o mysterio das vossas lagrimas. *(D. Maria do Patrocinio, ainda enternecida, aponta-lhe a epigraphe latina.)* Sensibilisou-vos a epigraphe *Dulce et decorum est pro Patria mori!*

PATROCINIO

Simplesmente essas poucas palavras, que são um mundo de esperança e de revivescencia d'esta quasi apagada Nacionalidade. De todos os grandes do reino, fidalgos e militares, homens cultos ou valentes, sómente um, vendo a degradação da Terra portugueza, entregue ao governo de um Princepe Regente imbecil, movido pelo arbitrio do governo britanico, devastada pela avidez do aventureiro Côrso, soube pensar na defeza de Portugal, militarisando o seu povo, á maneira dos

Cantões livres da Suissa no meio da escravidão europêa, e firmar a verdade do seu sentimento na sentença sublime, que divinisa esse heroismo: *Pro Patria mori.*

GOMES FREIRE, *pousando o livro:*

Com esta mão escrevi essas palavras. Com o meu sangue estou prompto a authentical-as na hora em que o espirito publico o reclame.

PATROCINIO

O espirito publico? Está morto n'esta terra. Só poderá ser acordado pelo sacrificio, como fez Jesus, como fizeram os martyres, morrendo por uma ideia, confiados na eterna esperança. Para salvar Portugal é preciso ter fé na vitalidade da sua raça lusitana, ter a indescorçoavel esperança no dia, embora remoto, do triumpho. Ha datas, que illuminam os tempos. — 1807 — pela Paz de Tilsit, a Allemanha fica sob a pata brutal de Napoleão: as regiões do Rheno feitas provincias francezas, a Prussia desmembrada; a Austria aviltada, e peior do que a pressão material, o egoismo dos Princepes da Allemanha, e o sentimento nacional completamente apagado. Quem suspeitaria que a Allemanha tivesse energia para insurgir-se, para libertar-se? para vencer o despota invasor? Esse momento appareceu, quando

entre os montanhezes do Tyrol se levantou André Hofer, como alma da insurreição popular. Facil foi a Napoleão mandar fuzilar esse chefe plebeu; mas, d'essa hora em diante a Allemanha acordou para a lucta sem trégua, para a liberdade e para a Historia. Se um Stein e um Scharnhorst, organisaram a administração e o exercito, tambem os Poetas levaram ás almas o enthusiasmo pela Patria, inspiraram o sacrificio e o heroismo dos bravos.—1813—é este momento sublime de vida, do acordar de um povo para a liberdade, quando, como disse Kœrner, o Tyrteu da Allemanha: "*Uma grande causa reclama grandes corações.*"

GOMES FREIRE

Comprehendo o valor d'essas duas datas—1807 e 1813.—Encerram a lição eloquente para o resurgimento de um povo. Assisti de perto a esses grandes acontecimentos. Ha dois processos para o levantamento de uma Nacionalidade... Como a Allemanha, Portugal teve em—1807—a mesma derrota da covardia do seu Rei e de toda a sua côrte, entregando a Patria ao inimigo, recommendando com descaro obediencia ao Invasor que a subjugava. Tambem os dignatarios da Egreja portugueza, o Patriarcha de Lisboa, o Inquisidor Geral e os Principaes da Sé de Lisboa proclamam em Pastoraes unctuosas que Napoleão

é um Enviado de Deus, mandado para salvar a Religião e Portugal! Sem termos quem falle á alma do povo, o eleve e conduza á insurreição nacional, como a Allemanha em 1813, Portugal é o morto cujo espolio a Hespanha pelos casamentos reaes e a Inglaterra pela sua alliança, querem empolgar ainda antes do ultimo arranco. Oh! se fosse possivel, depois da data degradante de 1807, resurgir tambem com o nosso 1813?

PATROCINIO

A mesma Allemanha nos ensina o caminho. O heroismo acorda-se pelo sacrificio. Hofer foi como o Curcio romano, arrojando-se ao golfão revolucionario; a sua morte foi a vida para a Allemanha.

GOMES FREIRE

Mas, não temos uma mocidade das Escholas, que crie uma Liga da Virtude como a *Tugendbund,* nem quem faça a *Legião da Vingança,* como o Duque de Brunswick, ou os *Caçadores da Floresta Negra,* como o destemido Lutzow; nem pensadores como Fichte, que formulou com nitidez o pensamento nacional fallando á intelligencia das multidões. Os Poetas que glorificaram a fuga vergonhosa de D. João VI, do Zangão-Mór, como o povo lhe chama, para o Brasil, esses

não podiam ter como Koerner o dom de exaltar a bravura dos soldados nos lances mais terrificos dos combates. Os Voluntarios de Lutzow, os Caçadores Negros, tinham nos Cantos de Koerner mais impulso nas suas cargas de cavallaria, do que na propria voz de commando do destemido general Wallenden! O Poeta selou com a sua morte a verdade das Canções patrioticas, com que impellia para a victoria; assim tambem Arndt no seu *Canto da Patria* creou a *Marselheza da Allemanha.* Aqui, acham-se extinctas as forças moraes: só um sacrificio individual. André Hofer, de quem por duas vezes me fallastes, foi fuzilado em Mantua em 20 de fevereiro de 1810, denunciado por um padre, que fôra seu amigo; e tendo em vida derrotado os generaes do Imperio, pela sua morte acordou o espirito de resistencia e o enthusiasmo pela liberdade nacional. *(Fica silencioso.)*

PATROCINIO, *evitando conhecer as suas preoccupações:*

E' verdade, primo, não fostes eleito Grão-Mestre da Maçonaria portugueza, no anno passado?

GOMES FREIRE

Porque perguntaes isso?

PATROCINIO

Esse Padre, que entregou Hofer ao general francez Baraguey d'Hillier, é da raça dos nossos Padres que glorificaram Napoleão como um enviado de Deus. Estes cá consideram os liberaes como *Pedreiros-livres*, incitando contra elles o fanatismo popular. Os Governadores do Reino, a fidalguia e os ecclesiasticos da Patriarchal chamam-vos odiosamente Pedreiro Livre. Cautella com elles; como covardes estupidos, são capazes de todas as traições.

GOMES FREIRE

A Maçonaria é uma simples associação de confraternidade; o seu lema é trabalhar secretamente para a realisação da liberdade civil e politica. Sem ser por esse unico meio, todas as revindicações humanas seriam punidas como crimes de lesa-magestade divina e humana. Nos nossos Estatutos ou bases organicas ha um principio fundamental, que eu vos revelo: "Não soffras que a tua Patria, mãe commum de ti e dos teus concidadãos, seja injustamente opprimida, porque então ella não seria para ti mais do que uma gehena..."

PATROCINIO

Conheceis, primo, o nome de D. Francisco de Miranda, que faleceu no anno passado com a

gloria de fundador da liberdade das Provincias hespanholas da America?

GOMES FREIRE

Fui seu grande amigo.

PATROCINIO

Conhecestes, por certo, Kosciusko, o patriota da Polonia, que luctou até ao ultimo alento pela liberdade da sua Patria?

GOMES FREIRE

Conversei com elle, quasi moribundo, em Paris, mas sempre cheio de esperança. E' iniqua a attribuição que lhe fazem da phrase que anda repetida—*Finis Poloniæ.*

PATROCINIO

Eu estou segura, de que nunca proferirieis a phrase nefanda como essa—*Finis Portugaliæ.*

GOMES FREIRE

Nunca! nunca. *(Ouve-se um toque de sineta no Recolhimeoto, com badaladas lentas.)* O que significam aquellas badaladas lugubres?

*

PATROCINIO

E' o primeiro toque de aviso para a despedida de visitas. E agora, que tanto me interessava esta conversa!

GOMES FREIRE

Lembraes-me, prima, a Baroneza de Krudener, que pela sua mystica exaltação teve o poder de insuflar no animo do Czar o sentimento humanitario que o levou a iniciar a concordia nos Estados da Europa.

PATROCINIO, *lisongeada:*

E como conseguiu essa dama tão fallada pelo seu romance de *Valeria,* que ainda ha pouco acabei de lêr, insuflar na alma de Alexandre I, que é hoje o espirito dirigente da Santa Alliança, um alto ideal de acção?

GOMES FREIRE

Por um vaticinio. As mulheres nunca perderam o dom de Sibyllas. Ella tinha previsto a fuga de Napoleão da Ilha d'Elba e a sua entrada em França; escreveu-o em uma carta á dama da Czarina, M.lle Stourdza. O Imperador vira a carta, e quiz conhecer essa mulher vidente. Appresen-

taram-lh'a em Maio de 1815, em Heilborn. Já as Potencias da Europa se congregavam contra Napoleão. D'essa hora em diante a Baroneza de Krudener actuou no espitito de Alexandre I, acordando-lhe os sentimentos de humanidade, de justiça, suscitando na alma de um despota um ideal de liberdade fundada no progresso social. Quando se realisou a ideia da Santa Alliança, entrevista pelo rei da Prussia depois da batalha de Dresde, o Czar é que apresentou a fórmula do pacto: "Sustentar á face do universo a inabalavel determinação de tomar como norma de proceder, quer nas relações politicas, quer nas do governo, os preceitos da *justiça*, da *caridade* e da *paz*." Este acto de 20 de Septembro de 1815, deu a Alexandre a preponderancia moral sobre as Potencias da Santa Alliança. O illuminismo, que tornou por vezes Alexandre liberal e humano, M.me Krudener lh'o suscitou e alentou. E' como disse; as mulheres são ainda Sibyllas, que inspiram os altos ideaes.

PATROCINIO

Libertar esta Patria, é um supremo ideal. Se tivessemos aqui uma Baroneza de Krudener!... Portugal não se veria abandonado sob a pata do leopardo inglez, com a connivencia imbecil dos Senhores do Rocio!

GOMES FREIRE

Não tendes o illuminismo da Krudener, por que possuis virtudes que lhe faltaram na sua vida turbulenta e desvairada. Abalam-vos as profundas emoções de um coração que estala ao vêr esta gloriosa terra abysmada pela degradação dos seus governos, e de uma nobreza infamada por clamorosas covardias. Vós me fazeis sentir que existe um povo, cahido em lethargo, mas que não está morta a Alma portugueza.

PATROCINIO, *aproxima-se da jardineira que está na sala e tira de uma caixa de sandalo um papel:*

Quero mostrar-vos o celebrado *Canto da Espada,* composto por Koerner na véspera da batalha em que caíu morto, mas que foi a principal causa do triumpho.

GOMES FREIRE, *tomando o papel, e percorrendo-o com a vista:*

Uma traducção portugueza do *Canto da Espada?* Concedei-me o encanto de ouvil-o recitar pelos vossos labios.

PATROCINIO, *retomando o papel e lendo com uncção:*

—Branca, fulgente Espada!
Por quê, oh doce amada,
A meu lado pendente,
Sorris alegre e crente?
«Um cavalleiro a morte
Affronta em seu transporte;
Em tua mão, oh bravo,
Jámais serás escravo.

—Livre Espada gloriosa,
Sê hoje a minha esposa;
N'um osculo de fogo
Una o perigo logo.
«Eu sou a tua amante
Vibrando flammejante,
No ardor com que te affoite,
Mais que em nupcial noite.

—Chega a noite anhelante;
Ouve o clarim distante!
Trôa o canhão no espaço,
Nuncio do nosso abraço.
«Palpitante deliro;
No amplexo em que firo,
Ardo! leva-me, vôa,
Serei tua corôa.

—Silvando no ár, voltêa;
Fulge a vital Ideia,
Canto de heroicidade:
Sangue é a Liberdade.

GOMES FREIRE

Eu ainda ouvi essa Canção de Koerner, na evacuação das tropas francezas do Marechal Gouvien de Saint-Cyr, nas ruas de Dresde. Levava á hallucinação; e senti, ao ouvil-a, que eu tambem tinha uma Espada... uma Patria escravisada.

PATROCINIO

Comparae com este Canto que levanta as almas, a abjecção do *Hymno patriotico da Nação portugueza,* que o famoso Marcos Portugal pôz em musica.

GOMES FREIRE

Tenho-o ouvido.

PATROCINIO

Que versos indignos e ultrajantes! exaltam o Princepe Regente pela sua nobre acção de abandonar Portugal ao Invasor; reparae para estas quadras:

Aos mares vos destes
A bem dos vassallos,
Julgando livral-os
Do impio Poder.

Malgrado o Tyranno,
Em breve vireis,
Os Lusos fieis
Vós mesmo reger.

Mas estas palavras servem só para embalar o somno do Zangão-Mór no Rio de Janeiro, entregando Portugal á expoliação da Inglaterra, que aqui nos subjuga pelo seu mais odioso Proconsul.

GOMES FREIRE, *contemplando-a:*

Pela primeira vez sinto vibrar a alma da Lusitania.

PATROCINIO

Uma mulher insignificante, sem destino.

GOMES FREIRE

Ereis digna de receber a *Ordem de Maria Luisa,* instituida para os que trabalham pela liberdade da Allemanha. A bella rainha Luisa, quando a Allemanha estava devastada pela invasão napoleonica, é que impelliu seu marido Frederico Guilherme, da Prussia, á guerra contra a França, e é que realisou, pelo seu influxo moral, a alliança secreta defensiva com Alexandre I da Russia.

PATROCINIO

O celebre tratado de Potsdam.

GOMES FREIRE

Que foi jurado sobre o tumulo de Frederico o Grande, á meia noite, pelo rei da Prussia e pelo

Imperador da Russia, estando presente a Rainha Luisa, que n'esse momento era a alma de uma Nacionalidade. Ella acompanhou o marido nas guerras, doente; mas apesar das derrotas de Austerlitz, de Iena, e dos tratados espoliadores como o de Tilsit, ella é que inspirava sempre a força moral ao marido, e o levou a regeitar as concessões humilhantes de Napoleão. Foi ella, que obrigada a fallar com Napoleão em Weimar, quatro dias antes do desastre de Iena, lhe disse as memoraveis palavras=que estava convencida que o unico meio de salvação consistia na união a mais intima de tudo quanto tinha o nome de allemão.=

PATROCINIO

São conhecidas as palavras de Napoleão ácerca da Rainha Luisa, a quem elle apressou a morte: "Ella era gentil, espirituosa, e prodigiosamente insinuante.„

GOMES FREIRE

A sua morte fez vibrar o sentimento allemão. Nós, os Portuguezes, ainda temos mulheres com o poder suggestivo de acordar o espirito de revolta e de independencia; ah, faltam-nos os Poetas. Chama-se a *Campanha dos Poetas,* essa lucta que desde a victoria de Dresde pôz fóra da Allemanha ò exercito da occupação napoleonica, e precipitou a queda do Imperio e a abdicação

do Côrso. Se tivessemos Poetas como Koerner, que insurreccionava as almas com as suas Canções, e que reunidas hoje no livro *A Espada e a Lyra*, são um eterno estimulo de resistencia nacional! Elle teve a fortuna de selar a verdade das suas Canções morrendo no combate de Rosenberg, tendo composto na vespera a *Canção da Espada!* Eu visitei o seu tumulo em Woehlen, debaixo de um carvalho secular; li as palavras da inscripção: = Saudação ao Poeta, que pela sua espada conquistou um tumulo em uma Terra livre! =

PATROCINIO

Uma Terra livre! Camões morreu quando viu a Patria escrava.

COMES FREIRE

Elle tornou rediviva a alma nacional no Pregão eterno dos *Lusiadas. (Tocam as ultimas badaladas da sineta do Recolhimento).* Ainda uma palavra. No tumulo do poeta Koerner esculpiram esta inscripção, que deixou para sempre no meu espirito uma impressão indelevel:

= Patria! ordenaste que morressem por ti! Nós te obedecêmos. Aquelles que nós amámos herdarão a Liberdade implantada com o nosso sangue. Floresce, Liberdade! eleva-te sobre as nossas ossadas! =

Não podemos em Portugal esperar n'este concurso da *Espada e da Lyra* para a sua libertação. Não surgirá um Koerner que insurreccione os espiritos, mas o sangue de Hofer acorda todas as energias.

PATROCINIO

Comprehendo agora todo o sentido da divisa que escolhestes para o Livro da defeza militar de Portugal: *Dulce et decorum est* — PRO PATRIA MORI.

Despedem-se: ouve-se o toque das Ave-Marias, e a sineta chamando para o Côro.

ACTO I

O BAILE DA ACCLAMAÇÃO

No palacio do Pateo do Saldanha, residencia do Marechal Beresford. — Salão de baile sumptuosamente adornado de flôres e lustres. Quarteto de instrumentistas na ultima sala ao fundo. Emquanto se dansa animadamente, alguns grupos de convidados vem conversar até ao proscenio.

SCENA I

CABO LUIZ e VETERANO SALES, *dispondo as cadeiras do salão e accendendo os lustres.*

VETERANO SALES

Oh cabo Luiz! isto é que vae ser uma festa de arromba. Hein? Mas hade ficar por muitos mil cruzados. O beefe talha por largo. Diz que é para honrar a coroação do Senhor D. João VI, no Brasil...

CABO LUIZ

Emquanto elle cá vae fazendo as suas vezes. Olha, meu amigo, todas estas despezas são uma

isca para o Marechal apanhar mais dinheiro a esta desgraçada nação. Sabes quanto elle chupa por mez? Outocentos e sessenta e seis mil reis, que é o sôldo.

VETERANO SALES

Parece-me que eu nunca vi esse dinheiro junto.

CABO LUIZ

E mais seiscentos mil reis para prato; fazendo uma conta redonda de 1.500$000 por mez. *(O Veterano, dando uma gargalhada.)* Então de que é que tu ris? É da pouca vergonha da chuchadeira?

VETERANO SALES

É dos seiscentos mil reis para prato. De sorte que este pobre Portugal, que lhe apara os coices, ainda lhe paga as pançadas e as bebedeiras.

Olha, meu amigo, eu lá andei na guerra do Roussillon, em que os soldados portuguezes mostraram quem eram. E qual foi a paga? Um decreto concedendo cá á tropa fandanga o signal de distincção, de trazer sobre o braço direito uma granada bordada de lã branca! Ainda me está lembrando a cantiga, com que os meus camaradas agradeceram a distincção:

Tá, té, ti, tó, tú,
Granada no braço,
Ponta-pé no... (não é preciso dizer aonde).

Ah, cabo Luiz! se ainda houvesse portuguezes! Olhe que isto é uma dôr de alma. Contou-me o sargento de Infanteria 4, o Henrique José Garcia de Moraes, que todos os Officiaes portuguezes têm sido postos fóra da fileira, para dar logar aos officiaes inglezes, que estão hoje commandando as tropas; e que o coronel Monteiro de Carvalho fôra reformado á má cara, devendo-se-lhe trinta mezes de soldo, e deixando-o a pedir, casado e com filhos menores! E como este muitos outros officiaes portuguezes se acham hoje na miseria.

CABO LUIZ, *sorrindo mysterisamente:*

Eu bem sei quem era capaz de pôr isto no são...

VETERANO SALES

Tambem eu; tambem eu. Aquillo é que é um homem! Ganhou a Espada de honra, que lhe deu a Imperatriz da Russia.

CABO LUIZ

Eu sou capaz de jurar, que elle não vem a este baile do Marechal.

VETERANO SALES

Só se elle tivesse uma alma de cantaro. O major José Francisco das Neves, do batalhão de Atiradores de Lisboa Occidental, *(a meia voz)* disse que ouvira dizer ao Tenente-General Gomes Freire que recusara o convite para o baile... Assim entendo eu o que é ser homem.

CABO LUIZ, *com surpreza:*

Anda gente no salão. Caluda.

SCENA II

Os mesmos e JOSÉ PEDRO MARQUES

VETERANO SALES

Que melro! É o mestre de Grammatica do Collegio militar, o José Pedro Marques, que denunciou no anno passado nos Estáos da Casa primeira das Audiencias da Inquisição, a Gomes Freire como *Pedreiro livre.* E para disfarçar a quem lhe encommendou a denuncia, tambem incluiu o nome da mulher do *Visconde de Juromenha.*

CABO LUIZ

Não ponhas mais na carta. Anda ahi o dedo do Marechal Beresford. Vamos embora; *(Lançando o olhar para o arranjo do salão)* tudo está como um ramalhete.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Sua Excellencia o Marechal, Marquez de Campo Maior, Senhor do Almoxarifado de Torres Novas, não tarda a vir passar a ultima revista ao salão. *(Os dois Veteranos sáem.)* Ouvi tudo quanto esses pobres diabos disseram na impunidade da sua insignificancia. *(Puchando um papel.)* Mas, apanhei tres nomes de inimigos do Marechal *(Lê:)* Henrique José Garcia de Moraes, Sargento do 4 de Infanteria; o Coronel reformado Monteiro de Carvalho; o Major do Batalhão de Atiradores José Francisco das Neves; e sempre essa figura, que não apparece, e se sente em toda a parte, Gomes Freire, que é de quem o Marechal Beresford se receia, porque os *Senhores do Rocio,* esses *(rindo)* são chapados idiotas. E' o senhor Marechal que chega. *(Retira-se surrateiramente.)*

SCENA III

MARECHAL BERESFORD, ARCHIBALD CAMPBELL

BERESFORD, *contemplando o aspecto do salão:*

Esplendido! Verdadeiramente esplendido! Quero mostrar a estes portuguezes, que se o rei bem me paga, eu sei exaltar com a maior pompa a sua fidelissima magestade. Diga-me, Commandante Campbell, parece-lhe que o Tenente General Gomes Freire não recusará o meu convite para este baile da Acclamação?

CAMPBELL

Não ouso conjecturar.

BERESFORD

N'este baile pelo regosijo da Acclamação de El Rei o senhor Dom João VI, reuno aqui os Governadores do Reino, os altos dignitarios e fidalgos. Espero que Gomes Freire não falte. E faltando . . .

CAMPBELL

Qualquer encommodo. . .

BERESFORD

N'esse caso, conheço que me é contrario; ficarão confirmadas certas denuncias.

CAMPBELL

Gomes Freire é um caracter digno, intemerato, incapaz de mesquinhas hostilidades. Reconheço que é um perfeito homem de honra, e como tal hade ser indubitavelmente patriota. Respeitam-o por isso sir John Wilson, Durban, John Campbell e Ricard Amstrong, verdadeiros amigos dos Portuguezes.

BERESFORD

Patriota?... *(Sorrindo ironicamente.)* Quer dizer que não apparecerá no baile. Em tal caso, offende a Magestade real, e a mim que a represento, e não sei se aos Governadores do Reino. Este assassinato de Kotzebue em Manheim, em 23 de Março, por um mancebo das Sociedades secretas de Estudantes, foi um tremendo aviso ás Potencias da Santa Alliança contra a expansão do jacobinismo. E' n'este momento, e em consequencia de tal facto, que o ministro dos negocios Estrangeiros, lord Castlereagh me escreve com intimativa recommendando vigilancia e rigor contra as Sociedades secretas que em Portu-

gal estão em relações com as Lojas maçonicas de Hespanha, para aqui implantarem o systema politico do Parlamento. As Sociedades secretas da Allemanha, o *Burschenschaften* e *Tungendbund*, condemnaram á morte Kotzebue, por que sustentava que os Povos não tinham direito a reclamarem Governos representativos, nem a votarem as suas contribuições. Ora, em Portugal eu sei que se aspira ao estabelecimento das CÔRTES, como em Hespanha. A politica ingleza não pode admittir uma tal audacia, e a sua repressão irá até ao sangue, em que será afogada.

CAMPBELL, *cauteloso:*

Aproximam-se de nós o Tenente Coronel Haddock, governador da Torre de S. Julião; e o coronel de Divisão sir Ricardo Amstrong.

BERESFORD

Não é segredo para elles este assumpto. A Inglaterra não pode abandonar Portugal ás aventuras do regimen liberal; convem-lhe n'este recanto da Europa conservar o Absolutismo puro. Só assim continuará a ser o seu ponto de apoio no continente, onde mantem firme a *pata ingleza*, como dizem os taes. *(Os dois officiaes aproximam-se e cumprimentam respeitosamente.)* Sim. Bem nos devemos lembrar, que depois

das grandes batalhas de Austerlitz, de Iena, de Friedland e de Wagram, tornou-se Napoleão o arbitro da Europa, e tratou logo de fechar á Inglaterra o litoral europeu, reduzindo-a ao seu isolamento insular.

CAMPBELL

Apenas restou á Inglaterra o apoio das Duas Sicilias e da Sardenha...

BERESFORD

Cujos reis foram por isso despojados do seu dominio continental. Foi preciso que Napoleão, desvairado pelo orgulho, viesse ferir as duas Nações peninsulares, Hespanha e Portugal, para que estes povos se alevantassem em massa contra o violador das suas liberdades.

CAMPBELL

Bem dignos das suas liberdades tradicionaes.

BERESFORD

E no momento em que os seus indignos monarchas Fernando VII e Dom João VI, seu abjecto cunhado, fugiam diante da invasão, abandonando ao inimigo os seus vassallos (como lhes chamam na Chancellaria absolutista) coube á Inglaterra a

generosa missão de vir em auxilio d'estes dois Povos.

CAMPBELL

Elles deram-nos soldados corajosos, guerrilhas enthuziastas, com que pela firmeza dos generaes inglezes o prestigio dos exercitos de Napoleão ficou ferido de vez.

BERESFORD

Sim; certamente. A Hespanha, vendo-se liberta, recebeu Fernando VII outra vez, sob promessa de admitir algumas instituições liberaes. Por este estratagema a Hespanha saíu da dependencia da Inglaterra. Resta-nos sómente Portugal, como o unico apoio no continente europeu. Para o conservar n'esta imprescindivel dependencia, a boa politica tory, mantida por lord Castlereagh, é conservar bem longe, lá no Brasil, o rei Dom João VI, e entretêr os seus ministros com alguns movimentos democraticos, como esse de Pernambuco; e aqui reprimir todas as velleidades do *liberalismo* até com a mão do algoz, se tanto fôr preciso.

(Entram os Governadores do Reino, Marquez de Borba, D. Miguel Pereira Forjaz, Salter de Mendonça, Ricardo Raymundo Nogueira, Alexandre José Ferreira Castello: cumprimentam Beresford, com bajulação degradante.)

SCENA IV

Os mesmos, MARQUEZ DE BORBA, D. MIGUEL FORJAZ, RICARDO RAYMUNDO NOGUEIRA

MARQUEZ DE BORBA, *á parte, para D. Miguel Forjaz:*

Ainda cá não está o homem.

D. MIGUEL FORJAZ

Duvido que appareça, reconhecido como é o seu temperamento impetuoso, convertendo-lhe a valentia em orgulho provocador.

BERESFORD, *aproximando-se:*

Fallavam no caso do dia? na noticia do assassinato de Kotzebue?

MARQUEZ DE BORBA

Certamente. A morte de Kotzebue vae determinar uma forte corrente de repressão em todos os paizes em que existem aspirações liberaes.

BERESFORD

O meu ministro lord Castlereagh n'este ponto tem ideias muito definidas. A Inglaterra liberal

desde 1812 que se entregou incondicionalmente ao partido tory.

D. MIGUEL FORJAZ

Os perigos externos é que levaram a generosa nação britanica a entregar-se á reacção contra todo o espirito liberal.

CAMPBELL

O ministro lord Castlereagh é accusado de ter sido levado a actos incompativeis com os deveres impostos a um ministerio inglez tory. Attribue-se isso á sua longa convivencia com soberanos e ministros hostis á liberdade. Eu penso que no seu conservantismo exagerado obedece a um terror cego.

D. MIGUEL FORJAZ

Ás vezes, para atalhar o espirito de novidade, o Governo inglez viu-se forçado a destruir certas reformas reclamadas pela rasão e pela justiça...

BERESFORD

Por que essas reformas eram provocadas pelas conquistas da Revolução.

CAMPBELL

Em certa fórma podemos dizer, que a mediocridade dos ministros conservadores é que os col-

loca n'esta situação deploravel: desconhecem a sua impossibilidade de sustentar as velhas instituições britanicas, ou de modifical-as em sentido liberal.

(Entram Magistrados com suas togas e insignias, a cumprimentar Beresford.)

SCENA V

Os mesmos, DESEMBARGADOR GUIÃO e CHANCELLER-MOR NEGRÃO

BERESFORD,*para D. Miguel Forjaz:*

Quem são estes dois venerandos cavalheiros, que me cumprimentaram tão rasgadamente?

D. MIGUEL FORJAZ

O menos velho, é o Desembargador Abreu Guião, que fazendo as vezes de Presidente do Senado de Lisboa foi com outra Deputação cumprimentar Junot, declarando que a situação de Portugal—precisa quem a reja com sabedoria, proteja a Religião, faça reinar a Justiça, respeitar as Leis, animar as Artes e as Sciencias, procure a abundancia e conserve a paz. "E espe-

rando na escolha de um novo Rei por Napoleão," diz só será vantajosa "sendo regulada pelos heroicos sentimentos de um Monarcha tão illuminado, tão generoso e pio como S. M. I. e R., de quem pende a conservação da energia portugueza."

BERESFORD

Boa musica. E esse decrepito?

D. MIGUEL FORJAZ

É o Chanceller-Mór do Reino, o Desembargador Manoel Nicoláo Esteves Negrão, dos taes que foram felicitar Junot pela sua occupação de Lisboa. Fallou em nome da Magistratura portugueza, e da Mesa do Desembargo do Paço, apresentando: "O voto uniforme dos Portuguezes, de reconhecimento, gratidão, respeito e obediencia a tão grande Monarcha,—e o mais exacto cumprimento ás Reaes ordens de Napoleão o Grande."

BERESFORD

Desgraçado Povo portuguez, torpemente invocado por quantos o vendem e vilipendiam. Mas essas phrases dos Desembargadores fazem-me meditar. Vêjo que *n'esta terra ha Juizes,* não como o de Berlim, do tempo de Frederico II, mas para cohonestarem em nome da Lei todos os arbitrios dos governos.

D. MIGUEL FORJAZ

Isso é velho achaque. E se ámanhã estes ventos liberaes de Hespanha soprassem em Portugal, mesmo com o regimen parlamentar, a Magistratura, pelo seu egoismo das promoções, estaria sempre do lado do arrôcho.

BERESFORD

O velho dictado *Cedant arma togae,* acha-se invertido em Portugal; as togas estão ao serviço de quem tem força. Não deixa de me fazer certa conta. Ás vezes ha situações em que é preciso fazer do tôrto direito.

D. MIGUEL FORJAZ

E tambem a Santa Egreja lá diz: Deus escreve direito por linhas tortas.

BERESFORD

Nós entendemo-nos fundamentalmente. Bem avisado andei quando propuz e obtive de S. Magestade El Rei Dom João VI, a vossa nomeação de Ministro e Secretario dos Negocios da Guerra. Outro qualquer ministro andaria sempre em conflicto commigo, que sou o Commandante em chefe do Exercito portuguez, e eu preciso de exercer muita severidade e resoluções immediatas.

D. MIGUEL FORJAZ

Marechal! Estamos em tudo de accôrdo pleno, e até em um ponto especial.

BERESFORD

Especial?...

D. MIGUEL FORJAZ

Nutrimos os mesmos odios...

BERESFORD

Elle diz que eu sou *bastardo!* Ah, que eu lhe mostrarei que sou legitimo saxão na garra, que um dia ainda lhe cahirá em cima.

D. MIGUEL FORJAZ

Ouvi-lhe fallar d'esse facto! Como se as acções não nobilitassem os homens.

BERESFORD, *olhando para o grupo das senhoras:*

Ainda não fui cumprimentar sua excellentissima esposa, e muito minha senhora D. Joanna Eulalia. *(D. Miguel Forjaz acompanha-o.)*

D. MIGUEL FORJAZ

A Condessa lisongea-se em extremo com as suas graciosas attenções.

MARQUEZ DE BORBA, *no grupo dos Senhores do Rocio:*

Esta sumptuosidade pharaónica contrasta com a nossa miseria publica. Ainda no 1.º de Janeiro d'este anno, tivemos de levantar dois milhões de cruzados a juro de seis por centro, para pagar as despezas feitas com a viagem da Princeza Leopoldina, de Austria, de Leorne para o Rio de Janeiro, para ir desposar o principe herdeiro D. Pedro de Alcantara.

RAYMUNDO NOGUEIRA, *á parte:*

Assim se tolera ao Zangão-mór.

SALTER DE MENDONÇA

E já cá temos ordem para tomar de juro mais quatro milhões de cruzados.

FERREIRA CASTELLO

Para sustentarmos um exercito de 40:000 homens, dando de comer á tripa fôrra a esta officialidade ingleza, e á tyrannia de um Proconsul prepotente.

MARQUEZ DE BORBA

E para que, tudo isto? Para lord Castlereagh escrever ao conde de Palmella, para que communique ao Gabinete do Rio de Janeiro: "Que sua Magestade britanica *não se julga na obrigação de defender Portugal*, se a Hespanha justamente usasse de represalias; e aconselhava então que lhe parecia prudente que os *Portuguezes se preparassem para sua defeza.*"

SALTER DE MENDONÇA

Degradante protectorado. E ainda se queixam da Maçonaria em querer Côrtes! *(Sente-se um rumor; voltam-se para o sitio por onde entram mais Cavalheiros e Damas.)*

RAYMUNDO NOGUEIRA

Será elle? Será elle?

MARQUEZ DE BORBA

Sempre veiu ao baile?

FERREIRA CASTELLO

O Gomes Freire! Não creio. *(Risadas ironicas.)* E' o Lacerda! o antigo Coronel Ajudante

de ordens de Beresford, e hoje Secretario das Resoluções immediatas do Marechal Marquez de Campo Maior.

RAYMUNDO NOGUEIRA

Traz pelo braço a esposa, a Ex.ma Viscondessa de Juromenha, D. Maria da Luz Willonghly da Silveira.

FERREIRA CASTELLO

Não tardará muito que a Luz attraia...

RAYMUNDO NOGUEIRA, *á parte:*

O *afagador*.

D. MIGUEL FORJAZ, *voltando ao grupo dos Governadores do Reino:*

Decididamente, o homem não acceitou o convite. *(Com satisfação)* A situação da Regencia torna-se mais desaffogada, ante o auctoritarismo do Marechal. O antagonismo entre Gomes Freire e Beresford está patente; e dois gallos n'um poleiro não é possivel. Um d'elles se hade apoiar nos Governadores de Portugal, n'esses *Senhores do Rocio*, como o Marechal grosseiramente nos chama. Eis o dilemma: Ou Gomes Freire avoca a si por um pronunciamento o commando do Exercito portuguez e destitue Beresford e a sua

officialidade; ou Beresford apanha Gomes Freire na rêde da indisciplina, e manda-o fusilar, immediatamente. Ainda n'este caso, embora o peior, vêmo-nos livres do despota, pelo odio irreconciliavel da nação, que cahirá sobre elle, e ao mesmo tempo acaba esse prestigio ameaçador do Grão Mestre da Maçonaria, d'esse adepto do liberalismo que quer umas Côrtes custe o que custar.

BERESFORD, *approximando-se de D. Miguel Forjaz:*

Que lhe parece? O homem da Espada de honra atreveu-se a desconsiderar o meu convite! Não veiu. Agora é que me convenço da verdade da sua revelação, senhor ministro; quando em septembro passado regressei do Brasil, communicou-me V. Ex.ª que o general Gomes Freire tinha-me na conta de um bom disciplinador militar simplesmente, mas que eu era privado de toda a capacidade estrategica, um mediocre tactico.

D. MIGUEL FORJAZ

Isso lhe ouvi.

BERESFORD

Elle experimentará a minha capacidade estrategica. Entende-me?

D. MIGUEL FORJAZ

Oh! muito bem! se entendo.

BERESFORD, *vendo aproximar-se a Viscondessa de Juromenha, pelo braço do marido:*

Mostremos-lhe... Adeus; vem ahi a Viscondessa. *(Deixando o Ministro da Guerra, e dirigindo-se para a dama.)*

VISCONDESSA

Marechal! felicito-o. O baile está deslumbrante.

BERESFORD, *passeando com a Viscondessa de Juromenha, em quanto se dansa uma quadrilha ao fundo do salão:*

Antes da chegada da Viscondessa o baile da Acclamação estava frio; agora tem uma Luz, que deslumbra e encanta.

VISCONDESSA

O Marechal, sabe admiravelmente alliar á hombridade britanica o espirito francez. *(Olha para varias partes do salão, como distrahida.)*

BERESFORD

Estás preoccupada, Viscondessa? Uma nuvem passou pelo vosso espirito.

VISCONDESSA

Procurava uma pessoa.

BERESFORD

Comprehendo. Gomes Freire não veiu até agora; com certeza não acceitou o meu convite.

VISCONDESSA

Lêstes no meu pensamento, Marechal.

BERESFORD

Não é a primeira vez, nem será a ultima.

VISCONDESSA

Mas, esta falta de Gomes Freire?

BERESFORD

Estou encantado com ella; era o que eu mais desejava.

VISCONDESSA

Para que, se não é indiscrição minha?

BERESFORD

Oh, não! não é indiscrição. Ahi vem Lacerda, o Visconde, a quem tenho de communicar o facto, que tem para nós uma importancia excepcional. *(O Visconde de Juromenha aproxima-se do grupo.)* Já tereis notado que elle não veiu ao baile?

VISCONDE

Effectivamente, não está no baile Gomes Freire. Mas nem por isso o baile perde a minima importancia; estão representantes das mais altas corporações: o Desembargo do Paço, a Casa da Supplicação, o Erario regio, a Junta dos Tres Estados, o Senado da Camara de Lisboa, a Meza Prioral do Grão Priorado do Crato, a Real Junta do Commercio, a Meza do Bem Commum, a Junta do Proto-Medicato, o Juizo de India e Mina, o Juizo dos Cavalleiros, as Chancellarias Móres do Reino, do Estado e Casa de Bragança e das Tres Ordens...

BERESFORD

Basta, basta! Isto ainda torna mais significativa a sua falta hoje aqui. Desattender o meu convite!

VISCONDE

Mais alguem o tem notado. Até os Membros da Regencia.

BERESFORD

Até os Senhores do Rocio! Já vê. Agora... Como sabeis, existem em Lisboa varias Associações maçonicas de accôrdo com as Sociedades secretas hespanholas, que trabalham para implantar umas *Côrtes,* e com esse poder politico pôr fóra de Portugal a protecção ingleza. Assim o fiz saber em uma extensa Memoria dirigida aos Ex.mos Governadores do Reino; e a propria Regencia ordenou em 10 de Janeiro d'este anno ao Intendente Geral da Policia João de Mattos Vasconcellos Barbosa de Magalhães, que verificasse, como de facto verificou, a existencia de uma Conspiração entre as Lojas maçonicas de Hespanha e as de Lisboa *para substituirem as Dynastias, e promulgarem uma Constituição.* Em vista d'este perigo, tenho de enviar-vos á Côrte do Rio de Janeiro, como meu Secretario das Resoluções immediatas. Careço de mais poderes; e El-Rei Dom João VI não me recusa essa garantia da estabilidade do seu throno na Europa.

VISCONDE

Partirei á primeira ordem. *(Beresford, com a Viscondessa, pelo braço, dá mais alguns passos.)*

BERESFORD

O Visconde, seu marido, partirá por estes dias proximos. São seis mezes de ausencia, e seguros. Um sonho, um delirio. Ha males que vêm por bem.

VISCONDESSA

Curtiremos saudades, como puder ser. Dona Joanna Eulalia e as sobrinhas, filhas do Conde de Rio Maior, têm os olhos fitos em nós. Vou sentar-me. *(Beresford vae conduzil-a. Começam as dansas vertiginosas).*

SCENA V

Os mesmos, o CAPITÃO ANDRADE CORVO

BERESFORD, *vendo-o entrar agitado:*

Diante d'este perigo dos agentes liberaes hespanhoes, recorri á espionagem dos Officiaes portuguezes, para frequentarem os botequins da capital, do Marrare, do Rocio, dos Capellistas e surprehenderem as conversas. Este capitão José de Andrade Corvo é incomparavel em taes serviços.

ANDRADE CORVO, *tendo descoberto o Marechal:*

Meu Marechal e Senhor Marquez. Foi arrancado agora em uma das esquinas do largo de San Paulo este Pasquim anonymo. *(Entrega um papel com letras garrafaes.)*

BERESFORD, *em voz alta:*

Quero lêr essa infamia! *(Faz-se um silencio glacial; interrompem-se as valsas, e cala-se a orchestra.)* E' em verso o libello famoso. *(Lê com voz cadenciada e aspera):*

— Quem arruina Portugal?
« O Marechal.
— Quem são os Traidores?
« Os Governadores.

Para o Marechal
Um punhal.
Para os Governadores,
Estertores.

(Fica calado pela emoção da colera violenta; quando todos estão attonitos e indecisos, entra o Intendente geral da Policia com um grande Cartaz na mão.)

SCENA VI

Os mesmos e o INTENDENTE

MATTOS VASCONCELLOS

Senhor Marechal! o espião Seraphim Antonio Gomes arrancou da esquina do Boqueirão do largo do Corpo Santo esse papel com a Letra R, do tamanho de um covado; e declarou-me que outros papeis do mesmo tamanho e com a mesma letra se encontraram depois da meia-noite pregados por varios pontos da cidade e até em Belem. Ignoro o sentido.

BERESFORD, *observando o papel:*

E' um—R—muito grande! Um symbolo, um enigma, que eu muito bem entendo. E' a Revolução, que se anda tramando nas Sociedades secretas, como essas que decretaram a morte de Kotzebue. Eu bem sei que a Revolução estava combinada para rebentar nas Festas da Acclamação, e portanto d'esta vez ficou frustrada; mas eu defendo a Dynastia dos Braganças do abysmo da Republica. Eu bem sei d'onde parte esta agitação; vem dos emissarios hespanhoes, que andam por ahi disfarçadamente pelos botequins de Lisboa, propagando ideias de *Liberalismo:* fazendo nascer as

aspirações a uma Carta outorgada como a que Luiz XVIII outorgou a França, e que já subtrahiu a Hespanha á influencia da Inglaterra. Bem sei que já não tenho a temer por causa das complicações do Governo do Rio de Janeiro em Montevideo, que o exercito hespanhol invada Lisboa; mas agora não posso perder esta occasião propicia para inutilisar esse homem, o unico que em Portugal póde arrancar-me o poder, e mesmo expulsar-me d'aqui, d'este Portugal, que é a base das operações da Inglaterra na Europa! Gomes Freire é Maçon, o Grão Mestre prestigioso. E' por consequencia chefe de todos os movimentos liberaes, e por ventura em intelligencia com os liberaes hespanhoes. E' esta a pista para o alcançar e envolvel-o em uma Conspiração. Não me escapa; juro-o! Seja o primeiro passo obtêr poderes discricionarios do Rei Dom João VI. Basta-me o conceder a execução das sentenças de pena maior sem sancção regia. *(Em voz alta:)* Lacerda! Meu secretario das Resoluções immediatas, tendes de partir em breve para a Côrte do Rio de Janeiro com uma Carta de Prégo. *(Dirigindo-se a meia voz ao Visconde de Juromenha:)* Vós tendes de partir ámanhã para a Côrte do Rio de Janeiro. Quero mais prazeres, *(abanando a cabeça negativamente)* quero mais poderes. *(O salão só conserva alguns persqnagens officiaes.)*

UM DOS REGENTES

No dia 29 de Maio, d'aqui a cinco dias, a Regencia do Reino tem de escrever para o Rio de Janeiro. Serão estes os topicos da carta: "Perigos que ameaçam o paiz... *(Com certa gravidade:)* Pinturas maçonicas, letras mysteriosas; pannos talhados em *fórma não ordinaria*... „

BERESFORD, *com orgulho:*

Les Magistrats feront de plus ce qu'il leur paraitra necessaire.

OUTRO REGENTE, *sentindo o sarcasmo:*

E tendes na vossa Officialidade magnificos espiões.

BERESFORD

Mãos á obra *(abrangendo nos braços os dois Regentes.)* Vós sois a Justiça, e eu a Espada.

ACTO II

O JANTAR NO LEÃO D'OURO

Sala grande de jantar no Restaurante do Leão de Ouro, em que está enfeitada uma meza sem convivas; mais á bocca da scena pequenas mezas para duas a quatro pessoas.

SCENA I

JOSÉ PEDRO MARQUES; JOSÉ DE ANDRADE CORVO

JOSÉ PEDRO MARQUES

Por aqui! Alguma aventura no Leão de Ouro? Onde vos vim encontrar?

ANDRADE CORVO, *com surpreza:*

E' facil penetrar o mysterio. Não é hoje o dia 1.º de Maio, da grande Festa solsticial, celebrada pelos Maçons, que substituem Deus pela Natureza? E' natural que essa Pedreirada com as suas

flores da acacia, venham aqui fazer o seu banquete de Fraternidade. Andam por ahi certos liberaes hespanhoes disfarçados; suspeito que trocarão brindes com os liberaes de cá.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Bom meio para conhecel-os. Gomes Freire, que é agora o Grão Mestre, não deixará de apparecer. Viestes tão cedo. Tendes de esperar muito ainda...

ANDRADE CORVO

Eu espero dois amigos, que vêm almoçar commigo. Não é patuscada; é serviço... O Marechal quer mandar o Visconde de Juromenha á côrte do Rio de Janeiro, e carece de uns certos fundamentos da Conspiração em que fallara em Janeiro aos Governadores do Reino. Agora, como o Tenente-General Gomes Freire não foi ao baile da Acclamação, trata de desmascarar as baterias.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Os *nossos* conhecem a importancia d'esse facto. Trabalhemos *Ad majorem Dei gloriam:* é preciso destruir esse homem e com elle a seita dos Pedreiros-livres, que luctam pela liberdade politica; querem Constituições, Parlamentos e Soberania nacional.

ANDRADE CORVO

Gomes Freire tem de ser derrubado, e Beresford será o instrumento dos *nossos*, servindo o seu orgulho.

JOSÉ PEDRO MARQUES

E' preciso que o Marechal saiba que o homem da Espada de honra lhe chama *bastardo.*

ANDRADE CORVO

Já o sabe.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Que, de mais, Gomes Freire o considera apenas rigoroso disciplinador, mas privado de talento estrategico.

ANDRADE CORVO

Isso accende no Marechal uma colera irrefreavel. Trabalhamos agora para envolvel-o na rêde dos Emissarios hespanhoes, que ahi apparecem a combinarem uma revolução liberal. E' o que me traz aqui a encontrar-me com dois amigos.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Quem são os amigos?

ANDRADE CORVO

E' o tenente Pedro Pinto de Moraes Sarmento, ajudante de ordens do brigadeiro Vahia; e o outro é o bacharel João de Sá Pereira, que se acha em Lisboa, como oppositor aos logares de letras, e está para lêr no Desembargo do Paço. *(A meia voz:)* Trabalhamos debaixo das vistas do Marechal Commandante em chefe do Exercito. Eis aqui a Ordem que nos deu para nos filiarmos na eventual Conjuração:

"CONFIDENCIAL — Constando que V. S. fôra convidado para entrar n'uma Conspiração, que presumo existir n'este Reino contra El Rey Nosso Senhor, e sabendo tambem de seus briosos sentimentos para com tal convite, lhe ordeno da parte do mesmo Senhor e em seu real serviço, que haja de entrar n'essa sociedade e fazer todos os esforços physicos e moraes até com perigo e risco de vida, quando as circumstancias o exijam, para virmos no perfeito conhecimento de tão horroroso attentado, ficando certo que a sua honra nunca perigará nem para com El Rei nem para com a Patria...

Quartel general do Pateo do Saldanha, 22 de Abril de 1817.

Marquez de Campo Mayor.

Sr. Capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento."

JOSÉ PEDRO MARQUES

O Bacharel Sá como quer ser approvado, faz tudo para agradar aos Desembargadores. E quaes são os intuitos do Marechal Beresford?

ANDRADE CORVO

Quer apanhar o fio d'essa propaganda liberal dos Emissarios hespanhoes que por ahi andam disfarçados, e mandar sobre isso um relatorio á Côrte do Rio de Janeiro.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Mas, já passou o receio da invasão hespanhola por causa da questão de Montevideo.

ANDRADE CORVO

E' certo; o caso mudou de figura. O Marechal vae agora n'outro rumo. Anda por ahi uma Proclamação revolucionaria, de um Alferes de cavalleria, que é doidivanas. Começa por este fogo de vistas: «Portuguezes! que criminosa apathia vos detem?...»

JOSÉ PEDRO MARQUES

Bomba de effeito! Não desgosto.

ANDRADE CORVO

E vae assim n'este tom: «A independencia nacional, a segurança particular, e publica prosperidade são os officiaes que recrutam para o nosso partido e que formarão o *Conselho Regenerador,* incapaz de vos trahir, vender ou alborcar.» Isto pode-se encabeçar em Gomes Freire, o Grão Mestre da Maçonaria.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Já vêjo que o Marechal achou pretexto para mandar o Lacerda ao Rio de Janeiro. Chucha a dois carrilhos. Concilia o amor com o odio...

ANDRADE CORVO

Para mim o difficil é apanhar a Proclamação incendiaria.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Tudo se consegue n'este mundo; sabendo-lhe o espirito fabrica-se uma Proclamação á semelhança; se é que ella mesma não é fabricada...

ANDRADE CORVO

Assim o creio; por que o tal Alferes Cabral Calheiros é um imbecil vaidoso. Disse-me o tenente

Pedro Pinto que elle a encontrara caída no chão no botequim de Santa Justa, e que gostando da linguagem appresenta a Proclamação como sua com certo desvanecimento...

JOSÉ PEDRO MARQUES, *cauteloso:*

Não convém esmiuçar n'esse ponto. Deixe correr a cousa como vae; sempre parece um documento.

ANDRADE CORVO

O tal Calheiros prometteu ao tenente Pedro Pinto e ao bacharel João de Sá, que entregaria a Proclamação se elles entrassem para a Conspiração. O Marechal auctorisa o tenente Pedro Pinto a tomar parte na Conjura; trago aqui uma carta para sua segurança pessoal. O bacharel João de Sá tambem se filia, porque tem garantida a approvação na leitura do Desembargo do Paço. Emfim, nós tres, trabalhamos sob a direcção do Marechal.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Tirado o empenho de mandar o Lacerda ao Brasil, esse trabalho de contramina é phantasmagorico. O mal que temos de combater com todas as véras é a *Maçonaria*, a *Pedreirada*. E' ella que tem espalhado por essa Europa as Socieda-

des secretas, que ameaçam as Monarchias e a Egreja com a Liberdade e com a Egualdade; é dos Pedreiros Livres que vem esse vento de Revolução que arrebata os thronos e derruba os altares. Quem conhece a fonte de todas as desgraças dos tempos modernos é a Companhia de Jesus, são os *nossos*, que trabalham para que os Reis reconheçam, que sómente depois de terem expulsado dos seus estados a Companhia, é que elles na pessoa de Luiz XVI foram levados ao cadafalso. Em Portugal as cousas estão tomando um aspecto pavoroso. Por influencia do Governo inglez, é que se permittiu que os Pedreiros Livres da Setembrisada de 1810, voltassem do exilio da ilha Terceira para o continente. E logo que esses malvados incrédulos e atheus voltaram a Lisboa em 1815, levantaram de prompto a grimpa, mal passado um anno, elegendo em 1816 Grão Mestre da Maçonaria portugueza o general Gomes Freire de Andrade! Eis o homem que temos pela frente! Temivel, por que é extremamente honrado, audaz e patriota. Dom Miguel Forjaz, Secretario da Regencia e hoje ministro da Guerra, que é dos *nossos*, vê em Gomes Freire o perigo de se subvertêr Portugal em uma revolução em que a Fé e a Corôa se afoguem no sangue de um outro Terror. Elle mesmo foi pedir ao Marechal Commandante em Chefe para cahir com todo o seu poder sobre essa horda infame dos Pedreiros Livres, que arrastarão Portugal ao abysmo. Mas o

Marechal só disse meias palavras, e ficou-se; só persegue quem serviu os Francezes, está todo virado para os Conspiradores hespanhoes, e em vez de ***apagador da Luz***, prefere ser o ***afagador da falsa Luz***. O Principal Sousa, que inspira alguns membros da Regencia, pensa que a Maçonaria só será vencida enforcando Gomes Freire.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Para mais segurança vossa eu posso informar-vos do que se passa no Conselho da Regencia. Em 11 de Janeiro d'este anno os Governadores do Reino ordenaram ao Intendente geral da Policia, João de Mattos Vasconcellos Barbosa de Magalhães, para que investigasse dos factos contidos em uma Memoria que lhes apresentara Beresford: Se havia communicação das Lojas Maçonicas de Hespanha com as de Lisboa, para fundarem o regimen das *Côrtes*, votarem uma Constituição e substituirem a Dynastia dos Bragranças? O Intendente mostrou-se optimista, respondendo, que officiara a todos os Corregedores do Crime dos Bairros de Lisboa, e aos Juizes de Fóra, os quaes lhe declararam, que havia:

—Um descontentamento geral do povo, pela ausencia da Côrte no Rio de Janeiro;

—Repugnancia contra o dominio inglez, principalmente, vendo-se preterida à Officialidade portugueza e substituida por officiaes inglezes.

—Que a noticia de troca de territorios entre Hespanha e Portugal no Brasil, denunciava um plano de abandono d'esta nossa terra...

Como vêdes, o Intendente, apontando factos, calou quem eram os agitadores; é crivel que elle mesmo seja Pedreiro Livre. A Regencia está n'essa desconfiança, e accusa-o de *tibieza;* mas é na Maçonaria que reconhece os perigos que ameaçam o paiz.

ANDRADE CORVO

Por ora não tem encontrado provas, para proceder?

JOSÉ PEDRO MARQUES

Sabem de Pinturas maçonicas e de Lettras mysteriosas, e Pannos talhados em fórma não ordinaria.

ANDRADE CORVO

Pois o Marechal corta a direito, sabe a quem lançar o arpéo, e levará os *Senhores do Rocio* a reboque. As doutrinas que professo, levam-me a pensar como o Principal Sousa, e como Dom Miguel Forjaz e mais alguem da Regencia. Porque isto de Patria o que é diante da Religião? Bem sabeis, que embora esteja Ajudante de ordens do Marechal Beresford, movo-me em tudo na *Santa Obediencia*. Perdoae-me! Eu agora ia-vos denunciando involuntariamente. *(Olhando em roda, com inquietação.)*

JOSÉ PEDRO MARQUES

Estou seguro; impenetravel.

ANDRADE CORVO

Ninguem será capaz de adivinhar que o Professor de Grammatica do Collegio militar é o mais activo e intelligente *jesuita*, que em Portugal dirige a lucta contra as Ideias do *liberalismo* ou das Cartas outorgadas, com que o illuminado Czar de todas as Russias anda envenenando os Povos, por via da França.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Dizeis bem! Este liberalismo é um *mal francez*. E tanto, que a propria Inglaterra, que funda a sua politica na fórma parlamentar ou representativa, mantém a occupação de Portugal para conserval-o sob o regimen do Absolutismo puro, e oppôl-o como barreira á Hespanha, onde Fernando VII, para se sustentar no throno, recorre á vileza de uma Carta outorgada nos moldes da de Luiz XVIII.

ANDRADE CORVO

Mas, se ninguem é capaz de descobrir sob esse singelo mestre de Grammatica um jesuita

que trabalha *Ad majorem Dei gloriam,* tambem eu faço o meu papel de Coadjutor temporal, servindo a Companhia junto do Marechal Beresford. Eu sou hoje o homem da sua confiança inteira; por mim elle sabe tudo quanto pensa a Officialidade portugueza, quaes os individuos que censuram a ausencia de D. João VI no Brasil, a quem chamam o Zangão-Mór; os que detestam o Marechal, e, os que escrevem contra elle para o Ministerio inglez. Mas o que ainda até hoje não pude foi achar um fio de intriga que envolvesse Gomes Freire.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Nem eu. Lembra-me o rifão portuguez: Quem não pode trapacêa. E para a maior gloria de Deus... os fins justificam os meios. O Grão Mestre da Maçonaria portugueza deve cahir: com elle cáem as Columnas do Templo.

ANDRADE CORVO

Por esse caminho, vou mais á vontade.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Gomes Freire é muito intelligente e comprehende a situação antinomica dos *Senhores do Rocio,* essa estupida Regencia, que para ahi está, e do Marechal Beresford, que serve cegamente as

ordens do exagerado retrogrado Lord Castlereagh, ministro dos negocios estrangeiros. No meio d'estas duas mós, ou hade ficar triturado, ou destruil-as a ambas.

ANDRADE CORVO

Com que força? Com o Exercito não, por que esses 40.000 homens que estão em pé de guerra, o Marechal tem-os comprimidos nos quadros da Officialidade ingleza. A Fidalguia é beata, e detesta Gomes Freire, desde que foi eleito Grão Mestre da Maçonaria portugueza...

JOSÉ PEDRO MARQUES

Ha um factor, que ainda não fallou, e que pode tudo...

ANDRADE CORVO

Quem?

JOSÉ PEDRO MARQUES

O Povo.

ANDRADE CORVO

O povo portuguez? um bando de piolhosos, maltrapilhos, pelintragem que ainda está á espera de D. Sebastião?

JOSÉ PEDRO MARQUES

Que tem a infinda esperança, que nunca descorçôa. E quando elle fallar, então será senhor dos seus destinos. Gomes Freire crê n'esse poder mysterioso; viu-o na Revolução franceza; viu-o na Campanha da Russia; viu-o no resurgimento da Allemanha. E' por isto que, sendo Gomes Freire tão reservado, evitando as acclamações da soldadesca, e as conversas dos soalheiros, não entrando nunca em assumptos politicos ou cousas do governo, a sua reserva mette medo ás facções conservadoras. Se elle não váe com os *Senhores do Rocio;* se elle não se entende com o Marechal Beresford, é por que confia em outro poder, o que está actualmente esmagado, o Povo, que como uma faisca latente rebentará n'um momento em enorme incendio — a Revolução. Nós, os Jesuitas, conhecemos completamente a mechanica da Revolução. Fômos nós que inventamos a doutrina da Rebellião, para se depôrem os Reis pela grande avalanche da revolta popular; fômos nós que forçámos os Reis vencidos a ligarem-se comnosco para subjugarmos o Leão popular. Já vêdes, que ha contra nós todos um inimigo commum, é Gomes Freire. Está innocente, embora; é necessario o sacrificio.

ANDRADE CORVO

Não tanto innocente, como dizeis, P.e Mar-

ques. O seu livro *Ensaio sobre o Methodo de organisação do Exercito de Portugal* á maneira da Suissa, é o plano da Nação armada! E desde que o povo se vir disciplinado e com armas na mão, ninguem mais o avergará á vontade absoluta do Rei, ninguem lhe usurpará as suas liberdades.

JOSÉ PEDRO MARQUES

E' para evitar esse abysmo que a Cruz e a Espada se entrelaçam. Vós, capitão do exercito e eu jesuita do terceiro grão, entendemo-nos e trabalhamos por todos os meios para o mesmo fim.

ANDRADE CORVO

Sob a mesma senha — a Santa Obediencia. Loyola tambem foi soldado e militarisou a Egreja.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Temos-nos derramado em considerações theoricas. Vamos aos factos, ao pratico. Importa compromettter Gomes Freire.

ANDRADE CORVO

Não entrevêjo como.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Com apparencias. E' preciso fabricar Procla-

mações incendiarias; Pasquins insultantes aos Governadores do Reino e principalmente contra Beresford, que é impetuoso e de um orgulho mais do que britanico, desvairado. Além d'isso, alliciar mais *Espiões* no Exercito, e fingir Sociedades secretas á maneira da Allemanha, arranjando sessões melodramaticas nas Pedreiras de Alcantara, onde ha uma caverna, que se presta a bellos effeitos de iniciações de Carbonarismo.

ANDRADE CORVO

Bello plano! E eu que conheço o tal Alferes que é phantasmagorico ou doido, o Cabral Calheiros, typo unico para ser levado pelo beiço, em se fallando em Liberdade! E' uma especie de Tira-Dentes da Conjuração de Minas.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Trago de olho esse sujeito ha muito tempo. Tambem é preciso apontar todos os individuos que tenham fallado com Gomes Freire, por que assim é facil tornal-o responsavel pelas ideias ou opiniões que esses individuos tiverem.

ANDRADE CORVO

Bem podeis fornecer-me o Interrogatorio ou Questionario d'essas conversas, por que assim seguiremos uma pista segura.

JOSÉ PEDRO MARQUES

A uma rêde assim tecida nada escapa pela malha. Eu estou de posse da Cifra maçonica do *Rito solar*. Eu vôl-a entrego, para se lêr por ella qualquer documento do partido liberal, ou correspondencia aprehendida d'esses Emissarios hespanhoes que por ahi enxamêam, e que se hospedam em casa da D. Saturnina Buiz, a amasia do Fuertes. O Marechal ainda não sabe que o general Cabanes, acompanhado de um Ajudante, anda incognito em Lisboa? Tomae a *Cifra*.

ANDRADE CORVO, *examinando a Cifra :*

E' engenhosa! quasi toda formada com angulos rectos differenciando-se por um ponto na maior abertura, ou formando quadrados... Agora me occorreu uma ideia! E até com esta Cifra poderemos fabricar documentos maçonicos, rigorosamente authenticos.

JOSÉ PEDRO MARQUES

Essa nunca lembrou ao diabo. Deste-me uma lição, e a jesuita que é mestre n'estes expedientes de restricções mentaes, etc., etc. Quanto ao Questionario basta por ora esta espionagem:
— Se na companhia de Gomes Freire se falla do estado presente de Portugal?

—Se elle falla ou dá opinião sobre os negocios publicos do Governo ou dos Governadores?

—Que pessoa ou pessoas são da sua intimidade e companhia, particularmente as que frequentam a sua casa?

—Se recebe cartas de Hespanha, e tambem de Inglaterra?

ANDRADE CORVO

A essa rêde de malha tão estreita não escapará. Hoje ha aqui no Leão de Ouro um jantar politico; disse-m'o a D. Saturnina. Tenho os nossos espiões já industriados para saber quem são os convivas, e apontarem o que disserem *inter pocula.*

JOSÉ PEDRO MARQUES

Está tudo bem; ahi vêm os vossos dois amigos para o almôço. *(Não quero que me conheçam.)* Lembro-vos que hoje é o 1.º de Maio, festa maçonica; o jantar merece ser bem observado... *(Sáe.)*

SCENA II

ANDRADE CORVO, PEDRO PINTO e BACHAREL JOÃO DE SÁ

PEDRO PINTO, *com alegria:*

Encontrei agora aquelle professor de Grammatica do Collegio militar; o diabo, ia jural-o, tem cara de padre, e *padre triste.*

BACHAREL SA

Não sei que importancia elle tem, que Frei Sebastião Côrvo de San Vicente, tão culto nas Mathematicas, estava a cumprimental-o com muito acatamento.

ANDRADE CORVO, *fazendo-se desentendido:*

Vamos para a meza. Ha resoluções importantes. Depois que fallei comtigo, na calçada do Sacramento, e que me deste noticias da Proclamação, fui logo ao Marechal.

PEDRO PINTO

Estou prevendo o effeito.

ANDRADE CORVO

Quer a todo o custo que se apanhe a Proclamação. Está o Visconde a partir para o Brasil, e é necessario que leve esse importante documento. *(Tira um papel da algibeira.)*

Para se conseguir isso ordena que tu te filies na Conspiração; e deu-me por escripto esta auctorisação, que te entrego, para tua salvaguarda. Tambem trago uma outra para o Dr. Sá Pereira, e encarregou-me em especial, de dizer que lhe garante a approvação na proxima leitura do Desembargo do Paço. *(Entrega o salvo-conducto.)*

BACHAREL SA

A' vista d'estes salvo-conductos podemos trabalhar á vontade. O Alferes Calheiros declarou-nos, que só nos daria uma copia da Proclamação entrando nós na Conjura. Podemos dizer que agora estamos de dentro, e alcançaremos alguma cousa mais do que a Proclamação. *(Vem um creado com o almôço; assentam-se em volta da pequena meza.)*

ANDRADE CORVO

O que o Marechal quer é apanhar o Gomes Freire, que, por ser o chefe da Maçonaria portugueza, deve conhecer ou dirigir todas as agitações do liberalismo.

BACHAREL SÁ

E' logico.

PEDRO PINTO

Factos, factos. *Res, non verba.* Primeiramente, precisamos de estabelecer os nossos fios, para tecer a meada. Cada um de nós aponta as pessoas do seu conhecimento por via de quem se poderá obtêr noticia dos descontentes do Governo e do commando do Marechal, e dos amigos intimos de Gomes Freire.

ANDRADE CORVO

Bem pensado. Falla tu primeiro, e dize dos teus conhecimentos.

PEDRO PINTO

Eu conheço um Alferes de Infanteria 16, José Ribeiro Pinto, que mora ahi para as bandas de Rilhafoles, typo divertido, que disfructa o Cabral Calheiros, e lhe falla n'esta lenda maravilhosa das Sociedades secretas da Allemanha e do Carbonarismo da Italia, e das grandes revindicações sociaes; e da queda das tyrannias; e inventa Symbolos maçonicos e fórmulas de juramentos sobre a corda e o machado.

ANDRADE CORVO

Homem! isso é uma mina.

PEDRO PINTO

E' primo do Alferes de Infanteria 4, José Joaquim Pinto da Silva, tambem rapaz divertido, que de mais a mais sabe fazer versos satiricos, e epigrammas de levar couro e cabello. Este Pinto da Silva tem intima amisade com José Campello de Miranda, com quem o vêjo quasi sempre no Passeio-publico, ou ahi pelo Rocio. O Campello anda muito em dia com o que se passa em Hespanha e é de opinião que d'alli virá o vento da Revolução.

ANDRADE CORVO

Magnificos elementos. Que mina!

PEDRO PINTO

Ha a accrescentar, que Pinto da Silva e Campello visitam-se com o Coronel de Milicias reformado Manoel Monteiro de Carvalho, que se lamenta por toda a parte de que o despotismo do Marechal o reformara á força, deixando-o sem meios de subsistencia, devendo-se-lhe trinta mezes de sôldo, tendo aliás familia e filhos menores...

ANDRADE CORVO

Já vêjo moita d'onde poderá sahir coelho.

PEDRO PINTO

Esse mesmo Pinto da Silva encontra-se frequentemente no botequim da rua dos Capellistas em longas conversas com o capitão de Artilheria 3, Manoel de Jesus Monteiro. E o que é mais significativo, fallam ambos no *Correio Brasiliense.*

ANDRADE CORVO

N'esse jornal infame que nos vem do Brasil, com artigos a favor da liberdade constitucional, e condemnando a desmedida influencia ingleza! *(Enchendo os cópos dos dois amigos.)* E você, João de Sá Pereira? tambem sabe cousas portentosas; vem lá de Santarem, onde esteve o Calheiros.

BACHAREL SA

Olé! Conheço e tenho amisade com o Alferes de Cavalleria 10, Francisco Leite Sodré da Gama; é cunhado do estapafurdio Alferes Calheiros, e guarda-lhe os seus papeis, por pedido d'elle, já se sabe.

ANDRADE CORVO

Mas isso dá muita luz.

BACHAREL SA

Sou intimo do Alferes de Cavallaria 10, Chris-

tovam da Costa, que se encontra muitas vezes no botequim da travessa de Santa Justa, onde fallou com o dito Alferes Calheiros, como me disse, reconhecendo que elle era = positivamente sem consideração, e mesmo de má conducta.=

ANDRADE CORVO

Homem! esse Alferes de Cavalleria é que nos serve. Se elle podesse entrar para o nosso triumvirato?

PEDRO PINTO

Pelo Christovam da Costa respondo eu; sômos amigos de infancia. Se o Marechal ordenar que elle faça parte da nossa espionagem, estou que me acompanhará em tudo...

BACHAREL SA

Já temos quatro, para pegar ao andor.

ANDRADE CORVO

Pela minha parte, ainda eu não fallei. Tenho um elemento magnifico; é o ex-tenente-coronel da Tropa da 1.ª linha, Verissimo Antonio Ferreira da Costa, a quem o Cabral Calheiros fallara sobre rumôres de uma revolução de Lisboa! Hein?

PEDRO PINTO

Esse ex-tenente coronel é o que escreveu um Plano de Recrutamento do Exercito, seguindo as ideias modernas contra a Conscripção, e adoptando as novas fórmas do general Gouvion de Saint-Cyr, em vigor em França?

ANDRADE CORVO

E' esse mesmo. Está com os *nossos*. O tal Plano foi por elle entregue a Dom Miguel Forjaz, e tambem ao Principal Sousa. Tenho a certeza de que o Verissimo Antonio Ferreira da Costa trabalhará pela salvação da ordem publica, do governo constituido. Agora, se alguma Conspiração existe já podemos entrar no seu segredo; a loucura do Calheiros foi providencial.

PEDRO PINTO

Esses elementos novos, como o Christovam e o Verissimo da Costa, são preciosos; é preciso porém ter em vista que nós trez é que formamos o nucleo da contra-revolução, e que sómente a nós competirá o premio.

ANDRADE CORVO

Pensas bem.

BACHAREL SA

E' de justiça! Só a nós trez é que competirão as honras de salvadores da Patria.

ANDRADE CORVO

Para concentrarmos em nós trez todas as iniciativas, ha um meio muito simples. Vae partir o Visconde de Juromenha para a Côrte do Rio de Janeiro com Officios do Commando geral do Exercito, pedindo resoluções immediatas; aproveitemos o ensejo para o Visconde levar uma Narração de quanto temos descoberto e auxiliado com os nossos esforços o Marechal, o Intendente geral da Policia n'esta arriscada empreza, sendo assignada pelos nomes de nós trez. O Visconde depois de beijar a augusta mão d'El rei nosso senhor, hade-lhe appresentar a Narrativa que, aqui para nós, servirá de memorial para obter o devido premio da munificencia regia.

BACHAREL SA

Bravissimo! Honra e proveito, podem contra o velho anexim, caber no mesmo sacco.

ANDRADE CORVO

Não ha tempo a perder. Eu vou d'aqui redigir a Narrativa, que vocês assignarão commigo

depois. Pedro Pinto e Bacharel Sá vão encontrar-se com o Calheiros, para serem recebidos na Conspiração e prestarem juramento. *(Toca para vir um creado; — Côrvo paga o almôço.)*

SCENA III

UM CREADO *(espião)*

Quem é capaz de imaginar que eu, o Seraphim Antonio Gomes, desci momentaneamente á indignidade de creado de meza da Casa de Pasto o Leão de Ouro! Ha missões infimas que são a alma das altas soluções politicas. E' certo que já tenho apurados alguns nomes importantes: o Alferes José Ribeiro Pinto; seu primo José Joaquim Pinto da Silva; o coronel Monteiro de Carvalho; o capitão de artilheria Manoel de Jesus Monteiro; o cunhado do Calheiros, alferes Sodré da Gama; e mais dois cooperadores do Pedro Pinto de Moraes Sarmento, o alferes Christovam da Costa e Verissimo Antonio Ferreira da Costa. *(Dá uma risada.)* Quando o Côrvo levar os seus dois amigos á presença do Marechal já elle está informado de tudo, e deixal-os-ha de cara á banda. *(Começa a arranjar a meza grande para o jantar.)* Vão sendo horas para o jantar que está en-

commendado; n'esse é que espero pescar valiosas informações. O ouro inglez paga tudo. *(Ouve-se cantar umas Ciganas na rua, ao som de uma pandeireta; o Creado vae para a janella.)*

SCENA IV

D. FRANCISCO JAVIER CABANES, D. JUAN BENITO ANTONIANO, D. JOSÉ FUERTES, CORONEL MONTEIRO, MAJOR NEVES, JOSÉ CAMPELLO DE MIRANDA

CABANES, *continuando a conversa:*

Verdadeiramente passam-se casos extraordinarios em Portugal. *(Solta uma risada.)* Esta de estarem fechados os theatros durante um anno de lucto pela morte da rainha D. Maria I, lá muito longe, no Rio de Janeiro!

CORONEL MONTEIRO

Pobre rainha demente, que imaginava que todo o seu povo comia sôpa, vacca e arroz. As emprezas theatraes, desde 20 de Março de 1816 ficaram a pão e laranja.

ANTONIANO

O Theatro do Bairro Alto está aberto ha pou-

cos dias. Fui vêr *O Princepe Perfeito*; o Matta é um primeiro galan amoroso, que seria applaudido em Madrid.

CORONEL MONTEIRO

E que tal lhe pareceu o Theatro do Bairro Alto?

ANTONIANO

Pequeno, mas elegante na sua fórma semicircular, com duas ordens de camarotes, seis por banda, e uma varanda corrida sobre a segunda ordem. O palco é pequeno. Gostei de vêr o par de boleros, que faz parte da companhia, e as damas caracteristicas hespanholas.

MAJOR NEVES

Apesar de representarem agora no Bairro Alto, o actor castelhano Cabelho, com duas damas de truz, a empreza vê-se na necessidade de unir-se á do Theatro do Salitre para resistir. Lisboa está sangrada de dinheiro. Tudo é pouco para as requisições de Beresford, que mantém em pé de guerra 40.000 homens, e para os saques da Côrte do Rio de Janeiro, que nos leva milhões de cruzados.

CORONEL MONTEIRO

Aqui estamos cahidos na eterna questão do estado presente de Portugal. Todos fallam no despreso de Gomes Freire pelo convite que lhe fez Beresford para o Baile da Acclamação, que deu no seu palacio do Páteo do Saldanha, e que os Senhores da Regencia pagaram com lingua de palmo!

MAJOR NEVES

Eu esperava isso do caracter de Gomes Freire. Mas a cousa não fica assim. Beresford é vingativo, e prega-lh'a. Olé, se prega. Essa não comparencia ao Baile da Acclamação parece-me, não sei se me engano, um rompimento de hostilidades. E o peior, é que em quanto os grandes dirimem as suas questões, os pequenos é que são esmagados. O que fôr soará.

CORONEL MONTEIRO

Esta situação de Portugal caminha para uma catastrophe, em que talvez a nacionalidade se jogue...

CABANES

Até entre nós, em Hespanha, essa situação nos preoccupa. Não podemos avançar um passo, sem a Revolução de Portugal. Fernando VII em-

baraça quanto póde a reunião das Côrtes para que se não vote uma Constituição sem outorga.

CORONEL MONTEIRO

Isso comprehende Beresford, que se teme mais das Associações secretas hespanholas, do que da ameaça da invasão por causa do conflicto de Montevideo.

D. JOSÉ FUERTES

O que se vê, é que a tyrannia que peza sobre Portugal é toda exercida pela Inglaterra por meio do seu odioso Proconsul Beresford, e que o Zangão-Mór, de lá do Brasil delegou n'elle a sua soberania. A Inglaterra tem sempre explorado o *terror da Hespanha*, para vender caro a Portugal o seu protectorado.

CABANES

Viu-se claramente quando Carlos IV, de accordo com Bonaparte, invadiu Portugal com um exercito de 54:800 homens. Que soccôrro deu então a Inglaterra? Apenas lhe enviou um Regimento de cavalleria e trez de infanteria!

CORONEL MONTEIRO

Essa campanha, que terminou pelo tratado deshonroso de Badajoz, foi uma desgraça; o povo

batia-se heroicamente pela sua terra, e tinhamos officiaes instruidos e valentes. Faltou-nos um Governo que cumprisse a sua missão, e que não estivesse vendido á Inglaterra. Porque a nossa derrota convinha á nossa Alliada, como o revelou lord Hawkesbury, ao saber que Napoleão planeara apoderar-se de Lisboa e do Porto:=Se o primeiro Consul invadir os Estados de Portugal, na Europa, a Inglaterra invadirá os Estados Ultramarinos de Portugal; tomará os Açôres, o Brasil e arranjará penhores que, nas suas mãos, valerão muito mais do que o continente portuguez nas mãos da França.=

CABANES

Que infamia! A Inglaterra espoliando o mais antigo Alliado para se vingar sobre o seu rival no momento em que este ia lançar a garra ao territorio portugez!

MAJOR NEVES

Felizmente, veiu a Paz Geral, e o Tratado de Amiens pacificou a Europa; mas todas as desgraças que se seguiram deveu-as Portugal= principalmente por causa das suas ligações com o Governo britannico.=Basta lembrar a Guerra peninsular, em que a Inglaterra se aproveitou dos nossos soldados e dos officiaes portuguezes

para vencer os Francezes, roubando-nos a gloria para dal-a aos officiaes inglezes postos nos Commandos superiores. Foram verdadeiramente heroes n'essa campanha Gomes Freire, Matheus José Dias Azedo, os Coroneis Teixeira Rebello, José Antonio da Rosa, Caetano José Vaz Pereira, o Engenheiro Neves.

CORONEL MONTEIRO

Alguns d'esses officiaes foram postos fóra do Exercito, por Beresford, quando lhe foi dado este Commando geral, que tende a eternisar-se. O Coronel Teixeira Rebello, esse que fundou o Collegio militar para os filhos dos officiaes, quando dirigia a organisação de um parque de Artilheria em Santarem, foi por ordem de Beresford immediatamente suspenso das suas funcções = e se nomeasse para o logar individuo que fosse habilitado. = Um inglez, já se vê. O Coronel José Antonio da Rosa, auctor de bellos trabalhos sobre Minas militares, e commandante geral da Artilheria na Guerra peninsular, foi riscado por Beresford de uma lista de promoções por ter em um conselho de guerra absolvido o governador da praça de Valença. Esta lista é infinda. A entrega de Portugal pela occupação da officialidade ingleza vem de longe; o grande organisador, o general Marquez de Alorna, que na lucta contra

os invasores francezes tinha o commando superior da Provincia da Beira, foi mandado substituir pelo general inglez Derckar!

CAMPELLO DE MIRANDA

No Exercito mais de um têrço dos officiaes têm sido postos fóra para darem logar aos officiaes inglezes. Dos quatro Regimentos de Artilheria que temos, todos os seus quatro Coroneis foram sacrificados ao apparente rigor da disciplina do Marechal Beresford. Toda a gente o notou. Dom Romão de Arriada, coronel do 1.º regimento, demitido, por motivo de interferir um sargento em uma questão com um official; o commandante do 2.º Regimento, Sebastião Cabreira, demittido por não dar cumprimento a uma ordem superior; José Maria de Moura, do 3.º Regimento, punido com prisão pelo facto de dirigir uma carta a Beresford; Franco de Castro, demittido por solicitar benevolencia para um soldado desertor.

CABANES

Esse rigor combinado com o numero dos officiaes inglezes nas divisões, brigadas, regimentos, é para temer. E não haverá um homem, um militar...

CORONEL MONTEIRO

Ha uma esperança, para onde todos nos vol-

tamos. Beresford bem sabe que o bravo que foi plantar o estandarte da Russia nas muralhas de Ockzakoff, no mais terrivel cêrco dos tempos modernos, é capaz de levantar o Pendão das Quinas da indignidade com que o enxovalha o Proconsul saxão.

MAJOR NEVES

Beresford não lhe póde perdoar as palavras de louvor proferidas em publico pelo general Souwarow, merecidas pela valentia de Gomes Freire, no cêrco de Ismail, onde ganhou a patente de coronel. Nem a espada de honra, que lhe entregou por sua mão Catherina II, com a medalha da Ordem de S. Jorge?

CORONEL MONTEIRO

E' uma cabeça estrategica, como mostrou no seu livro, escripto antes do Exercito portuguez ser licenciado ou dissolvido por Junot, em 1808 Ahi ensinou-nos como uma Nação se defende quando ella mesma se arma constituindo o seu Exercito, como na Suissa.

CABANES

Eu li o livro do *Ensaio sobre o methodo de organisação do Exercito de Portugal.* E' reconhecido entre os generaes da Europa quanto esse

livro serviu aos officiaes inglezes encarregados de resistir ás forças do commando de Junot e de Soult.

MAJOR NEVES

Wellesley, e o proprio Beresford fallam da resistencia do soldado portuguez, mal alimentado mas sempre valente por mais abandonado do seu governo; só occultam quanto deveram a esse livro. A's vezes eu receio, que esse *assassinato*, em um simulado levantamento popular, do valente general Bernardim Freire de Andrade (que não reconheceu a Convenção de Cintra feita sem a *intervenção portugueza)* se repita por fórma ainda mais odiosa com o general Gomes Freire de Andrade, só por que a nação hoje olha para elle como uma esperança...

D. JOSÉ FUERTES

Ahi vem o Barão de Eben, com o Consul de Portugal em Amsterdam e mais convivas.

SCENA V

Os mesmos; BARÃO DE EBEN, LENERSON, FONSECA NEVES, F. ANTONIO DE SOUSA, UM INGLEZ, UM AMERICANO.

CABANES, *cumprimentando o Barão:*

Cavalheiro! Não imagina quanto empenho me traz aqui para vêr e conversar um pouco com o general Gomes Freire. *(Olhando para o grupo dos que entraram com o Barão.)* Parece-me que não veiu em companhia do Barão? Conheço o retrato que o celebre pintor Sequeira desenhou do celebrado general; não me parece nenhum dos circumstantes.

BARÃO D'EBEN

É verdade! Procurei Gomes Freire em sua casa no alto do Salitre. Debalde. Disseram-me que jantava em casa do Conde de Rio Maior.

ANTONIANO

Ah! sim; elle é parente de um dos Governadores do Reino.

BARÃO D'EBEN

É primo de D. Miguel Forjaz, secretario da

Regencia e ministro dos negocios da Guerra e Estrangeiros.

CABANES

Com essas relações, era tão facil ao general Gomes Freire libertar Portugal, ser um D. Francisco de Miranda, o libertador das Colonias hespanholas da America!

BARÃO D'EBEN

Os dois primos detestam-se! D. Miguel Forjaz tambem foi um distincto militar na guerra da Peninsula, ajudante de ordens do general Forbes; por intrigas de Claviere, teve Gomes Freire um conflicto com o general Forbes. D'aqui o odio inglez, latente, que se aproveita da rivalidade do primo, antigo ajudante de ordens. Demais, D. Miguel Pereira Forjaz, conde da Feira, é da intimidade de Beresford, e o que transmitte as suas imposições á Regencia, aos *Senhores do Rocio*, como o Marechal chama com desdem aos membros do Governo.

CABANES

Bem! Eu comprehendo a situação. Gomes Freire precisa andar muito precatado. Ahi está porque me não tem sido possivel fallar com elle. *(Assentam-se todos á meza; começa o jantar;*

o espião Seraphim deita vinho nos copos, olhando maliciosamente para os convivas.)

BARÃO D'EBEN

O tempo está para *actos de vigor;* e a reacção politica vae estabelecendo a moda de fuzilar generaes; ha dois annos foram fuzilados os generaes Ney e Mouton Duvernet, um em Paris, o outro em Lyon; e aquelles que não estavam incluidos na Ordenança de 24 de Julho, foram julgados e executados, como o general Chartran, em Lille, e o general Bonnaire exautorado e morto na prisão. A corrente de retrocesso não póde prevalecer em França; aqui na Peninsula, dado este defeito do caracter meridional, ha que temer-se d'ella.

CABANES

Contra esse poder da força bruta estão álerta as Sociedades secretas. E' o que nos vale, e o que ainda garante a liberdade. Gomes Freire foi eleito Grão-Mestre da Maçonaria portugueza?

ARCHITECTO SOUSA

Actualmente elle acha-se na impotencia; os obreiros estão quasi todos na côrte do Rio de Janeiro; e é por isso que vêmos impellido esse novo paiz para a civilisação.

ANTONIANO

Além d'essa Sociedade official, devem existir outras Associações propriamente revolucionarias e patrioticas, como o *Tungendbund* e o *Bomschenschaften* na Allemanha, como os *Carbonarios* na Italia, e em Hespanha a sociedade del *Myrto* e os *Dignos* de morrer pela Patria, mote por onde se conhecem os guerrilheiros de Mina.

CORONEL MONTEIRO

E' certo, que em Portugal se comprehendeu muito cedo o poder das sociedades secretas; na primeira invasão franceza em Portugal formou-se um *Conselho Conservador*, em que se filiaram individuos importantes para expulsarem os Francezes e libertarem Portugal. Conheço alguns individuos que pertenceram ao *Conselho Conservador*. Mas esse espirito passou, deixando uma apagada tradição, que serve só para divertimento de rapazes ociosos. Sim, não passa de uma pura brincadeira um simulado *Supremo Conselho Regenerador* de Portugal e Algarves, que ahi por Fevereiro d'este anno phantasiaram dois Alferes chocarreiros para disfructarem um outro Alferes com areia no miôlo, e todo exaltado pelo prestigio melodramatico das Sociedades secretas, de que ouviu fallar impressivamente.

CABANES

Estou maravilhado! Então esse *Supremo Conselho Regenerador*, de que tanto me fallaram em Hespanha mysteriosamente, e com o qual procurava travar relações, é isso que dizeis?

CORONEL MONTEIRO

Eu tenho relações de amisade com esses dois Alferes; José Ribeiro Pinto, alferes de Infanteria 16, é que inventou a ficção do *Conselho Regenerador*, e fabricou o texto de umas Instrucções, Credenciaes, Proclamações e Fórmulas de juramento. O rapaz tinha graça; e como sabe desenhar, pintou um G, e abriu em páo as letras C. A. P., que não tinham significação alguma, sendo por isso um provocador enigma. Ajudava-o o primo José Joaquim Pinto da Silva, Alferes de Infanteria 4, que versejava e fizera um pasquim contra Beresford. O que os dois estouvados queriam era illudir e disfructar o leviano Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos, Alferes demittido do Regimento de Infanteria 3. Para mais o illudirem, deram-lhe a entender que no *Supremo Conselho Regenerador* entravam o general Gomes Freire e o Barão de Eben. Como elle na sua hallucinação acreditava em tudo, facilmente se convenceu que o general Gomes Freire estava á frente de todo o movimento, para ex-

pulsar os Inglezes de Portugal e estabelecer as *Côrtes* na nação. Ribeiro Pinto era de uma imaginação inexgotavel, e redigiu todos os papeis que serviam para impôr o plano: =Suspender os Governadores do Reino e o Marechal General; nomeação de um Governo Provisorio; convocação de Côrtes, e acclamação de um Rei constitucional.= Para realisar este plano, que se iria buscar a casa Gomes Freire *por vontade ou por força*...

CAMPELLO DE MIRANDA

E eu tão sincero, que cheguei tambem a acreditar por um momento na ficção do Ribeiro Pinto! Mas quando ouvi o Alferes Calheiros lêr enthusiasmado a differentes uma Proclamação que achara no Rocio, junto ao Botequim da Madre de Deus, *fazendo-a passar por sua,* é que percebi o disfructe.

CABANES

Chama-se a isso brincar com o fogo. Convindo ao Marechal ou aos *Senhores do Rocio,* basta esse doido, essa Proclamação...

BARÃO D'EBEN

Não fallemos mais em tal infantilidade. A situação de Portugal só se resolve na propria Inglaterra; porque é preciso lembrarmo-nos, que se

actualmente o ministerio britanico é estolidamente conservador, o grande partido liberal é contrario a esta pressão brutal a que Beresford tem submettido este paiz. Consideram os liberaes inglezes que ministros, que seguem o conservantismo de Castlereagh, desnaturam o principio politico—embora egoista—da não intervenção nos negocios do continente, nem tampouco de se preoccupar dos perigos e compromissos dos outros paizes, quando os interesses da Inglaterra não se acharem envolvidos. Isto me fez colher algumas notas sobre o estado de Portugal, e d'estas tirámos copia para mandar para Inglaterra, dirigida ao Duque de Sussex, com uma carta descrevendo o *estado da opinião publica* d'este desgraçado paiz. Tambem pensei em dirigir uma carta particular ao Marechal Beresford, prevenindo-o da agitação dos espiritos = a fim de o intimidar e vêr se por esse modo se conseguia o elle partir para Inglaterra... =

CORONEL MONTEIRO

Esse expediente não é menos platonico do que a ficção do *Supremo Conselho Regenerador.* O tigre emquanto o sangue palpita não larga a prêza. Eu conheço a garra do monstro.

BARÃO D'EBEN

Beresford só tem aqui a força que lhe con-

sente a covardia do Zangão-Mór, *(rindo)* como por ahi chamam a el rei D. João VI, e esta degradante fracção do partido tory, que por pouco tempo mais governará a Inglaterra.

CABANES

Assim o creio.

BARÃO D'EBEN

A Inglaterra, sob o terror da conflagração européa, tolerou o governo estupidamente conservador de lord Castlereagh, até então seguido por outros gabinetes conservadores. A Inglaterra liberal e democratica foi victima d'esses mediocres ministros do partido tory, que deixaram tomar a Russia o logar de primeira potencia na Europa, e demais a mais ajudando, para dar-lhe essa affrontosa supremacia, a realisar o abatimento e espoliação da França. E para servir estes interesses, que se oppunham directamente ao desenvolvimento da Inglaterra, gastou com ella dezeseis milhares em despezas de guerra, em intervenções armadas nos estados meridionaes! A Constituição ingleza obriga a Inglaterra a cooperar com a França revolucionaria ou liberal, e nunca a atacal-a! Sim, a regular-lhe os impetos da Revolução. Que tirou a Inglaterra em paga de todos os seus enormes sacrificios para dar o sceptro da Europa continental ao Im [illegible]

Russia? Está-se vendo o effeito. A Irlanda agita-se, exigindo a independencia dos catholicos; em Manchester cem mil operarios recorrem ás armas, pedindo reformas radicaes, e o Princepe Regente, ao dirigir-se ao Parlamento, é apupado e salpicado de lama.

CABANES

E' esse mesmo movimento que leva a Hespanha a impôr a Fernando VII as instituições liberaes, em Parlamento.

LENERSON

No mesmo pendor vae Portugal, para realisar-se esta aspiração inilludivel. Beresford, com uma prepotencia estupida, representa aqui o atrazado ministerio conservador que breve cahirá do poder pela sua inepcia, sendo do gabinete Castlereagh o mais obtuso dos politicos torys.

CONSUL DA AMERICA

Beresford precisa que os Portuguezes lhe façam o que em 1806 lhe fizeram em Buenos Ayres, que estava sob o dominio inglez; o povo sublevou-se para sacudir o jugo estrangeiro, e Beresford viu-se forçado a capitular, e a regressar á Inglaterra. Apprenda Portugal n'este heroico exemplo.

CABANES

Em Hespanha sabem todos que Beresford tem um grande rancor a Gomes Freire; uns dizem que esse rancor provém de elle ter espalhado que Beresford era um filho *bastardo* do Marquez de Wateford. Pode ser. Para mim acho que vem mais das emulações militares. Beresford pela sua Organisação do Exercito portuguez de 21 de Fevereiro de 1816, não pôde apagar a gloria de Gomes Freire, que pelo seu *Methodo de organisação do Exercito portuguez*, de 1806, ensinou o caminho aos chefes inglezes que dirigiram em Portugal a guerra contra Junot, Soult e Massena.

O AMERICANO

Esta aragem de liberdade levanta-se em todos os paizes, até na França da Restauração; ahi temos a Conspiração de Grenoble, que os Tribunaes prevostaes afogaram em sangue, a Conspiração dos Patriotas de Paris, e a dos Officiaes inferiores do 2.º Regimento da Guarda Real! Em 5 de Fevereiro d'este anno de 1817 promulgou-se a Lei eleitoral de suffragio directo e altamente liberal; aboliu-se uma das leis de excepção, da suspensão das garantias da liberdade individual. *(Ouvem-se fortes rumores na rua, gritos de acclamação)*:

VOZES

Viva o nosso General! Viva o Tenente General Gomes Freire! Viva! Viva!

SCENA VI

Os mesmos, e GOMES FREIRE

GOMES FREIRE, *entrando apressadamente:*

Que situação desagradavel! Preciso refugiar-me aqui. A nossa tropa quando me encontra acclama-me. Que situação! *(Todos os convivas levantam-se e vão cumprimental-o.)*

CABANES

Muito folgo com este accidente inesperado, que me proporciona ensejo de vêr de perto a mais pura gloria do Exercito portuguez, o heroe de Oczakoff, o intemerato Governador de Dresde.

CORONEL MONTEIRO, *apresentando-o:*

Dom Francisco Javier Cabanes, *(á parte)* general hespanhol, que está em Lisboa, incognito, delegado dos Clubs liberaes do seu paiz.

GOMES FREIRE, *cumprimentando-o:*

Muito me penhoram as vossas generosas palavras, por serem de quem são. *(Depois de cumprimentar conhecidos e alguns desconhecidos:)* E vós, Barão, tambem aqui?

BARÃO D'EBEN

E' um jantar de amigos, que professam as mesmas aspirações liberaes.

GOMES FREIRE

Encontro aqui amigos meus, que ha poucos dias me visitaram, e estiveram conversando na minha livraria, o Coronel Monteiro de Carvalho, o Major Neves; não vêjo aqui o alferes Ribeiro Pinto. Elles bem sabem quanto estas cousas portuguezas me trazem afflicto; e até muitas vezes me ergo sóbresaltado de noite, quando ouço algum estranho rumor, e fico álerta a *esperar qualquer successo*... Infelizmente não conheço a existencia de alguma Sociedade secreta, não obstante ser Maçon ou como aqui nos chamam, Pedreiro livre. *(Vão-se sentando á meza; e pedem a Gomes Freire para occupar um logar.)*

CABANES

Honre-nos, sentando-se a esta mesa.

GOMES FREIRE, *hesitando:*

Commigo fazia o numero de 13 commensaes; e segundo a crendice commum a Portugal, e a varios paizes por onde andei, morre n'esse anno um dos 13 convivas.

MAJOR NEVES

Agouros, nem vêl-os, nem crêl-os.

GOMES FREIRE

Eu devo embirrar com o numero 13; sentei praça no Regimento de Peniche n.º 13; governei Dresde em 1813 até á evacuação do Exercito francez da Allemanha. Devo respeitar este numero, demais, n'esta instabilidade dos officiaes portuguezes...

BARÃO D'EBEN

Estavamos fallando d'esta corrente liberal, que vae atacando e demolindo a obra da Santa Alliança. No Congresso de Vienna viram os Povos como os Reis dividiram e retalharam entre si como em uma partilha de tigres as Nações da Europa convertidas em vis rebanhos. Os soberanos distribuiram estes lotes de almas, indifferentes ás condições naturaes da sua existencia. Ludibrio de uma horrenda e clamorosa imbecilidade, Milão, Veneza e Florença, pertenceram ao lote da Austria! Genova foi atrelada ao Piemonte; a

Belgica ficou ajoujada á Hollanda; as Provincias rhenanas foram incorporadas no reino da Prussia; e a Polonia manietada á Russia; a França soffreu tres rombos, na perda de Philippeville, de Sarrelouis, de Laudun, além da estupenda contribuição de guerra.

GOMES FREIRE

E ahi foi-nos roubada Olivença.

BARÃO D'EBEN

Esse Congresso é o espectro da defuncta Liga secreta formada na Coalisão de 1793 contra todas as ideias revolucionarias que por ventura irrompessem entre os povos; reappareceu mascarada com o nome de Santa Alliança contra o delirio das grandezas que agitava Napoleão, mas em rigor contra toda a tentativa de liberdade politica na sociedade moderna.

GOMES FREIRE

Apezar de tudo, Napoleão, destituindo os Reis do Direito divino, e fazendo Reis dos seus soldados, destruiu o prestigio de uma instituição anachronica; e ainda os proprios Reis, que combatiam na coalisão para derrubarem Napoleão, tiveram tambem de ser demagogos, como vêmos o autocrata Alexandre I dando á França a Constituição outorgada por Luiz XVIII. Vencida a

França, os reis julgaram-se seguros na posse da soberania absoluta, e intentaram fazer retroceder a Europa ao regimen da Edade média. E' então que os Povos, vendo a França vencida, a impulsora da Liberdade, para a revindicarem formam Associações secretas, restauram o antigo Carbonarismo e as Lojas Maçonicas. Na Allemanha nada menos de quatorze Sociedades secretas mantém relações actuaes com outras sociedades de França e de Italia, que se reflectem em Portugal e Hespanha, enlaçando a Confederação germanica e as Nações latinas em uma vasta conspiração revolucionaria, pondo em risco os thronos, ou forçando os Reis a darem Constituições aos seus estados, taes como os Princepes de Baden, de Wattemberg, da Baviera, do Hanover; até o Rei da Prussia, instituindo as Assembléas provinciaes, promette formar uma Assembléa nacional; e é sophismando instituições liberaes, que a Belgica é unificada com a Hollanda. As *ideias francezas* é que vivificaram Portugal no fim do seculo XVIII, e foram as Lojas maçonicas que sustentaram as aspirações do *Liberalismo*. Em Portugal, como uma muralha compacta contra todo o desenvolvimento do povo, existem 418 Conventos de frades boçaes e 108 conventos de freiras. E' uma nação imbecilisada, conservada no torpôr mental para ser melhor explorada. Quem poderá dizer-lhe: *Surge et ambula !* a este pobre Lazaro.

CABANES

Vindes á minha ideia; hoje o maior poder está nas Sociedades secretas, reduplicado pelo seu mysterio.

GOMES FREIRE

E' preciso vêr claro o problema. Mancebos enthusiastas, exaltados, imitando as fórmulas exteriores das Sociedades Carbonarias no seu trabalho subterraneo, vêm fazer muito mal á liberdade. Inexperientes ingenuos, provocam agitações prematuras, intempestivas, que vão dar pretexto ás repressões sangrentas, ás prisões, aos degredos, ao cadafalso e aos confiscos. Parecem-nos conspiradores de melodrama, hallucinados pelo que ouvem dizer das Sociedades secretas da Italia e da Allemanha, mas caminhando para o sacrificio, envolvendo na mesma hecatombe da Rasão de Estado quantos, em vez de chimeras politicas, podiam servir um movimento sério dando direcção a um movimento que tem de romper fatalmente.

CABANES

E' justamente esse perigo, general, que mantém a disciplina das Sociedades secretas.

GOMES FREIRE

Ainda ha quem acredite na possibilidade de

existirem Sociedades absolutamente secretas. Eu tenho fallado com conspiradores italianos, que são os mais astutos e atrevidos, e um d'elles me declarou, que era um sonho de credulo vulgar o suppôr que subsistam Sociedades secretas, que não sejam logo descobertas. Quanto mais ramificadas, mais fortes; e é isso mesmo o que as dissolve, por que ahi se accolhem os despeitados, os vaidosos, os aventureiros vulgares a par dos que se movem por um alto ideal. São como um deposito de materias explosivas, que um leve descuido faz rebentar. Os mais perigosos são os fanaticos, que se precipitam imprudentemente, peiores mais ainda do que os traidores, porque se tornam instrumentos inconscientes de temerosa catastrophe.

CORONEL MONTEIRO

Ha aqui quem conhece a profunda verdade d'essas palavras.

GOMES FREIRE

Não me metto em uma barca sem rêmos. Com franqueza o digo: = no caso que houvesse uma subita explosão, *mediante a popularidade* que me cerca, tomaria a direcção para evitar a anarchia e conservar a autonomia da nação. = *(O creado entra subitamente com uma carta, que vieram entregar para Gomes Freire.)* Não conheço esta letra! *(Examinando attentamen-*

te.) Dão-me licença? *(Vem ao proscenio lêr a carta.)*

E' uma carta anonyma, como outras muitas que eu recebo. Não; assigna-a uma mulher — *Mathilde de Mello.* Não sei quem seja. Lerei por desfastio. *(Com surpreza:)* Conheço este aroma! E' um perfume que me lembra... *(Cheirando o papel;)* vale por uma assignatura. *(Lê a meia voz:)*

= General. E' preciso que conheça o terreno que piza. Beresford traz um grande empenho em arranjar ou inventar elementos de uma Conspiração, para ter pretexto de mandar o Lacerda á Côrte do Rio de Janeiro. Para isto mandou bater matto por espiões militares, que elle recruta entre os Officiaes portuguezes, seguindo na pista dos emissarios hespanhoes do partido liberal. O Intendente da Policia sabe da vinda a Lisboa do general Cabanes. *(Fica suspenso e meditativo.)* Por outro lado, os Senhores do Rocio, fartos das petulancias do Marechal General, que manda em todos, e cansados de fazer emprestimos para o sorvedouro da Côrte do Rio de Janeiro, não se podem vêr livres senão acceitando a união de Portugal á Hespanha por uma fórma em que a dynastia de Bragança nada perde. Fernando VII casou em segundas nupcias com Dona Isabel, Infanta de Portugal, e por ella reunem-se as duas corôas, ficando D. João VI no Imperio do Brasil. Alguns dos emissarios hespanhóes trabalham

n'este sentido. Os Membros da Regencia estão pendentes de uma resposta de Gomes Freire. Consentirá elle n'esta absorpção de Portugal? No caso negativo, elles se tornarão o instrumento passivo do rancor de Beresford contra o grande General portuguez. *(Leva a mão á cabeça inconscientemente.)* Para isto, tem elles a mão negra da Companhia de Jesus, que jurou extinguir por todos os meios a Maçonaria em Portugal, por ser o fóco d'onde irradiam todas as aspirações liberaes. São tres páos que formam uma fórca tenebrosamente armada.=

(Depois de lêr a carta, dá alguns passos á tôa, e sae exclamando:) Isto dá vontade de morrer! Se Beresford e os da Regencia sabem que eu conheço estes planos, para acobertarem as suas infamias *enforcam-me como um cão. (Os convivas observam a retirada brusca de Gomes Freire.)*

SCENA VII

CABANES

Verdadeiramente, o melhor modo de se vêrem livres do Marechal Beresford, seria fazer com que o Governo de sua Magestade britanica o chamasse a Inglaterra.

BARÃO D'EBEN

Prestei-me a isso, e estou escrevendo ao Duque de Sussex, informando-o da agitação em que o Marechal tem posto este paiz. Escrevo-lhe: — que «um Rei ingrato tem dado a um irlandez os mesmos poderes que tem o Dey de Argel; promette que volta, faz promessas de felicidade, e não faz senão injustiças, roubando a todo o mundo os privilegios que seus antepassados têm comprado com seu sangue, lealdade e fidelidade.»

CABANES

Está escripto com arreganho! Caramba.

BARÃO D'EBEN

Ouçam agora do Marechal: «As mercês do Rei, as promoções, os empregos lucrativos que devem ser dados a officiaes de merecimento, são dados por favores de sua Ex.ª a Viscondessa por influencia da sua capa, ou do marido complacente, á familia Lacerda, ou são comprados por dinheiro, e é sabido que cada empenho tem seu preço, e esta é a segunda parte da sua justiça.»

O CONSUL HOLLANDEZ

O Duque de Sussex sabendo d'isto, com certeza...

BARÃO D'EBEN

E o presente da baixella? «todo o povo claramente está mostrando o desgosto de vêr entre nós o grande presente feito por uma contribuição forçada dos seus partidarios...»

O CONSUL HOLLANDEZ

D'aqui a dois dias parte o paquete de Inglaterra; levará a carta, que é uma bomba real.

SCENA VIII

(Entra na sala abruptamente com ár desvairado e em desalinho um Alferes, que se dirige aos convivas em altas vozes:)

Os mesmos, ALFERES CABRAL CALHEIROS

MONTEIRO DE CARVALHO, *áparte, para os convivas:*

Oh, diabo! E' o maluco do Alferes Calheiros; vem lêr-nos a Proclamação, que no Botequim do Marrare se pôz a lêr em 15 de Abril ao tenente Pedro Pinto de Moraes Sarmento, ao tenente da Policia Antonio de Padua e ao Bacharel Ga-

meiro! Isto é sério; elle é doido, mas nós podemos ficar entalados!

CABRAL CALHEIROS, *tira o papel da algibeira:*

Um papel, achado no Botequim do Rocio! E' sempre curioso um papel, que se escapou das mãos de alguem: uma intriga amorosa; uma aventura, ás vezes a felicidade ou a desgraça... *(Lê em tom declamatorio)*= «Portuguezes! Que criminosa apathia vos detem?» [1] =

Olá! Temos Proclamação revolucionaria. Vejamos a cousa; attendam bem. = «Com que esperança buscaes nevoar o desengano que de toda a parte nos brada? E' preciso que findem os tempos da cegueira, e da apparente e debil segurança, com que mascarado o despotismo guia ao sepulchro a independencia nacional...» =

Gósto. Está bem escripta, mas ainda não percêbo:

= «Não sabem que maior requisição de tropas se faz ao nosso paiz; é que esse ridiculo aventureiro (que em desabono nosso é Commandante em Chefe do Exercito) tenta levar ao fim novo recrutamento, já para fazer á sua patria o serviço de aniquilar-nos Commercio, Arte e toda a Industria nacional, já para que exhauridos de braços,

---

[1] Os trechos da Proclamação são documento historico junto do Processo de 1817.

inermes e sem recursos, não frustremos o tacito e *sacrilego Tratado, por onde o ingrato Monarcha nos sujeitou á tyrannia dos Hespanhoes, como dote da filha,* ou presente da escravatura.»= Agora comprehendo tudo. E' uma Proclamação contra Beresford, que nos traz sob o jugo do protectorado inglez, e contra o rei que abandonou a nação fugindo. Quanto daria eu para ter escripto isto? Por que, em verdade, está bem escripto. Mas, que ideia! Se ninguem sabe quem escreveu este papel, quem poderá negar que fui eu que o escrevi? *(Mette o papel na algibeira e parte cantarolando. Volta a traz, e exclama para os convivas:)* E' como lhes tenho dito. Isto não pode durar. Pois não vêem como o Marechal mandou desarmar a fortaleza de Almeida? E já se falla no desarmamento de Elvas. Os officiaes portuguezes estão dia a dia sendo expungidos do exercito, e substituidos por officialidade ingleza! O rei continúa no Brasil, e pelo que sôa, parece que vae feito com os Hespanhoes, para que elles tomem conta d'isto como dote da filha... A cousa tem de rebentar por força. Eu escrevi uma Proclamação que é de levantar as pedras da calçada. *(Tira outra vez da algibeira o papel e lê:)*= «Portuguezes! que criminosa apathia vos detem?...»=

CORONEL MONTEIRO, *aterrado:*

Adeus, meu amigo. Não queremos mais. Basta de ficções. *(Calheiros detem-no.)*

CABRAL CALHEIROS

Um militar com mêdo! Ora ouça, que isto é sério. Eu escrevi isto ha dias, e mostrei-o com denodo, porque é a linguagem da verdade.

MAJOR NEVES, *espantado:*

O homem compromette-nos!

CABRAL CALHEIROS, *lendo com hallucinação:*

=«Mas, que sinto, Portuguezes! A empreza é de vós digna, e á prompta execução todos se prestam; o despotismo não pode, não, reparar o golpe que o vae ferir. A independencia nacional, a segurança particular, e a publica prosperidade são os officiaes que recrutam para o nosso partido, e que formarão o *Conselho Regenerador*, incapaz de vos trahir, vender ou alborcar.»=*(Alto:)* Que tal? Tenho caco. Ora vejam como esta phrase: *de vós digna* dá um magnifico titulo para um grupo revolucionario dos *Divodignos*, assim como esse mote dos guerrilheiros do Mina!

CORONEL MONTEIRO

Não ha senão destruir-lhe o papel compromettedor. O Alferes não me empresta essa Proclamação?

CABRAL CALHEIROS

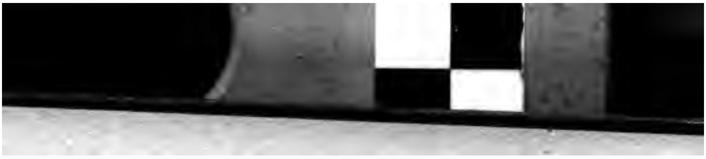
Não a cedo, por que não tenho outra copia. Mas, se quer, leio-lh'a outra vez, para apanhar-lhe o pensamento, ou como se diz, a fortaleza. *(Erguem-se da meza aterrados, e vão saíndo em confusão.)*

MAJOR NEVES

Em que rêde estamos mettidos! Safa!

CABRAL CALHEIROS, *delirando:*

Basta de gastar tempo em palanfrorio de queixas sobre o estado de Portugal, em fórmulas phantasmagoricas de um *Supremo Conselho Regenerador de Portugal*, que isso é uma burla, uma ficção, um embuste e uma deploravel brincadeira. Debaixo da garra do Marechal Beresford, nós só temos uma esperança de salvação. Todos sabem a quem eu me refiro. *(Os convivas vão saíndo, e Cabral continua sósinho):* Porque não vão buscar o general Gomes Freire? Viva Gomes Freire! *(Vê-se sósinho e fica calado, levando as mãos á cabeça.)* Não ha quem saiba morrer. *(Tirando o papel da algibeira, sáe, berrando):*= "Portuguezes! que criminosa apathia vos detem?„=



ACTO III

NO PALACIO DO PATEO DO SALDANHA

Sala de recepção, vendo-se ao fundo, por entre o grande reposteiro, o salão de baile.

SCENA I

BERESFORD, VISCONDESSA DE JUROMENHA

BERESFORD

Lagrimas?... turvando esses bellos olhos! *Calypso ne pouvait se consoler du départ d'Ulysse*... Tenho ciumes d'essas lagrimas. Não ha de demorar-se muito por lá o Secretario das Resoluções immediatas. Esta ida á Côrte do Rio de Janeiro....

VISCONDESSA

Ha outra causa.... Cousas.

BERESFORD

Que cousas me poderieis occultar? Quem dá o mais, não me negará o menos, deliciosa Luz.

VISCONDESSA

Tocastes na fibra dolorida.

BERESFORD

Não comprehendo. Dizei-me tudo, encantadora Luz.

VISCONDESSA

E' esse meu nome, que serve ao partido revolucionario, aos mais exaltados maçons, para vos insultarem e para me ultrajarem infamemente.

BERESFORD

Como pode isso ser, oh divina Luz, que tanto me deslumbra?

VISCONDESSA

Chamam-vos o *Apagador da Luz,* para criticarem a vossa rigorosa repressão policial contra as Sociedades secretas em que se proclamam as ideias liberaes, e se reclamam Côrtes ou representação nacional para sacudirem o jugo inglez e salvarem Portugal.

BERESFORD

E que tem a Luz com esse chasco politico de *Apagador dà Luz?* Adopto esse titulo e faço-o verdadeiro.

VISCONDESSA

Vós deveis saber, que a Maçonaria portugueza, de que Gomes Freire foi eleito Grão Mestre ha dois annos, é a do *rito solar,* esse temeroso rito que fez a Revolução franceza dando-lhe o delirio sangrento do Terror. O emblema d'este rito escossez é um Sol cercado de raios, e a sua iniciação é o desvendar a luz ao recipiendario.

BERESFORD

Então chamam-me por ahi o *Apagador da Luz* por ter mandado assaltar as varias Lojas maçonicas, que tanto conspiravam a favor da Liberdade. Não me dóe essa offensa; se *apaguei* essa luz, accendi uma outra, *a minha doce Luz...*

VISCONDESSA

E' n'esse equivoco que está o sarcasmo odioso e sangrento; aquelles mesmo que vos chamam o *Apagador da Luz,* referindo-se ao illuminismo da Gnose, são os que parodiam o epitheto chamando-vos *Afagador da falsa Luz.*

BERESFORD, *tomando-lhe a mão e beijando-a :*

O que é *Afagador?* Não comprehendo.

VISCONDESSA

E' isto mesmo que estaes fazendo.

BERESFORD, *certificando-se:*

Isto? *(Beija-lhe outra vez as mãos.)*

VISCONDESSA

Isso, e mais!

BERESFORD, *abraçando-a com caricia:*

Afagador? é isto, não?

VISCONDESSA

Que me faz afagos.

BERESFORD

Só mentem, esses exaltados, em uma cousa. Faço-vos afagos, é verdade, mas vós não sois a *falsa Luz*. Ah, que se eu soubesse d'onde vem essa affronta á vossa ternura, que tanto me cativa...

VISCONDESSA

E o que mais me dóe, é o chamarem-me em folhetos anonymos a *falsa Luz*. Eu, por vossa in-

dicação, iniciei-me na mesma Loja maçonica a que pertence Gomes Freire; foi isso por Fevereiro de 1816. Para cohonestar a minha iniciação, até em 19 de Março d'esse anno o mestre de Grammatica do Collegio Militar me foi denunciar á Inquisição.

BERESFORD

Lembro-me bem; foi o José Pedro Marques. Como eu sirvo a Religião, fiz sustar o Processo do Santo Officio.

VISCONDESSA

Só na Loja a que pertence Gomes Freire, presuppondo as minhas relações com o Marechal, e julgando-se atraiçoados, é que eram capazes de me chamarem a *falsa Luz*.

BERESFORD

Se me podesseis provar que é d'essa gentalha vil, que vem o grosseiro sarcasmo que me envolve!

VISCONDESSA

Tenho suspeitas! quasi certeza. E até de Gomes Freire, mas involuntariamente.

BERESFORD

Um homem tão grave! cheio de cortezania! Como assim?

VISCONDESSA

Só quem tiver fallado com Gomes Freire é que descobre o fio da meada. Gomes Freire, como foi nascido e creado em Vienna de Austria, não falla correctamente o portuguez; muitas vezes troca o *p* pelo *f*. Eu o tenho notado; e por certo, referindo-se como protesto contra o *Apagador da Luz* deu margem aos que o ouviam a aproveitarem-se do equivoco, *Afagador da Luz*, para anecdota.

BERESFORD

Se isso fosse assim, o meu odio não seria só contra as suas ideias liberaes, seria o rancor de homem para homem, e um de nós teria de morrer.

VISCONDESSA

O que posso accrescentar, é que ha ahi uma casa de hospedes de uma hespanhola D. Saturnina, onde se ajuntam varios liberaes, que se encontram com emissarios de Madrid, e quando fallam do Marechal, para não serem entendidos, dizem sempre em vez do nome glorioso do Marquez de Campo Maior o *Apagador da Luz*, e

repetem, sublinhando entre gargalhadas, o *Afagador da falsa Luz.*

BERESFORD

Não preciso de mais. Já sei de que lado sópra o vento do insulto. O inventor d'essa vil facecia hade pagar-m'o. Olé, se hade!

VISCONDESSA

Quem?

BERESFORD

Elle hade pagal-o, implacavelmente. Juro-o por esta Luz, que contemplo. Eu já estou informado de que n'esse jantar do *Leão de Ouro* esteve o general Gomes Freire. Mas, porque eram essas lagrimas, turvando tão claros olhos?

VISCONDESSA

Esta partida, tão repentina, como um arrancamento. Tenho medo... Tranquillise-me.

BERESFORD

Ide dizer ao vosso esposo que elle não parte para o Rio de Janeiro n'esta viagem de 18 de Maio, como estava ordenado. Espero arranjar certo documento que elle proprio tem de ir entregar

em mão a El Rei nosso senhor. Vae mais tarde, lá para o fim de Julho.

VISCONDESSA, *levantando-se para sahir:*

Que bom! Vou tranquillisar meu marido.

BERESFORD

Que bom! posso e devo eu dizel-o. *(Despedem-se affectuosamente. Beresford tira o relogio para vêr as horas.)*

SCENA II

BERESFORD, ARCHIBALD CAMPBELL, JOHN WILSON, DURBAN, RICARD ARMSTRONG

BERESFORD, *mettendo o relogio no bolso:*

Á hora aprazada! hora ingleza; verdadeiros militares. *(Cumprimenta os Officiaes com superioridade.)* Convoquei-vos, honrados camaradas, para uma conferencia particularissima.

CAMPBELL

E' inutil dizer que podeis contar com a nossa dedicação.

BERESFORD

Chamei-vos, especialmente a vós e não a outros officiaes, por um motivo exclusivo. Eu sei que gosaes da fama invejavel de serdes *verdadeiros amigos de Portugal*. Tenho enchido, quanto possivel, o Exercito do meu commando em chefe de Officiaes inglezes da minha absoluta confiança; e eu folgo muito que entre elles alguns sejam conhecidos por *amigos de Portugal*. Trata-se de uma questão grave: de um *acto de vigor;* é o que o ministro dos estrangeiros lord Castlereagh me impõe. Como sabereis, cinco dias depois do Tratado de Paris, em que a Santa Alliança poz no throno de França Luiz XVIII, o Imperador da Russia Alexandre I, pela sua influencia de um liberalismo mystico, fez com que o novo monarcha reunisse as novas Cameras francezas e outorgasse uma Carta Constitucional áquelle paiz! Custa a conceber como o autocrata do Norte combina com o seu despotismo taes iniciativas, ao passo que a Inglaterra poz-se com o seu torysmo em antagonismo com este espirito liberal! Muito bem; mas este liberalismo outorgado, tambem agrada á Hespanha, e já lá trabalha um forte partido para alcançarem uma Carta, poderem

ter um parlamento e votarem as suas contribuições. Isto significa, que a influencia da Inglaterra em Hespanha está perdida, restando-lhe na Europa, para ponto de apoio da sua acção continental apenas Portugal. E' certo que hoje já nós os inglezes não temos receio de uma invasão de Portugal pela Hespanha; mas a corrente liberal conspira, e andam por ahi pelos botequins generaes hespanhoes disfarçados, planeando um levantamento commum dos dois paizes para estabelecerem o Regimen liberal da Carta, como o da França. Lembra o ministro que é preciso fixar Portugal, custe o que custar, porque é agora o unico apoio da Inglaterra. Com a eleição do general Gomes Freire para Gran Mestre da Maçonaria portugueza, e com a diffusão das doutrinas da *Soberania nacional,* que o *Correio Brasiliense* propaga entre as classes cultas, está nascendo um partido liberal nacional. Eis o perigo, que exige instantemente um *acto de vigor.*

RICARD AMSTRONG

Antes de tudo, sômos inglezes.

JOHN WILSON

Acima de todos, a generosa Inglaterra.

CAMPBELL

A Inglaterra acha-se em uma posição excepcional entre os Alliados: a Russia, a Prussia e a Austria pactuaram com Napoleão antes de o apearem; a Inglaterra nunca!

BERESFORD

Muito bem.

CAMPBELL

A Inglaterra nunca reconheceu ao Côrso o titulo de Imperador; portanto a sua politica é pura de todo o comprommisso. O seu dinheiro pagou os Exercitos dos Colligados, e deu-lhe a presidencia effectiva da Santa Alliança. Os seus interesses são differentes dos Colligados. Quer a questão do Hannover, quer as fronteiras da França septemtrional ruduzidas, e... se lhe faltar o apoio de Portugal a sua presidencia é illusoria.

BERESFORD

Bem observado; é alta politica.

CAMPBELL

Dissestes que eu sou *amigo de Portugal;* sou-o sinceramente. E este apoio de que carecemos

deve ser, em vez de uma pezada occupação militar, uma alliança defensiva de mutua lealdade.

BERESFORD

Será bom, para outra epoca; no momento actual, o poder da Inglaterra aqui só se firma em *um acto de vigor.*

JOHN WILSON

Contra quem, se tudo está submisso e acovardado, que nem já parece uma Nação, mas uma miseravel Feitoria britanica?

BERESFORD

Contra o espirito que revive. O general Gomes Freire apparece como uma esperança! é saudado e acclamado nas ruas. *Vires acquirit eundo.* Desculpae o latinorio. Tenho empregado um grande numero de Officiaes portuguezes em uma vasta espionagem, e todos me trazem referencias a Gomes Freire, nas conversas que ouvem nos botequins da capital, no Marrare, no Rocio e Capellistas.

RICARD AMSTRONG

Tem Gomes Freire culpa d'esses enthusiasmos? Explora-os elle?

BERESFORD

Em politica ha outra logica, e outra moral. Nos começos da Restauração os voluntarios realistas espalharam o *Terror branco,* massacrando os revolucionarios e os Officiaes do Imperio napoleonico. O governo francez, conduzido pela mão dos estrangeiros, seguiu essa mesma corrente de reacção e chamou á barra dos Conselhos de Guerra dezenove Generaes. Ney foi fuzilado por sentença da camara dos pares; Labedoyëre, Mouton Duvernet, Chatran e outros de egual cathegoria soffreram a pena ultima. Não ha por tanto erro que eu vêja em Gomes Freire um general de Napoleão, um dos tres commandantes da Legião Portugueza, o Governador de Dresde em 1814, em quanto Gouvyon de Saint Cyr fazia o tratado da evacuação do Exercito francez da Allemanha; como Ney, elle tem todos os requisitos politicos aqui na Peninsula para ser prezo e fusilado... ou enforcado.

AMSTRONG E CAMPBELL

Marechal! Crêmos que não ha em vossas palavras firmes um vislumbre de rancor pessoal, ou reminiscencia do conflicto de Gomes Freire com Forbes Sclater.

BERESFORD

Estou de accôrdo com o ministro da guerra D. Miguel Forjaz, membro da Regencia. Os outros *Senhores do Rocio* querem tornar-me odioso á Nação pelas despezas que eu faço com 40:000 homens em pé de guerra e os recrutamentos forçados. Olhando com desconfiança simulada para Gomes Freire pensam em explorar-lhe a popularidade no Exercito, para minarem o meu poder quando lhes convier. Pois eu os levarei a ordenarem a execução de Gomes Freire condemnado pelos seus Desembargadores. Sobre elles cahirá para sempre a iniquidade do julgamento, e eu farei escrever que eu fui, como honrado militar, um simples instrumento do Poder civil. E' um duello decisivo: de um lado está um tactico audaz e intelligente, do lado dos Senhores do Rocio pavonêa-se a covardia imbecil. Escuso de dizer de quem será a victoria.

CAMPBELL

Sem ousar ir de encontro ás determinações do Marechal General em Chefe, lembro-me que lord Castlereagh, em uma carta a lord William Bartick, lhe escrevera: «E' impossivel desconhecer que uma grande mudança se prepara na Europa, e que os principios da liberdade estão em plena actividade.»

BERESFORD

Tambem li essa carta, e com outro trecho d'ella vos respondo; diz elle, que em vez de alentar as tentativas de Constituições outorgadas, como a da França, Hespanha, Hollanda e Sicilia, conclue: «Estou certo que é melhor retardar do que accelerar a operação d'este principio aventuroso que está agora em obra.» Cumpro a doutrina do meu ministro. Podem retirar-se. *(Os tres Officiaes sáem sorumbaticamente.)*

SCENA III

BERESFORD, *só:*

Preciso com um só golpe inutilisar os Governadores do Reino, esses *Senhores do Rocio* que entendem lá no seu bestunto, que para lançar fóra de Portugal o dominio da Inglaterra não ha outro meio senão entregarem este paiz á Hespanha, a pretexto do mesmo sangue dynastico, e das esperanças do liberalismo. Do mesmo golpe cahirá Gomes Freire, o patriota intemerato, a quem deram as Lojas maçonicas um Malhete de prata, e ao qual a soldadesca bisonha chama o *Nosso General.* O Barão de Eben é grande amigo de Gomes Freire. Se se pudesse introduzir entre

os seus papeis uma Proclamação revolucionaria? Até agora nem o Alferes Moraes Sarmento nem o bacharel Sá Pereira conseguiram apanhar da mão d'esse matuto Alferes Calheiros a Proclamação que elle anda a lêr ahi pelos Cafés. Se elles lh'a tirassem á força perdiamos o fio da Conspiração. Mas tudo se remedeia; elles sabem o espirito da Proclamação, e facil é tirar-lhe a força, isto é, forjar uma egual. Tenho ahi um individuo, outr'ora frade franciscano na ilha da Madeira, e que fugiu do convento... quando eu fui governar, tomar pósse da Ilha da Madeira. Fallava-se muito no escandalo do frade que fugira para França levado pela paixão do jacobinismo. Agora, estabelecida a Restauração, teve de fugir de França; disseram-me que anda por ahi necessitoso. E' homem habil para redigir as peças politicas que se quizer, ultramontanas, autocraticas, revolucionarias... simula todos os documentos. Se o Andrade Côrvo me não trouxer hoje a Proclamação do Alferes Calheiros, sirvo-me do tal ex-frade, o Ferreira de Freitas. *(Mudando de tom, e olhando cautelosamente em volta.)* Ora, o que não lembra ao diabo, é que essa Proclamação que o Alferes Cabral Calheiros leu no Passeio publico, e que se tornou o fio conductor da Conspiração, achou-a o pobre idiota no Rocio, junto do Botequim da Madre de Deus. Quem intencionalmente deixou cahir ahi a Proclamação, servia o mesmo pensamento capcioso com que foi escripta. Aconte-

ceu o que se previra: o Alferes frequenta esse botequim do Rocio, e ahi ás barbas dos Governadores do Reino levantou do chão o papel, achou-o bem escripto, copiou-o para o fazer passar como seu, e eil-o a lêr com enthusiasmo e envaidecido a sua obra a outros parvos, que cahiram no lôgro. Isto de politica machiavellica é já uma mola gasta, mas dá sempre resultado. Juro a mim mesmo que ninguem desinvencilhará esta meada. *(Ri-se alvarmente, sentando-se triumphante.)*

SCENA IV

BERESFORD e ANDRADE CORVO

ANDRADE CORVO

Meu Marechal, na impossibilidade de apanhar ao telhudo do Calheiros a Proclamação, que leu algumas vezes, fui logo combinar com o Visconde de Juromenha um rascunho de Proclamação tirado das suas forças. Trago-a aqui, pouca differença faz da original.

BERESFORD

Lêa, lêa, capitão.

ANDRADE CORVO, *lendo com emphase:*

«Louvemos a Providencia, amados compatriotas, por que nos dotou com amor innato da Patria.»

BERESFORD

Vá; pode passar. Cheira a oração. Para diante! Serve, serve assim mesmo.

ANDRADE CORVO, *continuando:*

«Amavamos a Patria no Soberano; e elle (talvez illudido por conselheiros perfidos inimigos seus, e nossos) torna-se infelizmente o mais perverso e abominavel subversor da Patria. Abramos os olhos (ainda talvez é tempo, e bem cedo o não será;) empregam-se todos os meios possiveis para destruir e empobrecer o nosso amado paiz, para o despojar das suas já quasi exhaustas riquezas, para fazer passar violentamente a mocidade, os braços mais uteis e necessarios d'este Reino ao Rio de Janeiro, onde serão victimas do orgulho insensato, que forjou chimeras de um façanhoso Imperio, para cujo complemento se troca por desertos miseraveis e doentes o mais commodo e mais bello paíz do Universo.

BERESFORD

Isso é verdade. Portugal é um bello paiz, que se não deve perder. Mas para diante.

ANDRADE CORVO, *lendo:*

«Abramos os olhos, Portuguezes! Estamos vendidos aos nossos inimigos naturaes; ao rei de Hespanha, cujos exercitos se avisinham das nossas fronteiras. Estas miseraveis tropas famintas, despidas, mal pagas, não as tememos, nem duvidaremos medir com ellas as nossas armas, e o nosso valor. Porém abri os olhos, vos clamo novamente! A praça de Almeida, um dos mais seguros e fortes baluartes da nossa defensa, já está desarmada subrepticiamente; sem artilheria, sem munições, nem meios de resistencia ao primeiro assalto do inimigo. Estão passadas ordens positivas, para que a unica chave da provincia do Alemtejo, a Praça de Elvas, tenha o mesmo destino. Depois de infinitas extorsões, que tem despejado os cofres da nação, vae executar-se uma contribuição enorme, que nos faz reduzir á impossibilidade absoluta de tentar recursos para nosso livramento.»

BERESFORD

Acho comprida para Proclamação.

ANDRADE CORVO

E' minuciosa, porque tem de ser encontrada entre os papeis do Barão de Eben.

BERESFORD

Comprehendo. Comprehendo. Continue.

ANDRADE CORVO, *lendo:*

«Por estes e outros attentados acha-se desfeito o Pacto social, que nos ligava a um Rei ingrato; e se na apathia a que nos querem reduzir ainda nos resta força e energia, que inspirem os riscos (os quaes de toda a parte nos rodêam, e dentro em poucos dias nos serão irremediaveis) levantae a voz, e preparae-vos para o mais justo de todos os conflictos...»

BERESFORD

E' a Conjuração. Ahi entra bem uma allusão a Gomes Freire...

ANDRADE CORVO

Adivinhei o vosso pensamento, Marechal. *(Lendo:)* «...pois ao primeiro grito achareis comvosco quem saiba conduzir-vos, pondo-vos a salvo das grandes difficuldades, que são inseparaveis dos grandes projectos, sem que vos precipite algum zelo indiscreto por mais perigosos, desenfreiados e funestos de todos os males, que são os da anarchia.» Parecem mesmo palavras de Gomes Freire.

BERESFORD

Agora, convem metter esse papel entre os papeis do Barão de Eben.

ANDRADE CORVO

O camarada que lhe varre o escriptorio presta-se a isso. Pede pouco: Quer ser reformado em cabo de esquadra; faltam-lhe ainda seis annos de serviço.

BERESFORD

Será reformado por distincção. Mas vamos ao caso essencial; desde que eu auctorisei o Capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento, ajudante de ordens do brigadeiro-general Vahia, a entrar na conspiração, tendes-me informado dia a dia de tudo o que se tem passado, mas ácerca de Gomes Freire nada ainda de positivo. Apenas cousas vagas e nomes de insignificantes, cifrando-se tudo em que = o primeiro passo que os conjurados determinavam era assassinar-me.

ANDRADE CORVO

Mais alguma cousa, senhor Marechal: = que o seu fim era dar ao reino um Governo constitucional, presidido por um Rei, que já têm escolhido, desthronisar o Zangão-Mór, que é como

denominam Dom João VI, e fazerem uma absoluta mudança em tudo o que se acha estabelecido em Portugal, tirando a Nação da escravidão em que está sob a influencia britanica, mantida pelo Marechal Commandante em chefe do Exercito portuguez. =

BERESFORD

Tudo isso é bastante para *actos de vigor,* para levar á fôrca muita gente, e mantêr por longo tempo o prestigio da auctoridade. Mas nas vossas communicações como filiados na Conspiração só dizeis: = que na Sociedade que se intitula *Conselho Regenerador de Portugal*, estão pessoas de primeira ordem e em as quaes o povo faz a mair confiança. = Fallaes nos nomes de *alguns chefes*, mas são *de tal qualidade*, *que será preciso a mais decisiva prova para se acreditar.* De que servem referencias a Gomes Freire, se nenhum dos meus agentes o encontrou n'esses conluios secretos? Por vezes parece-me isto tudo uma burla, de que alguem é victima, se é que não sois vós mesmos.

ANDRADE CORVO

Senhor Marechal, dê-me licença de trazer á sua presença os nossos dois companheiros, o capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento, e o Bacharel João de Sá Pereira Ferreira Soares, que

estão filiados na Conspiração, por pedido e ordem de Vossa Excellencia, *para prestarem um serviço tão relevante ao seu rei e á sua patria.*

BERESFORD

Quero ouvil-os directamente, e saber o que ha de verdade em ser um dos chefes Gomes Freire.

ANDRADE CORVO

Os meus dois amigos estão ahi fóra á minha espera. (*Chega á janella, e acena)* Não tardam.

SCENA IV

Os mesmos, MORAES SARMENTO e BACHAREL SÁ PEREIRA

BERESFORD

Fazei-me um relatorio verbal das pessoas que tendes dado já por filiadas na Conjuração, depois do dia 30 de Abril.

MORAES SARMENTO, *perfilando-se:*

Desde esse dia até ao dia 6 de Maio, topámos com algumas contradições, filhas dos Estatutos

d'essa pavorosa Sociedade, exigindo à espera de trez dias para sermos recebidos, determinando sempre sitios differentes e diversas horas, e por fim dizendo que não podia ser a apresentação ao chefe por circumstancias.

BERESFORD

E não vos parecia isso uma burla?

BACHAREL SÁ

Mas como estavamos prestando um relevante serviço ao Rei e á Patria...

MORAES SARMENTO

Afinal, ás dez horas da noite do dia 6 de Maio o ex-Alferes de Infanteria 3, Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos...

BERESFORD

Que eu demitti, por ter abandonado varias vezes o exercito em tempo de guerra, e não foi fusilado por ser reconhecidamente doido. Continúe:

MORAES SARMENTO

Ás 10 horas da noite o Alferes Calheiros nos condnziu por differentes travèssas, até que che-

gámos á rua do Passadiço. Ahi o Alferes Calheiros fez um signal batendo no chapéo, e mandou que nos afastassemos a certa distancia... A uma janella de um terceiro andar appareceu um homem a quem fallou, mas nada percebêmos... depois appareceu um outro homem de capote, a quem tambem fallou. A mim mandou-me collocar a distancia de vinte passos para a sua rectaguarda, e outros vinte passos adiante de mim ao Bacharel João de Sá. Então o Alferes tirou um rôlo de papeis, e escondendo-o em um cano, disse que atravessassemos a rua e o fossemos seguindo, da mesma maneira, até que entrámos em uma escada todos tres. Ahi collocou-se no meio de nós ambos, e poz-nos venda nos olhos. Pegando-nos em seguida pelos pulsos, preveniu-nos, que quando elle apertasse, dissessemos: — Deus vos guarde.—

BERESFORD

Isso é muito theatral, para se tomar a sério. Continue, senhor Capitão.

MORAES SARMENTO

O Alferes Calheiros fez-nos subir varias escadas; depois bateu tres pancadas a uma porta. Abriu-se-lhe. Fallou em segredo com os que abriram a porta, e depois exclamou em alta voz — Enganámo-nos! Estamos enganados!

BERESFORD

Oh! certamente, enganados.

MORAES SARMENTO

Temendo não fosse alguma traição, arranquei immediatamente a venda dos olhos, e vi aquelle clerigo a quem fôra dias antes apresentado o abbade de Carrasêda, e um homem alto que não conhecêmos, dando désculpas bastante sentidas de não poderem ser recebidos, affirmando que tinha havido uma grande novidade que elles ignoravam.

BERESFORD

Sim, senhor; muita palha e pouco grão. Vamos ao que se passou no dia 7 de Maio.

MORAES SARMENTO

Fômos á noite, eu e o Bacharel Sá, por indicações de Calheiros, fallar com o Alferes de Infanteria 4 José Joaquim Pinto da Silva, e com o official José Campello de Miranda — que deram mil satisfações do que nos acontecera na vespera, e que a nossa recepção seria presidida por uma auctoridade, certificando-nos que até seriamos dispensados de formalidades.

BERESFORD

E de Gomes Freire...

SARMENTO e SÁ

Ratificaram ser um dos seus chefes Gomes Freire...

MORAES SARMENTO, *informando:*

E tambem o assassinio do Marechal General. N'essa mesma noite tomei conhecimento com o Major José Francisco das Neves, do Batalhão de Atiradores de Lisboa occidental.

BERESFORD

De Gomes Freire é que eu quero saber.

MORAES SARMENTO

No dia 8 veiu o Alferes Calheiros a minha casa e mostrou-me debaixo do mais escrupuloso segredo...

BERESFORD

Temos outra vez melodrama.

ANDRADE CORVO

Parece; mas no fundo, vendo bem as cousas...

MORAES SARMENTO

Debaixo do mais escrupuloso segredo, mostrou-me o Calheiros o plano da execução dos seus malvados projectos, referindo que eram vinte os principaes Conjurados, e que acima d'estes havia um Conselho composto de seis membros, presididos por um que fazia o numero de sete.

BERESFORD

Esse era o Gomes Freire, então?

MORAES SARMENTO

Não o disse; mas contou que no dia 1.º de Maio, em que os Maçons celebram a sua festa, tinha havido um jantar nô Leão de Ouro, a que assistira o Barão de Eben, e Gomes Freire, o Major Neves, de Atiradores, dois inglezes e um americano-inglez, e o general Cabanes, hespanhol, que aqui se achava disfarçado, o qual mantinha a correspondencia dos Conjurados constitucionaes hespanhoes com os nossos, affirmando ser a explosão em um mesmo dia em ambas as nações.

BERESFORD

Disse isso tudo o Alferes Calheiros?

MORAES SARMENTO

E que o Cabanes devia ter partido para Hespanha no dia 6 ou 7 d'este mez. Tambem me disse que logo que fosse recebido na Conjuração, e isso seria no dia 9 ou 10, que deveria marchar a Santarem, sendo um dos mais sérios objectos chamar o seu general ao partido, e com elle a tropa do seu commando.

BERESFORD

Essa só de um doido!

BACHAREL SA

Eu estive com o Neves, segundo tenente de Artilharia, que me fallou dos planos do Calheiros, que lhe certificara, que tinham perdido a melhor occasião no dia da Acclamação de El rei nosso senhor, que era o destinado para esse fim, e como se não verificasse, *a Sociedade se achava um pouco frouxa.*

BERESFORD

Estavam cansados da burla, se é que isso tudo não era uma burla divertida para lograrem o dementado Calheiros.

BACHAREL SA

Tambem alludiu ao Barão de Eben e a Gomes Freire, um dos seus chefes, não sendo elle Neves membro ou associado.

BERESFORD

Nada adiantam. Vamos para deante. O que se passou no dia 10 de Maio? Falle o Capitão.

MORAES SARMENTO

Fômos levados pelo Calheiros á rua de S. Bento, n.º 51, primeiro andar, onde estava o Alferes José Ribeiro Pinto do 16 de Infanteria, e seu primo José Joaquim Pinto da Silva, Alferes do 4 de Infanteria. Perante elles nos fizeram prestar juramento e assignar os nossos nomes no principio e fim de meia folha de papel, dispensando-nos de todas as formalidades, e pedindo-nos desculpa de não ter vindo *a pessoa de consideração que nos tinha sido indicada.* E eu certificando-lhes que não exerceria commissão alguma sem ser appresentado a pessoa de mais pêzo e representação, disseram-me: — que das mãos de Gomes Freire receberia as Credenciaes, Estatutos e Instrucções... E insistiram em que as pessoas que n'isto entram não eram leves, e que estavam combinando com os Constitucionaes

hespanhoes, e que as explosões seriam ao mesmo tempo. Ao que lhes fiz a reflexão, que nós eramos uma nação pequena, e que a não haver alguma combinação com outra poderosa...

BERESFORD

Basta de reflexões. Eu interrogo. No dia 11, o que apuraram?

MORAES SARMENTO

Fôram os tres almoçar commigo, e deram-me a fórmula do juramento.

BERESFORD

E em 12?

MORAES SARMENTO

Fômos convidados para uma recepção que devia haver ás Chagas, ás 8 horas da noite; não se effectuou, trazendo apenas a cifra da correspondencia.

BERESFORD

Estou de posse d'ella; até ahi o resultado é nullo.

MORAES SARMENTO

Disseram-me que na quinta feira, 15 de Maio, receberia em casa do architecto Francisco Anto-

nio de Sousa, da mão de Gomes Freire, as Circulares, Estatutos, Instrucções e Credenciaes, para partir em missão no dia 16.

BERESFORD

Vamos! vamos a vêr se o homem apparece. Se o coelho sáe da lura...

MORAES SARMENTO

N'esse dia em que eu deveria fallar a Gomes Freire, não se effectuou a reunião, dizendo-me que seria no dia seguinte 16.

BERESFORD

Oh, oh! é de mais. E então?

MORAES SARMENTO

Prometteram-me, que seria no outro dia, 17, que lhe iria fallar ás pedreiras de Alcantara, em uma caverna, para cujo fim levariam phosphoros e duas velas de cêra para lá accenderem.

BERESFORD

Parece-me uma pagina dos romances de M.me de Radcliff.

MORAES SARMENTO

Tambem nem ahi se effectuou o encontro; disseram-me que Gomes Freire não podia ir, mas que de uma commissão receberia tudo em casa do architecto Francisco Antonio de Sousa. Não se verificando n'essa noite de 17 esta entrevista, tornei a casa do Architecto no dia 19, e ahi encontrei o coronel Monteiro de Carvalho, Major Neves, Alferes Ribeiro Pinto...

BERESFORD

Nomes de insignificantes, e mais nada!

MORAES SARMENTO

Passaram dias sem que nada adiantassemos; apesar das activas diligencias do Sá, não só nada pôde adiantar mas nem encontrar áquelles com que estava reconhecido, procurando-os em suas casas, e nos logares em que costumavam ir, onde os deveria achar, em rasão da muita chuva que n'aquelles dias cahia, procurando o Alferes Pinto, do 16 de Infanteria, em sua casa, seis vezes em dois dias.

BERESFORD

Estou percebendo, que os auctores da burla da Conspiração já estavam com medo... Já lhes

cheirava a esturro. Basta-me os seus nomes e as referencias a Gomes Freire, para não dar o trabalho por perdido. Tenho traçado o meu plano. Os senhores podem retirar-se. *(Sáem Moraes Sarmento e Bacharel Sá.)*

SCENA VI

BERESFORD e ANDRADE CORVO

BERESFORD

Não ha tempo a perder; o golpe tem de ser rapido e decisivo. E ainda dirá Gomes Freire que não tenho tactica? *(Para Andrade Corvo:)* O Capitão tem de ir pessoalmente convidar, para se reunirem hoje aqui, o Desembargador Cypriano Ribeiro Freire, o Visconde de Santarem, e João Antonio de Oliveira Leite de Barros. Basta dizer-lhes que d'elles faço depender resoluções immediatas, que se ligam com a partida do Visconde de Juromenha para o Rio de Janeiro. *(Côrvo sáe promptamente).*

ANDRADE CORVO, *voltando atraz:*

Vem chegando o ministro da Guerra e dos estrangeiros D. Miguel Pereira Forjaz, Conde da Feira. *(Cruza-se ao sahir com o Ministro.)*

SCENA VII

BERESFORD e D. MIGUEL FORJAZ

BERESFORD, *approximando-se:*

Estamos sós; podemos fallar á vontade.

D. MIGUEL FORJAZ

E eu com grandissimo empenho de saber o estado da nossa campanha.

BERESFORD

Tenho o homem filado.

D. MIGUEL FORJAZ

Gomes Freire?!

BERESFORD

Dois officiaes que eu auctorisei a entrar n'uma Conjuração de que achei os fios, depois de um jantar dado por alguns liberaes no Leão de Ouro, deram a sua palavra de honra, debaixo do mais escrupuloso segredo de se não pouparem a fadigas, nem mesmo as suas vidas, (quando necessario fossem) a fim de salvarem a Patria da

anarchia que a esperava e do montão de desgraças que d'aqui se seguiam.

D. MIGUEL FORJAZ

E Gomes Freire está á frente da Conjuração? Oh! isso é o que nós suspeitavamos.

BERESFORD

Tenho a certeza... a certeza que se pode ter n'estas cousas.

D. MIGUEL FORJAZ

Cousas em que a verdade nunca se apura completamente; e as repressões apanham o peixe miudo, a petinga, escapando-se ás vezes o graúdo.

BERESFORD

Este não me escapa. Não trato este caso pela Regencia. Os Senhores do Rocio estão dormentes, salva a honrosa excepção de D. Miguel Forjaz. Por isso nos entendemos. A cousa trata-se militarmente, que é mais expedito e seguro. Assim como ha a honra militar, quem não se curvará á justiça militar?

D. MIGUEL FORJAZ

Conte com a Regencia; desde que se trata da

salvação da monarchia e da religião, por que liberaes e pedreiros-livres são synonymos, a Regencia apoiará o Marechal General seu chefe incondicionalmente.

BERESFORD

O Côrvo, Ajudante de Ordens do Marechal de Campo Conde de Resende, está redigindo uma Narração circumstanciada da Conspiração que levará o Visconde de Juromenha para ser appresentada a El Rei nosso senhor.

D. MIGUEL FORJAZ

O coração paternal de sua Real Magestade deve sentir-se ferido com a felonia do homem da Espada de honra; e *(rindo-se)* mais ainda todos os Pedreiros-livres que enxamêam na Côrte do Rio de Janeiro, vendo apanhado em crime de lesa-magestade de primeira cabêça o seu Grão-Mestre Gomes Freire!

BERESFORD, *confidencialmente:*

O Lacerda, o Visconde de Juromenha, vae com uma missão especial, que elle mesmo ignora...

D. MIGUEL FORJAZ, *approximando-se para escutar:*

Deve ser importantissima.

BERESFORD

Vae buscar um Decreto de El-Rei para que as sentenças de morte sejam executadas sem dependencia da sua sancção regia...

D. MIGUEL FORJAZ

Não ha fugir-lhe; nem á mão de Deus Padre. Com este golpe que o Marechal General dá nos Pedreiros Livres bem merece o titulo de *Apagador da Luz*...

BERESFORD

Sim, com esta missão do Visconde de Juromenha levam os Free-Maçons um bom golpe; fico de vez sendo para elles o *Afagador da Luz*. *(Risada alvar.)*

D. MIGUEL FORJAZ, *para si:*

Como as cousas tragicas se confundem com as farçadas grotescas. — Felicitemo-nos, Marechal; cooperemos deliberadamente para o exito da nossa empreza. Conte commigo para tudo!

BERESFORD

Para tudo. *(Apertam as mãos, como em um pacto tacito.)*

D. MIGUEL FORJAZ, *vendo o Marechal olhar desconfiadamente:*

O Marechal espera alguem? Retiro-me. *(Saíndo.)*

BERESFORD

Amigos nossos, de confiança, que mandei chamar, para ouvil-os antes do golpe decisivo.

SCENA VII

BERESFORD, CYPRIANO RIBEIRO FREIRE, VISCONDE DE SANTAREM, LEITE DE BARROS

BERESFORD

Chamei Vossas Excellencias, porque se trata da salvação da Monarchia. Descobri uma Conjuração, estou senhor de todos os fios d'ella.

CYPRIANO RIBEIRO

Isso é muito grave.

VISCONDE DE SANTAREM

É preciso uma acção rapida.

LEITE DE BARROS

Actos de vigor. A anarchia afoga-se no seu proprio sangue.

BERESFORD

Muito bem. Confesso-vos, cavalheiros, que procedi independentemente dos Senhores do Rocio, sim, digo, do Conselho da Regencia, por certos fundamentos. Em 11 de Janeiro d'este anno officiei aos Governadores do Reino denunciando-lhes a existencia de uma Conjuração formada pelas Lojas maçonicas de Hespanha e de Lisboa para substituirem as Dynastias e promulgarem uma Constituição. E sabeis o que fez a Regencia?

CYPRIANO RIBEIRO

Escutemos! E' importante.

BERESFORD

Entregou o caso ao Intendente geral da Policia da Côrte e Reino, João de Mattos Vasconcellos Barbosa de Magalhães, homem recto, que procedeu, dirigindo circulares a todos os Corregedores e Juizes de Fóra, os quaes por seu turno responderam em longos officios ácerca da alludida Conjuração,:—que tudo se resumia em um descontentamento geral do povo pela ausencia da Côrte no Rio de Janeiro.

VISCONDE DE SANTAREM

O povo adora o seu Rei.

BERESFORD, *continuando*:

E tambem na repugnancia contra o dominio inglez em Portugal, principalmente.

CYPRIANO RIBEIRO

Principalmente? Ha outras causas.

BERESFORD, *no mesmo tom*:

Nas queixas da Officialidade portugueza por vêr-se preterida por officiaes inglezes. E ainda, que a troca recente de territorios de Portugal e Hespanha, denunciava um abandono d'este paiz pelo seu Dynasta. Ficou tudo no papel, ou como se diz em portuguez — em agua de bacalháo. Ora, é certo que a Conspiração chegou a estar aprazada para o dia das festas da Acclamação de El-Rei Dom João VI! Estareis bem lembrados que Gomes Freire desconsiderou o meu convite para o Baile official da Acclamação, que eu dei com a mais esplendida sumptuosidade. Foi depois d'isto dado um jantar politico de certos liberaes, em que entrava um general hespanhol, no Leão de Ouro; e ahi foi visto Gomes Freire, ao qual o

povo dera vivas na rua. Em quanto se procurava cautelosamente os emissarios hespanhóes, toparam alguns officiaes com uma Sociedade denominada *Conselho Regenerador de Portugal,* cujos membros indicaram sempre Gomes Freire como seu chefe! E' chegado o momento de dar o golpe. Para isto é que convoquei este conselho intimo, para combinarmos.

CYPRIANO RIBEIRO

Mas que provas ha contra Gomes Freire?

BERESFORD

O testemunho dos meus officiaes José de Andrade Côrvo, Pedro Pinto de Moraes Sarmento, que eu auctorisei a filiarem-se como espiões na Conjuração, como tambem auctorisei o Alferes de Cavallaria 10, Christovam da Costa, por indicação de Sarmento, e ainda o capitão de Infanteria 10 Antonio Camillo Pimentel Maldonado, ao qual Pedro Pinto, por ordem do Commandante em chefe dissera que era necessario, para salvar a patria do maior dos flagellos, promptificar-se para ser ajuramentado como conjurado e affectar que estava prompto para tudo o que o *Conselho Regenerador* d'elle exigisse: communicando muito particularmente, e com a maior cautella, tudo o que entre os conjurados se passasse para me ser

participado. A tudo isto annuiu sem a mais pequena repugnancia o capitão. Diante da honra militar não são precisas mais provas.

LEITE DE BARROS

Contra Gomes Freire essas provas são juridicamente insufficientes.

BERESFORD

Não me faltam Officiaes, que se ajuramentem para salvar a monarchia.

LEITE DE BARROS

Contra Gomes Freire creio tudo o que disserem; basta elle ser o Grão Mestre da Maçonaria em Portugal; bastava a Moral maçonica para elle merecer ser condemnado á morte.

BERESFORD

Tenho presentes os artigos da Moral maçonica, que o enterram. Ouçam o artigo 12: «Não soffras que a Patria, mãe commum de ti e dos teus concidadãos, seja injustamente opprimida, por que então não seria para ti mais que uma gehena.» E no artigo 11, tambem se estabelece: «Defende o teu paiz, porque elle é que te dá a felicidade

e que contém todos os sêres que são caros ao teu coração; mas não esqueças nunca a humanidade e os seus direitos.» Se Gomes Freire é honrado, como se affirma, tem de cumprir isto como lei da Maçonaria, e então não pode deixar de ser um conspirador.

VISCONDE DE SANTAREM

Isso é logico. Mas as provas directas para se lhe dar a morte?

BERESFORD

Se a honra militar não peza completamente na balança da Justiça, não me faltam Juizes para o Tribunal da Junta da Inconfidencia. Já os escolhi, e não me falham.

CYPRIANO RIBEIRO

Gomes Freire é querido da Nação. E embora a Junta da Inconfidencia o condemne á morte, quem nos dá a segurança de que o coração magnanimo de El Rei D. João VI, nosso senhor, lhe não perdoará?

BERESFORD

Como bom estrategico, tenho tudo previsto. Conto que o Rei nos concederá que as Sentenças da Junta da Inconfidencia sejam cumpridas, mesmo as penas maiores, sem dependencia da assignatura regia.

CYPRIANO RIBEIRO

N'esse caso estou prompto para servir de Presidente da Junta da Inconfidencia.

LEITE DE BARROS

E eu offereço-me para proceder aos interrogatorios.

BERESFORD

Falta-me só uma palavra, como a voz de fogo: Posso pôr a guarnição da Capital em armas, e proceder já á prisão dos Conjurados? *(Silencio demorado.)*

VISCONDE DE SANTAREM

Antes de tudo é indispensavel dar participação á Regencia. E' preciso officiar a D. Miguel Forjaz, o ministro da guerra.

BERESFORD

D. Miguel Forjaz confia em que eu lhe communicarei todos os papeis e testemunhos que forem necessarios. Como já disse e torno a affirmar, não preciso de mais provas para condemnar Gomes Freire: tenho habeis Officiaes, que na sua espionagem foram até ao sacrificio; e tambem tenho Juizes, que sabem tirar todas as consequen-

cias dos factos, e nos interrogatorios apertados sabem fazer dizer o que lhes convem. Eu mesmo levarei a lista dos Juizes, para que os Senhores do Rocio constituam a Junta da Inconfidencia; são elles todos da minha confiança pessoal: os Doutores Antonio Gomes Ribeiro, o Leite, o Velasquez, o Gião, o Araujo e o Ribeiro Saraiva. A Regencia hade nomeal-os, desde já o digo.

CYPRIANO RIBEIRO

Mas o Intendente Mattos de Vasconcellos parece-me um pouco tibio, com escrupulos de consciencia... Poderemos contar com elle?

BERESFORD

Confio nos seus dois Ajudantes, que lhe invejam o logar rendoso e me servirão em tudo: José Vicente do Casal Ribeiro e o João Gaudencio. Serão elles que me hão de fazer o interrogatorio de Gomes Freire.

VISCONDE DE SANTAREM

E o Escrivão do Processo? Lembra-me sempre este nosso anexim:

Boa demanda, ruim demanda,
O Escrivão da nossa banda.

BERESFORD

Oh! O Casal, o Escrivão da Policia, escreve tudo quanto fôr preciso. Gente firme. Até reservo para o Desembargador João Gaudencio o ser elle proprio que vá prender Gomes Freire.

CYPRIANO RIBEIRO

Tudo combinado.

VISCONDE DE SANTAREM

Mas não esqueça a participação ao Conselho da Regencia! O Poder civil!

BERESFORD

Ficam solidarios os *Senhores do Rocio.* Com esse requisito de legalidade tornam-se solidarios... meus testas de ferro. *(Rindo-se.)* Elles não me merecem respeito, esses cabelleiras, desde que eu não tenho assento e voto deliberativo no Conselho da Regencia, como teve Lord Wellington, por concessão do Rei D. João VI, e ainda agora Sir Charles Stuart de Rothsay, por exigencia do Gabinete Inglez. *(Ouvem-se estrondosos repiques de sinos nas torres da Sé, de San Domingos e de San Roque.)*

LEITE DE BARROS, *com surpreza:*

A que serão estes repiques? Não sei de nenhuma festa de Egreja hoje no Patriarchado!

BERESFORD

Os diabos dos Padres adiantaram-se! O Principal Sousa, que tanto me tem ajudado, deu com a lingua nos dentes.

VISCONDE DE SANTAREM

É repique por acção de graças ao Altissimo?

BERESFORD

Pela descoberta da horrorosa Conspiração, a que ámanhã se seguirá um Te Deum solemne, ordenado pelos tres Principaes da Sé de Lisboa, o Camara, o Lencastre e o Furtado. Agora já não posso parar...

SCENA VIII

Os mesmos e a VISCONDESSA DE JUROMENHA

VISCONDESSA, *entrando verdadeiramente perturbada:*

Senhor Marechal General... *(Respira anciadamente.)*

BERESFORD

Senhora! E' caso importante? *(Leva-a para o sophá.)*

VISCONDESSA

Acaba de chegar de Santarem o cunhado do Alferes Calheiros, Francisco Leitão Sodré da Gama...

BERESFORD

Traz elementos para a devassa? Sei que elle lhe guardara os papeis...

VISCONDESSA

Disse-me que o Cabral Calheiros está completamente doido, doido varrido; deblaterando em altos berros, que hade salvar Portugal, e lendo á garotada que o segue uma Proclamação. Já está

cansado de o seguir, mas anda por ahi cada vez mais agitado; falla em nomes de officiaes conhecidos, o que é um perigo, um grande perigo!... Tambem me disse que este estado de allienação fôra causa de o demittirem do Exercito...

BERESFORD

Comprehendo. Mas lembro o ditado: Deus escreve direito por linhas tortas.

VISCONDESSA

Senhor Marechal General! O doido era inoffensivo, e tanto que dois Alferes brincalhões José Ribeiro Pinto e Joaquim Pinto da Silva para o disfructarem fallaram-lhe em um *Conselho Regenerador de Portugal*, que se formou em 1807 para expulsar os Francezes, e de que elle Calheiros era agora o renovador, para expulsar os Inglezes! Isto determinou esse delirio em que anda, citando nomes de officiaes, como Campello de Miranda, Monteiro de Carvalho, e até chegou a invocar o nome do General Gomes Freire!...

BERESFORD

É muito importante... Gomes Freire! Interessa-me.

VISCONDESSA

Um doido, senhor Marechal! um doido. Fazer obra pelo delirio de um doido...

BERESFORD

Serve-me a sua inconsciencia. A devassa liquidará o que fôr verdade. Viscondessa, accolho as vossas mostras de sympathia, mas excuso eu, pelo modo mais suave, declino conselhos em tão momentoso assumpto.

VISCONDESSA, *á parte:*

São as perseguições sangrentas, que se suspeitavam.

BERESFORD

Mal sabeis, senhora, que em um dos papeis dos Conspiradores alguem veiu-me dizer que andava arrastado o vosso nome. Trago commigo o apontamento que um dos meus espiões me trouxe. Leio-o para desilludir a vossa piedade:

=«As mercês do Rei, as promoções, os empregos lucrativos que devem ser dados a officiaes de merecimento. são dados aos *favoritos da Senhora Viscondessa,* por influencia de sua... (não entendo a palavra) ou do marido complacente e familia Lacerda; ou são comprados, e sabido que cada empenho tem seu preço.»=

VISCONDESSA

Isso é muito horrivel. *(Beresford e os outros personagens approximam-se da Viscondessa, que desmaia.)*

SCENA IX

Os mesmos, e VISCONDE DE JUROMENHA

VISCONDE

Um deliquio na senhora Viscondessa! bem, bem, vae-lhe passando. Ella tornou a si...

BERESFORD

Lacerda! As lagrimas da Viscondessa influiram para que não partisse para o Rio de Janeiro no dezoito de Maio, como tinha ordenado. Agora é chegado o momento urgente da partida em missão politica immediata á Côrte, para entregar pela sua mão a Sua Magestade real e imperial a Narrativa da Conspiração, que ha mezes seguia e que está agora plenamente descoberta. Partireis ámanhã, quando o Capitão José de Andrade Corvo, que é um dos principaes agentes d'esta descoberta, vos entregar o Documento official da

Narrativa que tendes de entregar a El-Rei Nosso Senhor.

VISCONDESSA

Seis mezes de ausencia!

BERESFORD

Seis mezes de folga. *(Continuam os repiques de sinos em acção de graças.)* Parece que os Padres rejubilam mais do que eu.

LEITE DE BARROS

Não admira, é um golpe nos Pedreiros livres.

VISCONDESSA, *sahindo com o marido:*

Estas caras sinistras, estas viseiras cahidas, fazem-me prevêr uma terrivel catastrophe. Quando em Março aqui se fallou na morte de Kotzebue, já se planeava uma reacção sangrenta contra o liberalismo. *(A' parte, para o proscenio:)* Vou ao Recolhimento da Encarnação fallar á Patrocinio; ainda é tempo para avisar Gomes Freire. *(Sae precipitadamente.)* Que me importa que me affrontem como mulher? E' como mulher que obedeço a este impulso de piedade.

BERESFORD, *vindo ao grupo dos Conselheiros:*

Não ha tempo a perder: vou dar ordens á guarnição para estar em armas...

VISCONDE DE SANTAREM

A notificação á Regencia?

BERESFORD

Sim! Eu mesmo vou levar aos Senhores do Rocio a lista dos Juizes com que eu quero constituido o *Tribunal da Junta da Inconfidencia.* No ponto a que as cousas chegaram, o caminho é para a frente. E' o que me aconselha a imprensa ingleza. Aqui tenho o *Times (tira do bolso o jornal)* que é o regulador da opinião em Inglaterra. *(Lendo:)* = "Tendo comsigo a Corôa, o Exercito, a Magistratura e as classes abastadas, que têm que perder, não deve por fórma alguma preoccupar-se com o resto.„ Ora, o *resto,* é isso que trabalha e paga e que á maneira do louco do Pireu se denomina a nação! Elles vão convencer-se, que em Portugal — quem manda sou eu. *(Cae o panno ao dobre dos sinos, com clangor de funeral.)*

ACTO IV

OS SENHORES DO ROCIO

Salão no Palacio do Rocio, onde está a séde dos Governadores do Reino, mobilado no estylo do fim do seculo XVIII.

SCENA I

MARQUEZ DE BORBA, RICARDO RAYMUNDO, SALTER DE MENDONÇA, em grupo.

MARQUEZ DE BORBA

Desde que o Marechal fez a viagem á Côrte do Rio de Janeiro, voltou de lá mais insolente, avocando a si abusivamente todos os poderes.

RICARDO RAYMUNDO

Noto isso ha muito tempo. Para elle nós sômos apenas *Os Senhores do Rocio.* E' como elle nos trata quando falla dos Governadores do Reino.

SALTER DE MENDONÇA

Assim o entende, limitando com esse titulo de ludibrio a nossa auctoridade soberana ao dominio senhorial do Rocio. O resto do paiz está submettido á lei marcial... britanica.

RICARDO RAYMUNDO

Isto não póde continuar assim. A situação dos Governadores do Reino é affrontosa, degradante! Tenho tido por vezes impetos de demittir-me, de abandonar este poder ficticio, reduzido a um panal de palha, como diz o vulgo. Mas, por outro lado occorre-me, que este simulacro de Governo do Reino é ainda o vestigio que representa em face da Europa uma nacionalidade que succumbe.

SALTER DE MENDONÇA

N'esta derrocada, que presinto, e que nos envolverá a todos, o que já me preoccupa é lembrar-me que ainda por cima ficaremos infamados.

FERREIRA CASTELLO, *intervindo:*

Se o Marechal se mostra assim petulante, é por que El Rei nosso Senhor lh'o permitte...

MARQUEZ DE BORBA, *com gravidade:*

Que póde El Rei D. João VI contra a politica

ingleza? Se a Inglaterra entender que hade apoderar-se de Portugal...

FERREIRA CASTELLO

Sustento a minha opinião. El rei ou o seu Governo do Rio de Janeiro é que nos collocam n'esta situação de impotencia. Considerae, que a Náo que conduziu ao Rio de Janeiro a Archiduqueza Leopoldina, esposa do Princepe Dom Pedro de Alcantara, não tocou em Lisboa! E' como se esta terra não fosse já portugueza.

SALTER DE MENDONÇA

Ainda é portugueza, para satisfazer os saques da Côrte do Rio de Janeiro. Bem vistes como no 1.º de Janeiro d'este anno de 1817 levantámos dois milhões de cruzados a juro de seis por cento para pagamento das despezas feitas com a viagem da Princeza Leopoldina, filha do Imperador da Austria para o Rio. Mas como isto aqui é a *Piolheira*, como chamam a Lisboa, o navio partiu directamente de Leorne sem tocar em Lisboa! Um desdem affrontoso e significativo.

FERREIRA CASTELLO

E já cá temos ordem para n'este anno tomarmos de juro mais quatro milhões de cruza-

dos, que serão remettidos com a maior urgencia para a côrte do Rio de Janeiro. Está Portugal reduzido a uma colonia, a uma róça do Brasil.

RICARDO RAYMUNDO, *áparte:*

O pobre povo vinga-se chamando Zangão-Mór a D. João VI, que protege esta cáfila, que explora a pobre Colmêa de Portugal no gaudio dos Brasis. *(Em voz alta:)* Os saques de milhões de cruzados a cada instante não são o mal todo. El Rei Nosso Senhor compromette a situação de Portugal, indo atacar Montevideo, que se insurreccionara contra Hespanha: em consequencia d'este acto vêm-nos as ameaças da Hespanha de uma invasão de Portugal se não fôr retirado o exercito do Brasil. Além d'isso os nossos navios que vêm da Asia são atacados pelos corsasios da America hespanhola, retorquindo á provocação insensata do Ministro Marquez de Aguiar.

FERREIRA CASTELLO

A situação diplomatica é mais afflictiva do que isso, pois lord Castlereagh escreveu a Palmella, que communique ao Gabinete do Rio de Janeiro essa resolução: = A Inglaterra, que Sua Magestade Britanica se não julgava na obrigação de defender Portugal se a Hespanha justamente usasse de represalias, e aconselhava que

lhe parecia prudente que os portuguezes se preparassem para a sua defeza.

SALTER DE MENDONÇA

Mas como defendermo-nos? Por causa do bloqueio de Pernambuco mandou El Rei nosso Senhor que equipassemos uma Divisão portugueza, e n'isto dispendêmos todo o emprestimo. Eu não me canso de representar na correspondencia para a Côrte do Rio de Janeiro que os impostos já não chegam para as despezas publicas e que o Real Erario se acha em completo descredito. O Commercio está estagnado, e a navegação sem segurança por causa do côrso americano. Os excessivos saques da moeda impedem que se paguem as fazendas e generos importados. E é em tal occasião, que exigindo-nos novos emprestimos lembram os do Rio de Janeiro o recurso de um tributo extraordinario.

RICARDO RAYMUNDO

Na occasião presente, qualquer medida de semelhante natureza...

MARQUEZ DE BORBA

Daria armas aos mal intencionados, para reforçarem as calumnias contra a lealdade dos Por-

tuguezes, suggerindo-lhes perfidamente que o Ministerio de Sua Magestade real e imperial o tem persuadido a que esgote este Reino dos cabedaes, para o desamparar depois, fixando perpetuamente o seu throno e dynastia na America.

FERREIRA CASTELLO

Se não é esse o intuito, parece-o. Toda a gente por ahi nota = que o Marechal tem feito desarmar todas as nossas Fortalezas e Torres de nossos portos de mar; está assim Lisboa, como todos os mais portos, expostos a um desembarque repentino dos Inglezes, e por consequencia a um saque. Isto se receia muito em toda a parte, maxime em Lisboa.

MARQUEZ DE BORBA

Posso affirmar, que El Rei nosso Senhor não quer que este territorio saia do goso da sua familia para o poder da Inglaterra. Bem sabemos todos que o Governo do Rio de Janeiro pediu ao Governo inglez, que chame a Londres os seus Officiaes em serviço em Portugal, que actualmente enchem quasi todos os quadros. El Rei, em sua alta prudencia, achou o unico meio de Portugal emancipar-se d'esta affrontosa tutella. E' o unico remedio que nos resta, e que nós, como leaes portuguezes, nos vêmos forçados a acceitar...

RICARDO RAYMUNDO

E' terrivel o dilemma! Ou vêrmos ahi qualquer dia o Marechal Beresford fazer o que praticou na Ilha da Madeira, quando a foi governar, em 24 de Dezembro de 1807, mandando içar a bandeira ingleza, e ás auctoridades portuguezas prestar juramento de fidelidade á Inglaterra, exercendo com o governo militar simultaneamente o governo civil... ou *(Os Governadores do Reino approximam-se attentamente)* entregarmo-nos por qualquer fórma plausivel á Hespanha. Tem sido este o pensamento da nossa politica, cujos trâmites têm sido complicados, mas que ainda não está abandonado. El Rei Dom João VI, Nosso Senhor, tem por principio supremo: Se as revoluções liberaes puzerem a Sua Magestade fóra do Brasil, não perderá tudo, por que o Princepe Dom Pedro de Alcantra se tornará instrumento dos liberaes, e simulando que se revolta contra El Rei seu pae, ficará na familia de Bragança o novo Imperio do Brasil. No caso de se fixar perpetuamente no Brasil, Portugal unir-se-ha á Hespanha, ficando habilmente no espolio da familia. Cedia Dom João VI o Reino de Portugal a sua filha primogenita D. Maria Thereza, casada com o Infante D. Pedro Carlos, unindo-se n'elle os dois Reinos. O nascimento de seu neto, a quem puzeram o nome de *Dom Sebastião,* veiu acordar todas as espe-

ranças de salvação dos varios Bandarras da alta politica. Morreu prematuramente este novo *Dom Sebastião*, e tambem seu pae o Infante Dom Pedro Carlos, mas não fracassou o plano; está de pé, é agora a ambição do rei Fernando VII, casando com a segunda filha do senhor Dom João VI, D. Maria Isabel. Eis o plano em que trabalham todos quantos querem libertar Portugal do jugo da Inglatera.

FERREIRA CASTELLO

E' o nosso plano. Como Fernando VII agora se conforma com a Constituição e com as Côrtes, por este lado os nossos liberaes olharão com enthusiasmo esta solução habil. Andam por ahi varios emissarios hespanhoes, preparando as cousas...

RICARDO RAYMUNDO

As cousas complicam-se...

MARQUEZ DE BORBA

Como? se isto está no animo de toda a fidalguia portugueza, e deriva da côrte do Rio de Janeiro!

RICARDO RAYMUNDO

Entre os Governadores do Reino e o Marechal

em chefe do Exercito ha um valor moral, que importa considerar: é Gomes Freire de Andrade. Todos nós bem sabemos e fazemos essa justiça: que o tenente general Gomes Freire é incompativel com Beresford, despreza-o como *bastardo* sem escrupulos, e um mediocre estrategico. Beresford receia-se da sua popularidade no exercito: e bem sabe que só elle seria capaz de lhe fazer em Portugal o que em Buenos Ayres já soffreu — uma expulsão pelos naturaes.

MARQUEZ DE BORBA

Beresford trocaria toda a sua gloria militar pelo prazer de vêr enforcado Gomes Freire.

RICARDO RAYMUNDO

Conhecendo a situação, era o primeiro passo para a realisação do nosso plano — saber se poderiamos contar com Gomes Freire. Eu fui o encarregado de mandar sondar o Tenente General. Tenho relações desde os tempos de Coimbra com um rapaz muito habil, a quem nós chamavamos o — *Raposa* — o Rodrigo da Fonseca, chegado ha pouco de Pernambuco. Esse sujeito é capaz de desempenhar as mais difficeis commissões; é seguro. Encarreguei-o de ir sondar Gomes Freire. O Tenente General presente que fermenta uma revolução, e confessou que ás vezes de noite se

levanta alvoroçado, a alguns ruidos que ouve, suppondo ser o momento. Emfim, elle desejou saber que elementos entravam n'esse plano, que tanto lisongeava os liberaes. O Rodrigo veiu pedir-me auctorisação para lhe dizer—que era a propria Regencia que procedia de accôrdo com o pensamento de El Rei Dom João VI, nosso Senhor. Assim que o Tenente General ouviu isto, bradou logo:—Isso é uma traição da Dynastia dos Braganças, tão vil como todas as outras desde Dom João IV, sob o influxo dos Jesuitas! E' uma miseravel felonia dos Senhores do Rocio, vendendo Portugal a Fernando VII, como os outros Governadores em 1580 o venderam a Philippe II.

MARQUEZ DE BORBA

Basta! Isso não se póde supportar. Essas affrontas só se lavam com sangue.

SALTER DE MENDONÇA

Nada feito. O plano fracassou; esperemos novos desastres.

FERREIRA CASTELLO

Para nós Gomes Freire é agora um homem perigoso; está possuidor do nosso segredo, a que chama uma felonia. Deve amargar taes palavras. Só elle é que se julga patriota, de braços cruzados.

MARQUEZ DE BORBA

E além da affronta pessoal á Regencia, elle concitou contra si toda a inexoravel vingança da Companhia de Jesus. Nós poderemos perdoar-lhe; a Companhia nunca.

SCENA II

Os mesmos e D. MIGUEL FORJAZ

D. MIGUEL FORJAZ

Compareço hoje um pouco mais tarde á Conferencia, por causa de certos despachos para o Rio de Janeiro. O Marechal commandante em chefe vae mandar ao Brasil com uma missão secreta o Visconde de Juromenha.

FERREIRA CASTELLO

Sim; comprehendo. Tem por lá o Visconde largos mezes... São uns seis mezes de folga.

D. MIGUEL FORJAZ

E' caso de mais sensação. Ainda estamos todos lembrados, que o Marechal em data de 11 de

janeiro d'este anno officiou á Regencia, communicando-lhe que nas Lojas Maçonicas de Lisboa e Madrid se tramava uma *Conspiração para substituirem as Dynastias* e promulgarem uma Constituição.

RICARDO RAYMUNDO

Bem nos lembramos. *(A meia voz:)* Vi logo que Beresford ia na pista do plano que inevitavelmente o expulsaria de Portugal, bem como o dominio inglez. Então ainda eu tinha esperanças no accôrdo com Gomes Freire.

D. MIGUEL FORJAZ

A partida do Lacerda para o Rio de Janeiro prende-se com a causa revolucionaria; provavelmente o Marechal pede a El Rei nosso Senhor mais poderes.

FERREIRA CASTELLO

Quer juntar ao poder militar o poder civil, como fez quando Governador da ilha da Madeira.

D. MIGUEL FORJAZ

Em uma conversa que ha pouco tive com o Marechal, disse-me=que lhe dava bastante cuidado um certo *Rodrigo*...

RICARDO RAYMUNDO, *para si:*

E' o Rodrigo da Fonseca Magalhães; é, com certeza.

D. MIGUEL FORJAZ

Um certo Rodrigo, que lhe foi indicado como emissario encarregado de *mysteriosas negociações* com differentes mensageiros que circulam de Hespanha a Portugal e de Portugal a Hespanha. =Elle está na pista do plano libertador; tem feito dos officiaes portuguezes os *seus espiões*, degradando assim as nobres patentes. Convém desde já desviar-lhe a attenção para o odio que o preoccupa. O Marechal crê, que no fundo d'essas *mysteriosas negociações* anda a mão de Gomes Freire. Mas quem será este *Rodrigo?*

RICARDO RAYMUNDO

O *Rodrigo* é um homem da minha confiança, extremamente esperto. Falla admiravelmente o castelhano, e isto já o tem salvado algumas vezes n'este giro entre o governo de Madrid e a Regencia. Posso assegurar que o Rodrigo não nos atraiçoará.

D. MIGUEL FORJAZ

Mas que tem elle com Gomes Freire, por isso que o Marechal só está virado para uma Conspiração militar?

MARQUEZ DE BORBA

Deixal-o laborar n'esse equivoco: é o unico modo de nos vêrmos livres de Gomes Freire.

D. MIGUEL FORJAZ

E com elle de toda a influencia dos Pedreiros livres, que por ahi pregam doutrinas da Soberania nacional, Côrtes ou Parlamentos, votações das contribuições do estado, e Constituição politica. Hão de convencer-se que é d'este lado que sopra a tempestade.

MARQUEZ DE BORBA

Com este odio do Marechal lucrámos nós; além do golpe de morte na pedreirada, se effectivamente Gomes Freire é esse homem querido dos soldados e do povo, Beresford, envolvendo-o em uma Conspiração que o leve á morte, ficará de tal modo odiado, que é possivel que o povo acorde, e lhe faça como em Buenos Ayres.

SALTER DE MENDONÇA

Senti parar uma carruagem. Agora me lembro, que marcámos para hoje a audiencia á Commissão promotora do Monumento a Camões.

RICARDO RAYMUNDO

E' certo que cada um de nós, os Governadores, fômos procurados individualmente para acquiescermos a esse projecto; e com toda a prudencia fômos declarando, que só em Conferencia poderiam os Governadores do Reino responder sobre esse ponto. A Commissão vem no dia que lhe aprazámos. *(Entram respeitosamente dois cavalheiros.)*

SCENA III

Os mesmos, SEIXAS CASTELLO BRANCO e Prof. COUTO,

RICARDO RAYMUNDO, *fazendo as apresentações:*

O senhor Joaquim de Lemos de Seixas Castello Branco, Provedor da Junta do Monte Pio Litterario. E o senhor Antonio Maria do Couto, professor de lingua grega n'esta capital.

MARQUEZ DE BORBA

Conhecemos perfeitamente o assumpto de que se trata. Um Monumento erecto a Camões, á custa de uma Subscripção publica; mas para levar a effeito a adhesão dos subscriptores, pre-

tendem que os primeiros nomes que figurem na lista sejam os dos Governadores do Reino. A nossa resposta cathegorica é clara: =Os Governadores do Reino estão promptos a subscreverem, logo que a Mesa ou os Directores da Commissão de Lisboa lhes appresentem o Diploma de approvação de Sua Magestade; antes d'isso julgam este acto contradictorio á sua auctoridade e representação.

SEIXAS CASTELLO BRANCO

Cumpre-nos agradecer a Vossas Excellencias a attenção com que nos receberam, protestando que não houve em nosso animo intuito de provocar um acto contradictorio á auctoridade e representação da Regencia. Hoje mesmo, cumprindo o pedido do Morgado de Matheus, D. José Maria de Sousa Botelho, irei entregar os exemplares da Edição monumental dos *Lusiadas,* que acaba de apparecer em Paris, aos Ex.mos Senhores Marquez de Borba, Ricardo Raymundo Nogueira, D. Miguel Pereira Forjaz, João Antonio Salter de Mendonça... Tambem veiu um para o sr. Marquez de Campo Maior, Marechal Commandante em chefe do Exercito.

FERREIRA CASTELLO, *á parte:*

Será engano; um exemplar dos *Lusiadas* para

Beresford! E' engano; não contaria o Morgado de Matheus commigo!

MARQUEZ DE BORBA

Com muito gosto receberei os exemplares dos *Lusiadas* com que o senhor Morgado de Matheus nos brinda. Uma edição em que elle gastou para cima de doze contos! *(Despedem-se com profundas cortezias.)*

SCENA IV

Os mesmos, menos os da Commissão.

D. MIGUEL FORJAZ

A este presente dos *Lusiadas* podemos applicar o ditado *Timeo Danaos, dona ferentes.* Um livro impresso em Paris, no fóco do jacobinismo, deve vir inçado do seu espirito revolucionario.

RICARDO RAYMUNDO

Não anda V. Ex.ª longe da verdade. Esta mania que agora surgiu de assoalhar o nome de Camões, parece-me um grito de guerra, e a publicação dos *Lusiadas* uma mina incendiaria.

Deixámos morrer o Poeta á fome, ao desamparo, e agora ha quem gaste doze contos de reis reimprimindo o poema dos *Lusiadas*, quando em nada aproveita a quem o compoz. Decididamente, os Governadores do Reino faziam um acto contradictorio da sua auctoridade e representação subscrevendo para um Monumento a Camões! Em primeiro logar, a occasião é perigosa para tentar uma tal empreza. Tudo póde, na desgraça em que nos vêmos, suscitar uma revolução; e acordar o sentimento nacional, lembrar a Portugal as suas passadas glorias, insuflar o amor da ditosa Patria, com franqueza o confesso, é um perigo. Camões estava bem esquecido, e esta crise da nação passaria inconscientemente, por que nada havia que despertasse um protesto do espirito da Nacionalidade. E era a nós que vinham pedir os nomes para uma Subscripção para o Monumento a Camões!

MARQUEZ DE BORBA

Um verdadeiro disparate, proprio de epocas revolucionarias. Os Monumentos só se erigem aos Reis e Imperadores. A Poetas, é um caso novo! e então a um poeta que morreu no hospital, e que até a sua mortalha foi uma esmola da Casa de Vimioso.

D. MIGUEL FORJAZ

Tudo me leva a crêr que n'esta cousa de Ca-

mões, o Monumento em Belem ou em San Vicente, e a edição luxuosa dos *Lusiadas*, são um manejo revolucionario. Tenho meus fundamentos. O pintor Sequeira, que já aqui esteve prezo por jacobino, afferrado ás *ideias francezas*, tambem lhe deu para pintar um quadro da Morte de Camões; e o compositor Domingos Bomtemp otambem está preparando uma Missa de *Requiem* para a trasladação dos ossos de Camões; ora o Intendente da Policia dá-nos pessimas informações dos sentimentos politicos d'este sujeito. Querem-no mais claro? Fallar em Camões, lêr os *Lusiadas* é revolver as cinzas de Portugal. Philippe II, ao entrar em Lisboa, perguntou por Camões; felizmente para o invasor, o poeta estava morto e com elle a patria.

RICARDO RAYMUNDO

Não vale a pena perder mais tempo com Camões. Eu tambem fiz em tempo o meu verso, e inclino-me para as opiniões de Verney e de Voltaire, de Niceron e outros, que têm patenteado os defeitos dos *Lusiadas;* e tenho para mim que nenhum dos nossos neo-árcades se prestaria a pôr o seu nome como auctor d'essas outavas.

Nós temos ahi o poema *O Gama*, em que um padre erudito e talentoso celebra o Descobrimento da India com mais emphase rhetorica e correcção metrica, do que o antiquado Camões, que já fez o seu tempo.

SCENA V

Os mesmos e o porteiro da Sala da Conferencia

PORTEIRO

O sr. Ajudante de Ordens de S.ª Ex.ª o Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, quer entregar em mão do Senhor Presidente um Officio confidencial e importantissimo. *(Agitação nos Governadores; o Coronel Watson é introduzido na sala; entrega silenciosamente um Officio ao Marquez de Borba, e sáe com toda a secura militar.)*

SCENA VI

Os mesmos, menos o AJUDANTE WATSON

MARQUEZ DE BORBA, *lendo com anciedade:*

Ou eu não sei o que leio, ou é um caso espantoso, extraordinario! *(Os Governadores levantam-se dos seus logares, e acercam-se do Presidente.)*

D. MIGUEL FORJAZ

E' uma Conjuração.

MARQUEZ DE BORBA, *entregando-lhe o officio:*

Beresford participa á Regencia que descobriu uma Conjuração militar; que tem a lista dos nomes dos varios Conjurados, á frente dos quaes se achava Gomes Freire.

TODOS

Gomes Freire! Gomes Freire!?

MARQUEZ DE BORBA

E como isso se passava entre militares, não deu logo parte á Regencia, reservando a acção exclusiva do Commandante em Chefe do Exercito para effectuar promptamente as prizões, como já fez, e preparar a Devassa que hade ser base do processo crime de Inconfidencia e Lesa Magestade.

FERREIRA CASTELLO

E' para nós uma vergonha que se descubra uma Conspiração, sem que até este momento suspeitassemos da sua existencia.

D. MIGUEL FORJAZ, *com satisfação:*

Já estão todos prezos. O Marechal acatará as nossas prerogativas soberanas, e entregar-nos-ha o processo para o julgamsnto no Tribunal civil da Junta da Inconfidencia. O Marechal dá conta no Officio dos actos que praticou. *(Lê:)*

—Ás 11 horas e meia da noite sahiu o Marechal da sua residencia do Pateo do Saldanha, acompanhado de um Ajudante de Ordens, Frederico Watson, e veiu estabelecer o seu quartel general em Alcantara, onde estava o seu Estado Maior, e o 1.º Regimento de Cavallos commandado pelo seu coronel Sir Henrique Watson; e o Batalhão do Regimento N.º 4 de Infanteria, commandado pelo Major Rozado:

—Calçada das Necessidades: meio Batalhão do 4 de Infanteria, comm. o Major Mendonça.

—Outro, no Campo de Ourique com o seu coronel Ricardo Amstrong (comm. o Marechal de Campo sir Archibald Amstrong, Comm. de Divisão).

—Quartel de Belem: 1.º de Infanteria comm. Tenente Coronel Clance; (com o comm. de Brigada José de Vasconcellos e Sá.)

—Rondando toda a Praia desde Belem até Alcantara: um esquadrão em partidas de Cavall. 4 sob comm. do General Marquez de Sabugosa.

—Castello: Regim. de Infanteria, sob o comm. do General das Armas da Côrte, Francisco de

Paula Leite. Val de Pereiro — Reg. 16 Infanteria.

— Caes dos Soldados: 4 Brigadas de Artilheria volante, de 20 peças, 4 obuzes de calibre 9 em linha, com morrões accesos, sob comm. do Inspector geral de Artilheria Antonio da Rosa.

— Passada ordem á Tropa da Guarda de Policia a fazer a prisão de individuos implicados na Conspiração. = O Tenente General Gomes Freire de Andrade ha sido prezo pelo Desembargador Ajudante do Intendente João Gaudencio, acompanhado de um forte destacamento da Guarda de Policia commandado pelo Tenente Coronel da mesma, Joaquim José Maria de Sousa Tavares. Depois de cercarem a casa do Tenente General (ao alto da Calçada do Salitre) arrombaram a porta da rua, e foram arrombando as demais até chegarem ao Gabinete onde elle se achava; assim que foi arrombado este, os soldados entraram no quarto apontando as armas contra o General, o qual não fez a menor resistencia nem se mostrou assustado; e por detraz dos soldados gritou o dito Tenente Coronel:

— V.ª Ex.ª está preso.

Ao que Gomes Freire respondeu:

— Assim se entra com tanta insolencia e desafôro em casa de um Tenente General? e V. M.ᶜᵉ não me pode prender porque não tem a minha patente!

«Então appareceu o Desembargador e mos-

trando-lhe a ordem se deu á prisão sem nada dizer ao Desembargador; mas voltando-se para o Tenente Coronel chamou-lhe *um fraco e insolente*, ajuntando que o seu comportamento não era nem de *um Official nem de um Cavalheiro, mas sim de um Esbirro ou vil agarrador*. Depois de apprehendidos os seus papeis, entrou com o Desembargador em uma seje de aluguel e foi conduzido á Torre de S. Julião da Barra, onde chegou ás seis horas da manhã, acompanhado da mesma Escolta de Cavallaria da Policia que o tinha ido prender.

«Deve notar-se, que n'aquella mesma tarde, Gomes Freire tinha dito em casa do Conde Rio Maior:=«Eu esta noite heide ser prezo!»=E dizem que n'esse dia tinha recebido cartas anonymas avisando-o que o seria á meia noite.»

FERREIRA CASTELLO

Nenhum de nós suspeitava da existencia de tal Conjuração! Como é que o Commandante em chefe do Exercito, subordinado ao Poder civil, procede por sua conta, prende e faz devassas sem sermos ouvidos?!

MARQUEZ DE BORBA

Na altura em que estão as coúsas, não se póde parar; temos de fazer cara ao tempo.

D. MIGUEL FORJAZ

Deus escreve direito por linhas tortas. O Marechal tinha colhido os fios das combinações dos liberaes hespanhoes, e conhecendo o plano da união de Portugal á Hespanha sob uma princeza de Bragança... estavamos nós servidos. Assim com este desvio, que envolve Gomes Freire, que não adheriu ao plano bragantino e é por tanto nosso inimigo, ficamos salvos de complicações.

RICARDO RAYMUNDO

Por esse lado soffre um pouco a nossa jurisdicção, mas ficamos livres de que nos accusem de traidores. E mesmo, sendo Gomes Freire o General querido e a esperança da nação, o odioso dos rigores contra elle e mesmo da sua morte cáem sobre Beresford... e ficará ferida a sua auctoridade.

SALTER DE MENDONÇA

Convinha cohonestar a nossa situação. O Marechal chama-nos os *Senhores do Rocio*, com desdem, e isto confirma-o ante o publico.

D. MIGUEL FORJAZ

Tudo se conciliará, com habilidade. A Conjuração a que Beresford deu exclusivo caracter militar ficará immeditamente sob a nossa alçada, se

a Regencia aproveitar este ensejo para envolver todos os Maçons.

MARQUEZ DE BORBA

Sim! por que a Pedreirada está toda virada para essa farçada dos Parlamentos e cantatas de Constituições politicas. De uma cajadada matam-se dois coelhos..

D. MIGUEL FORJAZ

O Marechal já me confiou a fórmula do Juramento dos Conspiradores; n'ella se invoca o — *Magnifico Architecto* — que é como os Pedreiros-livres chamam a Deus, supprimindo-lhe o nome.

RICARDO RAYMUNDO

Beresford não consentirá que se faça tal, nem que lhe compliquem o seu processo da Conjuração, nem que persigam os Maçons, que hoje já têm representantes nos thronos da Europa. Eu reconheço que o mal está na Pedreirada, por que são elles que exploram o descontentamento da Nação; mas...

SCENA VII

Os mesmos e BERESFORD

BERESFORD, *entrando abruptamente:*

Competia-me entrar aqui com a mesma auctoridade com que Wellesley e Charles Stuart assistiam ao Conselho da Regencia. *(Tomando assento.)*

Como tereis visto pelo meu officio, eu acabo de salvar Portugal de uma horrorosa catastrophe da anarchia revolucionaria. Entendi, pela summa importancia do caso, vir dar parte á dignissima Regencia eu mesmo, pessoalmente, e combinar de um modo expedito e immediato a acção mutua do poder militar com o poder civil, para que triumphe a ordem e se imponha um tremendo exemplo a quantos pensarem em affrontar o principio da auctoridade.

MARQUEZ DE BORBA

O senhor Marechal deve possuir provas flagrantissimas para ter procedido tão instantaneamente como procedeu.

BERESFORD

Oh! certamente; verdadeiramente. Eu trago

algumas commigo e posso mostral-as aos *Senhores do Rocio*... aos Senhores Governadores do Reino.

RICARDO RAYMUNDO

Se V.ª Ex.ª se dignasse communicar-nos algumas d'essas provas...

BERESFORD

Promptamente. Aqui está a *Proclamação* dos Conjurados, transcripta das forças d'aquella que o Alferes Cabral Calheiros communicara ao Capitão Moraes Sarmento.

FERREIRA CASTELLO

Ouçamos! Ouçamos!

BERESFORD, *lendo:*

— «Tendes por medida favoravel que Almeida se mandasse desarmar, e que succeda a Elvas o mesmo, em poucos dias? Dá-vos ideia de prosperidade vêr esgotados os cofres publicos e particulares? Mais sabeis que maior requisição de tropas se faz ao nosso paiz, e que esse ridiculo Aventureiro, (que em desabono nosso é Commandante em chefe do Exercito) tenta levar ao fim o novo recrutamento, já por fazer á sua Patria o serviço

de aniquilar-nos o Commercio, Artes e toda a Industria nacional, já para que exhauridos de braços, inermes e sem recursos, não frustremos o tacito e sacrilego Tratado por onde o *ingrato monarcha nos sujeita á tyrannia dos Hespanhoes como dote da filha* ou presente de escravatura.»

FERREIRA CASTELLO, *áparte:*

Grande parte d'essas affirmações está escripta nos relatorios da Regencia para a côrte do Rio de Janeiro.

RICARDO RAYMUNDO, *áparte:*

Quem fabricou essa Proclamação conhecia os planos da Regencia combinados com os de El Rei Dom João VI *sobre o dote* da sua filha segunda.

BERESFORD, *tirando outro papel:*

Se esta Proclamação vos não patenteia o vasto trabalho da Conjuração, lêde ainda alguns trechos das Instrucções secretas para alliciar adeptos para o movimento revolucionario: = «Deves começar a tua disposição aos individuos que quizeres envolver, por fazer uma pintura a mais triste da situação de Lisboa, e d'aqui tirares a da Nação toda; ...deves dar a conhecer que o Marechal tem feito desarmar todas as nossas praças, e que tendo já feito o mesmo ás Fortalezas e

Torres de nossos portos de mar, está assim Lisboa, como todos os mais portos, expostos a um desembarque repentino dos Inglezes, e por consequencia a um saque; e que isto se está receando muito em toda a parte, maximè em Lisboa; o descontentamento geral, a riqueza que se nos acaba de roubar com a sahida da Esquadra, que importa em vinte milhões; que o Erario não tem real, etc.» —

MARQUEZ DE BORBA

E' um quadro horrivel.

RICARDO RAYMUNDO

Não contém uma plena prova juridica.

BERESFORD

Eu confio em Juizes habeis, que sabem evidenciar as provas até onde quizerem. Eu vou entregar todos os documentos apprehendidos aos conspiradores para serem apreciados no Tribunal da Junta da Inconfidencia por Juizes habeis. Eis aqui o lista dos Juizes em cuja intelligencia eu tenho a maxima confiança...

FERREIRA CASTELLO, *áparte:*

Até aonde chega o descaramento! Ha juizes para tudo.

SALTER DE MENDONÇA

E não podemos recuar; estão já as prizões effectuadas.

BERESFORD

São elles: o Gomes Ribeiro, o Leite, *(pára olhando as physionomias dos Governadores)*; o Doutor Velasques, Araujo.

FERREIRA CASTELLO, *áparte:*

O Arassujo? está bem.

BERESFORD, *concluindo:*

E Ribeiro Saraiva.

SALTER DE MENDONÇA

Nomes conhecidos; homens que detraz da sua consciencia tem coragem para tudo.

BERESFORD

São os homens de quem depende hoje a salvação de Portugal e do throno da patriotica dynastia de Bragança.

RICARDO RAYMUNDO

Precisamos prevenir todas as hypotheses agora.

Se o julgamento dos Conjurados, que já estão prezos, fôr absolutorio, por falta de provas juridicas, com que cara ficaremos todos, diante de uma gargalhada geral?

D. MIGUEL FORJAZ

Os Juizes da Junta da Inconfidencia têm o bom senso e o dever de não nos deixarem mal. A parte sacrifica-se ao todo. *Salus populi suprema lex.* Trata-se da Nação: da ordem publica, da Dynastia.

RICARDO RAYMUNDO

Acceitando a hypothese, que os Juizes escolhidos não vão para julgar, mas para condemnar um crime de primeira cabeça, á pena ultima, quem nos garante que El Rei e Imperador Dom João VI, nosso Senhor, assignará as sentenças de morte? E conhecido o seu genio bondoso e froixo, não tenderá elle para uma amnistia, ou perdão? E n'esse caso, ficará descoberto todo este jogo e inimigos de valor em frente de nós todos!

BERESFORD

Como militar e estrategico experimentado pensei em tudo isso. A'manhã parte para o Rio de Janeiro o Lacerda, o Visconde de Juromenha, meu secretario das Resoluções immediatas. Vae

com a missão secreta *(olha em roda de si, e continúa a meia voz:)* buscar uma Carta regia de Sua Magestade, para que a Sentença á pena ultima que se der contra a Conjuração de Gomes Freire seja executada sem dependencia de sancção regia, ficando excusada de ser remettida préviamente para o Rio de Janeiro.

MARQUEZ DE BORBA

Desistirá El Rei d'essa sua altissima prerogativa?

BERESFORD, *sorrindo:*

El Rei faz o que lhe dizem.

FERREIRA CASTELLO, *completando o apódo:*

E come mais do que lhe dão.

D. MIGUEL FORJAZ

A estrategia do Marechal é segura. Por tanto, o julgamento dos réos pode começar mesmo secretamente, por que se trata de factos politicos, que devem ser vedados ao publico sempre. São precisos tres mezes para a volta do Lacerda; e, dada a Sentença, ella só se executará depois de recebida a Carta regia pedida, e satisfeita a Justiça então se tornará publica a Sentença.

BERESFORD

O senhor Ministro da Guerra, D. Miguel Forjaz, comprehende-me; está commigo em tudo, e para tudo, salvo em um ponto — na perseguição contra os Pedreiros livres, como cá chamam aos *Free-Maçons*, isto é, os Senhores do Palacio dos Estáos, com a Inquisição. A cada um o que é seu. *Â tout seigneur tout honneur.* Vou fechar a Correspondencia que o Lacerda levará para o Rio de Janeiro, e formular o teor da Carta regia, que elle hade trazer... Estamos em fins de Maio... basta que aqui esteja em Outubro... *(Sáe)*

SCENA VIII

Os mesmos, menos o MARECHAL

SALTER DE MENDONÇA

Temos de escrever immediatamente para o Rio de Janeiro, para notificar a Conspiração; evitar que se suspeite, que ignoravamos tudo até ao dia 24 de Maio, em que o Marechal veiu conferenciar com a Regencia.

D. MIGUEL FORJAZ

Carecemos de proceder de accôrdo com o Ma-

rechal; é boa politica, do que temos altos exemplos. Quando o Congresso de Vienna estava em risco de se dissolver por impossibilidade de commum accôrdo, o apparecimento subito e extraordinario do *Homem do Destino*, que fugira da ilha de Elba, fez com que se calassem os communs egoismos para uma *entente* necessaria. Estamos em egual caso.

FERREIRA CASTELLO

Convem lembrar para a Côrte do Rio de Janeiro que: = «Em 1815 faltaram cinco milhões de cruzados para saldar as despezas do anno; — que os juros dos seis por cento do emprestimo dos ultimos seis milhões de cruzados, aggravaram por fórma o Real Erario, que está na situação de

— Não pagar os Juros reaes e as Tenças;

— Estando dezesete mezes de atrazo no pagamento dos vencimentos do Monte-Pio e Reformados:

— Alguns quarteis em atrazo ás Ordenanças, e varios mezes de soldo aos Officiaes portuguezes;

— E até demora do pret nas quinzenas dos soldados.

E em vista d'isto concluiremos := «Estamos por tanto nas mais terriveis e dolorosas circumstancias em que nunca nos vimos, achando-se o Erario falto de meios para despezas tão excessivas;

o povo pobre sem o pagamento dos seus vencimentos, e vexado, sem Commercio, sem Navegação, quasi sem numerario, e mais que tudo sem a Augusta Presença do nosso Soberano,— *Facilmente pode haver revolução pela pobreza e descontentamento geral*, não podendo manter-se Estado algum sem meios para a sua despeza indispensavel...»

D. MIGUEL FORJAZ

Ao que eu accrescentarei:

=«Não havendo cousa mais arriscada e propria para uma revolução que a Força armada sem pagamento.

SCENA IX

Os mesmos, o PORTEIRO e o AJUDANTE WATSON

PORTEIRO

O Ajudante de Ordens do Senhor Marechal Commandante em chefe do Exercito.

WATSON, *dirigindo-se ao Presidente:*

Cumpre-me entregar em mão de V.ª Ex.ª, como Presidente da Regencia, a inclusa carta do

Tenente General Gomes Freire, prezo na Torre de San Julião da Barra. *(Entrega e retira-se.)*

MARQUEZ DE BORBA

Gomes Freire está sob a auctoridade militar, e por ella é que se dirige a nós.

D. MIGUEL FORJAZ

O Marechal procede com exemplarissima correcção.

MARQUEZ DE BORBA

Gomes Freire pede auctorisação para escrever á sua familia.

D. MIGUEL FORJAZ

Elle está no Segredo, e portanto incommunicavel. Sómente os Juizes da Junta de Inconfidencia, que já estão nomeados, é que lhe podem levantar o Segredo.

MARQUEZ DE BORBA

Pede mais o Tenente General, que se lhe conceda um abôno para seu sustento.

D. MIGUEL FORJAZ

E' á auctoridade militar que compete arbitrar

esses abônos; seja enviado o pedido para o Ministerio da Guerra para que resolva. Em meu entender, e diante da situação do Real Erario, seis vintens diarios chegam para as suas necessidades.

MARQUEZ DE BORBA

Pede mais, que se lhe conceda uma enxerga em que se deite, por que até ao presente tem descansado sobre o lagêdo da masmorra...

SCENA X

Os mesmos e BERESFORD

BERESFORD, *entrando impetuosamente:*

Ainda aqui torno. Um novo caso. Pois não sabem? Appareceu entre a papelada apprehendida ao réo Verissimo Antonio Ferreira da Costa, Tenente Coronel da tropa da 1.ª Linha, este caderno intitulado *Sobre o estado da Nação*. Contém revelações gravissimas.

RICARDO RAYMUNDO, *para Ferreira Castello:*

Este Verissimo estava comnosco?

FERREIRA CASTELLO

Foi elle que escreveu o *Plano de Recrutamento do Exercito*, que entregou ao Principal Sousa para o appresentar ao ministro da guerra D. Miguel Forjaz.

RICARDO RAYMUNDO

Eis ahi o motivo por que Beresford o envolveu na Conjuração.

FERREIRA CASTELLO

Compete-nos salval-o.

BERESFORD

Não posso nem tenho tempo para lêr todo este *Papel* sobre o estado de Portugal; basta qualquer pagina ao acaso. Ouçam; reparem como é ahi tratado o nosso Augusto Monarcha. *(Lê:)*

«Baixo, atarracado e obeso; cabeça de um volume desproporcionado com o corpo, talvez da primitiva hydrocephalia; cobre-a um cabello grôsso, quasi cerdoso, que lhe invade a testa e a diminue, dando-lhe aspecto simiano ou amacacado, ou melhor de Sátiro, de que tem o temperamento erotico; olhar inquieto, sem fixidez, faces cahidas e inexpressivas; nariz abatatado e o beiço inferior saliente segundo o *typo austriaco*,

com um pendor idiotico, o fallar tardo, em harmonia com a condição hesitante e timida fortificado pela dissimulação e desconfiança constante; o ventre bojudo confundindo-se com o peito; pernas curtas e finas, pés espalmados, com os braços longos, dependurados de uns hombros largos, tudo revelando uma criatura physica e moralmente degenerada, com terriveis heranças, da loucura da mãe, da imbecilidade do pae, do cancro do avô, da devassidão e perfidia atávicas, constituindo o tronco para uma geração destinada...

MARQUEZ DE BORBA

Basta, Senhor Marechal! Isso é um tremendo sacrilegio contra a Real e Sacra Magestade de El Rei Dom João VI.

BERESFORD

Por isso mesmo é que eu trouxe á presença dos Governadores este Papel...

SALTER DE MENDONÇA

Que deve ser queimado pela mão do carrasco no Terreiro do Paço, como cá se faz aos livros impios, racionalistas e philosophicos.

BERESFORD

Eu proponho que o *Papel sobre o estado da Nação* seja appensado ao processo da Conspiração; dá-lhe muita força, fundamenta todo o rigor.

MARQUEZ DE BORBA

Nós os Governadores entendemos que esse Papel deve ser lançado á sargeta, destruido; o resultado do Processo não depende d'elle, mas da pericia dos Juizes.

BERESFORD

Sim; tenho a pericia dos Juizes que eu indiquei como mais segura; muito segura. *(Tira o relogio.)* Vae embarcar o Visconde de Juromenha para o Rio de Janeiro. Preciso ir combinar com elle um signal, que aqui revelo como segredo de estado e de absoluta confidencia. *(Os Governadores mostram-se intrigadamente attentos.)* Vou dizer ao Lacerda, que no regresso do Rio de Janeiro, logo que entrar a barra, saude para terra com uma salva de vinte e um tiros. E' o signal de que traz a Carta regia para se executar a Sentença á pena ultima sem necessidade de sancção do poder real. *(Saíndo.)*

D. MIGUEL FORJAZ

Digam o que disserem: o Marechal é um grande homem.

SCENA XI

OS GOVERNADORES

RICARDO RAYMUNDO

O Tribunal da Junta de Inconfidencia já está funccionando, procedendo aos interrogatorios. Julgo da maior conveniencia que a Devassa, que serve de base ao Processo da Conspiração, seja examinada por um dos Governadores; sem isso andamos de olhos fechados.

SALTER DE MENDONÇA

Proponho o digno membro da Regencia Ferreira Castello.

D. MIGUEL FORJAZ

Estamos todos de accôrdo na sabia escôlha.

MARQUEZ DE BORBA

Os papeis da Devassa já vieram remettidos ao Conselho da Regencia; acham-se lacrados e sellados na sala contigua, para serem examinados. *(Os Governadores sáem, ao toque das quatro horas.)*

RICARDO RAYMUNDO

São as horas canonicas, para — depois da Patria, nós.

FERREIRA CASTELLO, *motejando:*

Nós é cousa atada... e parece-me que tudo isto que se está passando vae pôr a forca em bolandas. *(Sáem.)*

SCENA XII

MUTAÇÃO: ***Sala frouxamente alumiada: diante de uma meza um vulto occupado em examinar varios maços de papelada.***

FERREIRA CASTELLO

O que apuro de tudo isto, é que o primeiro vestigio ou indicio para a Conjuração deriva do Alferes de Infanteria 3, demittido do serviço militar, pelo seu estado de alienação,— «que lêra um papel revoltoso, ou Proclamação no Passeio publico.» E que este Papel «o achara no Rocio, junto ao Botequim da Madre de Deus, de madrugada...» Comprehendo! Aproveitaram-lhe a vesania: «que lhe parecera o Papel bem feito e o copiara, fazendo-o passar como seu, e o lêra a differentes pessoas, emprestando-o por ultimo a quem lh'o não restituiu.» A demissão do exercito

foi por motivos que em um official responsavel pelos seus actos seria fuzilado; Calheiros «Desamparou o exercito por varias vezes, em tempo de guerra!» E' elle que faz referencias a Gomes Freire, e é este o instrumento inconsciente sobre que se tece a Conspiração! *(Põe o caderno de lado.)* Adiante. D'entre esses dezasete desgraçados, destaca-se o Alferes de Infanteria 16 José Ribeiro Pinto, que conjunctamente com seu primo José Joaquim Pinto da Silva, Alferes do 4.º de Infanteria, dois rapazes divertidos, que desenhavam e faziam versos, se lembraram de disfructar a loucura do Cabral Calheiros debaixo da ficção de um *Conselho Regenerador de Portugal*; debaixo da mesma ficção fabricaram as Instrucções, Credenciaes, e Proclamação; tendo comprado uma fita em que pintaram um G, abrindo em páo as letras C. A. P. que não tinham significação alguma. Que para illudir o Cabral Calheiros é que disseram que entrava Gomes Freire e o Barão de Eben. Os dois Alferes fizeram tambem dois Pasquins em verso; e n'este divertimento coadjuvaram o Coronel reformado á força por Beresford, Manoel Monteiro de Carvalho, que tinha esperança de em Hespanha haver revolução, e José Campello de Miranda. Sei que este alferes Ribeiro Pinto é primo de um outro militar visionario, que escreveu um *Projecto de guerra á Guerra, ou a Paz permanente*, um tal José Maximo Pinto da Fonseca Rangel. Tudo maluquei-

ras inoffensivas, de que abunda esta epoca turbulenta. *(Descança tomando uma pitada.)*

Depois da denuncia de Andrade Corvo ao Marechal, este ordena a espionagem, dando expressamente ordem a quatro officiaes portuguezes para se aliciarem na Conspiração, e descobrirem o que de Gomes Freire se tivesse passado. Uma vez mettidos os quatro espiões na ficção do *Conselho Regenerador*, os parceiros da ficção procuraram safar-se da rascada addiando as iniciações, e nunca podendo approximal-os de Gomes Freire. Os outros réos nos interrogatorios fallaram em Gomes Freire por se lembrarem da sua popularidade. *(Deixa de lado os dois cadernos.)* Do interrogatorio de Gomes Freire, vê-se perfeitamente o caso:==Suspeita que a raiz de tudo isto provém dos *liberaes hespanhòes,* que por ahi andam como emisssarios. Que não conhecia a existencia da Sociedade ou Conspiração, não obstante ser Maçon, occupando na sociedade maçonica os primeiros logares. Que evitava apparecer em publico e particularmente em ajuntamento militar, por que temia que alguns clamassem—Alli está o nosso General. Como homem de honra, declara: que no caso de haver uma subita explosão, que não se recusaria a dar a precisa direcção, *mediante a sua popularidade,* para conservar o Reino ao Soberano e evitar a anarchia.—Aqui está a essencia da Devassa e a parte vital do processo; o mais são resentimentos contra a oc-

cupação ingleza que a propria Regencia soffre e com que se affronta. *(Reabre-se o salão da Conferencia dos Governadores: Ferreira Castello entra instantes depois.)*

SCENA XIII

OS MEMBROS DA REGENCIA

FERREIRA CASTELLO

Li reflectidamente todas as peças do processo da Conspiração, e não achei facto positivo que sirva de base a uma prova juridica.

MARQUEZ DE BORBA

E' preciso ter em vista, que os crimes politicos, e sobretudo de lesa-magestade, não se documentam por factos immediatos; vae-se mesmo procurar a responsabilidade no fôro intimo da consciencia, nas intenções tacitas. Isso faz a Egreja no Santo Tribunal da Inquisição.

FERREIRA CASTELLO

Entre os papeis apprehendidos em casa do Gomes Freire, acharam-se algumas cartas anonymas...

MARQUEZ DE BORBA

Por ventura conterão o fio de alguma intriga?

FERREIRA CASTELLO

Em uma carta era avisado de *que seria prezo á meia noite*, e que lhe iria verbalmente indicar o local do refugio.

RICARDO RAYMUNDO

Não tem assignatura esse bilhete?

FERREIRA CASTELLO

Assigna-o: MATHILDE DE MELLO.

D. MIGUEL FORJAZ, *á parte:*

Pasmoso! Só eu sabia que o Marechal Beresford realisaria a prisão de Gomes Freire *á meia noite*. Como transpiraria isto?

FERREIRA CASTELLO

Quem será esta *Mathilde de Mello?* Os senhores não conhecem nenhuma dama que... Ella subscreve-se—*Sua pelo espirito e pelo coração...*

D. MIGUEL FORJAZ

Cada vez comprehendo menos. Ahi ha mysterio inexplicavel. *(Fica pensativo.)*

RICARDO RAYMUNDO

Como todas as peças do processo têm vindo da mão do Marechal Commandante em chefe, é de toda a conveniencia pois, que se lhe exija mais provas. Ser-lhe-ha facil arranjal-as...

D. MIGUEL FORJAZ

Cumpre declarar, que com a remessa d'este Processo para o Conselho da Regencia vinha um Officio que me era dirigido, na minha qualidade de Ministro da Guerra. Trago-o commigo. *(Lê um trecho)*:

==E' provavel e deve esperar-se que o mesmo Marechal tenha ainda a fornecer a noticia de papeis, actas ou testemunhas, que *sirvam* para o processo interrogatorio, *convindo que sejam communicados.*==

FERREIRA CASTELLO

O Marechal apenas sabe o que lhe têm dito os seus espiões, e as phantasmagorias do Alferes Calheiros, que até agora não tem fallado em Gomes Freire.

D. MIGUEL FORJAZ

Rigorosamente isso é assim.

Em um Officio de 2 de Junho o Marechal Marquez de Campo Maior, escrevia-me... Peço licença para lêr na sua redacção em francez, o que me diz das respostas do Calheiros: = Il n'a pas même mentioné les *personnes principales*... *les magistrats feront de plus ce qu'il leur paraitra necessaire.* =

FERREIRA CASTELLO

Até ahi chegou a franqueza! Com que aos Juizes impende o que lhes parecer mais necessario! Ha Juizes em Berlim, dizia o aldeão ao grande Frederico; e pelo seu lado diz-nos o Marechal Marquez de Campo Maior: que em Portugal ha Magistrados *para suprirem o que fôr necessario! (O Porteiro annunciando o Ajudante de Ordens de Beresford.)*

SCENA XIII

Os mesmos e CORONEL WATSON

WATSON

Sua Excellencia o Marechal commandante em chefe do Exercito acaba de receber uma carta de

Gomes Freire de Andrade, prezo na Fortal
S. Julião da Barra, pedindo-lhe para que
chegar ás mãos de Sua Magestade El Rei
João VI. A carta vem fechada, está intact
tende o Senhor Marechal que á Regencia
compete dar andamento a geraes reclamaç
pedidos a Sua Magestade El Rei, aca
assim a sua jurisdicção de Logar-tenencia
rana.

D. MIGUEL FORJAZ

O Marechal é sempre correcto.

MARQUEZ DE BORBA

Terá o andamento competente. *(O Aju de Ordens retira-se.)*

SCENA XIV

OS MEMBROS DA REGENCIA

MARQUEZ DE BORBA

E' possivel que esta carta, dirigida por (
Freire a El Rei, envolva segredos de E
Devemos nós remettel-a para o Rio de Ja
Devemos tomar conhecimento do seu con

D. MIGUEL FORJAZ

Opino, que seja aberta a carta. Ella é escripta por um homem que se reconhece perdido.

SALTER DE MENDONÇA

E que joga a ultima carta.

RICARDO RAYMUNDO

E' muito capaz de declarar a El Rei, que nós é que sômos os Conspiradores.

FERREIRA CASTELLO

O Rodrigo não foi apanhado na rêde da Conjuração. Se elle é o *Raposa.*

D. MIGUEL FORJAZ

Lêa-se a carta.

SALTER DE MENDONÇA

E' uma cartada.

RICARDO RAYMUNDO

Descartemo-nos de sustos...

MARQUEZ DE BORBA, *abre a carta:*

E' effectivamente o que pensavamos. Refere a El Rei, que os Governadores não podendo supportar as arrogancias e exigencias pecuniarias de Beresford, trataram de fazer que o tenente General Barão de Eben escrevesse para Inglaterra ao Duque de Dussex para que o governo britanico chamasse a Londres o Marechal que desacreditava a politica liberal ingleza; que elle Gomes Freire fôra convidado por um emissario da Regencia para cooperar com os liberaes hespanhoes para a união de Portugal á Hespanha, não só como dote da princeza portugueza, mas como recurso ultimo para expulsar Beresford de Portugal, como lhe fizeram já em Val Paraiso! E que recusando-se a essa traição se via agora esmagado entre os odios de Beresford e o crime da Regencia. *(Passa a carta de mão em mão.)* Decididamente, esta carta não vae ao seu destino.

TODOS

Por certo. E' um attentado, digno de morte.

D. MIGUEL FORJAZ, *com ironia:*

Les Magistrats feront de plus se qu'il leur paraitra necessaire.

FERREIRA CASTELLO

Elle cita os nossos nomes como dos verdadeiros conspiradores.

MARQUEZ DE BORBA

Gomes Freire merece ser enforcado, como um cão.

SCENA XV

OS MEMBROS DA REGENCIA e o DESEMB. GUIÃO

GUIÃO, *vindo á sala do Conselho:*

Já estamos no Tribunal da Junta da Inconfidencia lavrando a Sentença em que conglobamos todos os réos.

MARQUEZ DE BORBA

O veredictum é de morte?

GUIÃO

Temos uma leve duvida; mera formalidade. Sendo o Tenente General Gomes Freire militar condecorado com uma Espada de honra e a nobre

Ordem de S. Jorge, para não melindrar a Autocracia russa ser-lhe-ha concedido o fuzilamento?

MARQUEZ DE BORBA

Uniformisem-se as penalidades.

D. MIGUEL FORJAZ

Agora, senhor Marquez e dignissimo Presidente, repito a sua phrase: Seja enforcado, como um cão.

MARQUEZ DE BORBA

Folgo em estar de accôrdo com o ministro da Guerra n'esse ponto.

GUIÃO

Trago ainda uma outra duvida, pelo que está a sessão suspensa. São 14 os condemnados a soffrerem morte natural pela fôrca. Começando as execuções ao meio dia, como é de lei, deve prolongar-se esse acto pela noite dentro, tornando-se assim mais lugubre, e com mais risco de hallucinar a multidão? Venho consultar, sobre a conveniencia de se fazerem as execuções em dois dias, o que tambem é um perigo.

D. MIGUEL FORJAZ

Devem fazer-se as execuções todas n'um dia; *felizmente ha luar. (Ficam mudos os Governadores. Ouve-se um rumor, e abrir-se a porta do salão repentinamente.)*

SCENA XVI

MEMBROS DA REGENCIA, GUIÃO e MORAES SARMENTO

MORAES SARMENTO, *meio hallucinado:*

Senhores! está incluido na sentença de morte um innocente: é o Alferes de Cavalleria 10 Christovam da Costa, que se prestou a entrar na Conspiração por ordem expressa do Marechal Beresford para exercer a espionagem. Obedeceu como mililar a uma ordem do seu superior. Apresento-a á Regencia, para prova da verdade, como aqui está tambem a ordem do Marechal para mim para exercer o mesmo mister desprezivel. Acordei tarde. *(Entrega as ordens escriptas de Beresford.)* Espero uma resolução, para salvar um homem que se sacrificou ao rigor da disciplina, e que não decaíu da sua honra militar. *(Os Governadores permanecem mudos e indecisos.)*

GUIÃO

Modificar uma Sentença é caso rubio. Antes morra um innocente, do que assoalhar um êrro da Justiça. Felizmente chega o Senhor Marechal.

MARQUEZ DE BORBA

Felizmente.

SCENA XVII

Os mesmos e BERESFORD

BERESFORD

Vim á Conferencia para prevenir um caso; está a ser lavrada a Sentença contra os Conspiradores, e como ainda não chegou do Brasil a Carta regia concedendo a sua execução sem a sancção real, venho lembrar, que se conserve reservada a Sentença até ao momento de chegar á barra o navio, que se espera.

GUIÃO

Senhor Marechal! veiu dizer-nos o capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento, que se acha condemnado o Alferes Christovam da Costa, de

Cavallaria 10, tendo elle entrado na Conspiração por ordem expressa do Commandante em chefe do Exercito.

BERESFORD

Não me recordo d'esse nome.

MORAES SARMENTO

Senhor! aqui está a ordem assignada pelo Commandante em chefe do Exercito Marquez de Campo Maior. Do mesmo teor da minha. *(Mostra-lhe o papel.)*

BERESFORD, *para o Desembargador Guião:*

Tire lá o homem d'essa camisa de onze varas. *(Ri-se alvarmente.)* Eu não gosto de vêr um militar com susto; e você, Moraes Sarmento, está um tanto enfiado.

MORAES SARMENTO

Não é por mim; mas por aquelle amigo, que eu tinha convencido para prestar-se á espionagem.

GUIÃO

Vou levar essas modificações para se introduzirem na Sentença. Uniformisada a pena da fôrca.

D. MIGUEL FORJAZ

Se quizerem, distingam o Tenente General Gomes Freire com o garrote. *(Ouvem-se tiros de peça no Tejo.)*

RICARDO RAYMUNDO

Uma salva?

BERESFORD

E' a Galera Amargura, que vem entrando a barra; chega do Rio de Janeiro. A Sentença póde executar-se immediatamente, sem a sancção regia.

GUIÃO

Mandam as praxes da Justiça que se intime aos Réos.

BERESFORD

Eu sou o executor da Lei; cumpra-se a lei, sem appellação. *(Ouve-se o ultimo tiro de peça, caíndo lentamente o panno.)*

ACTO V

UM ACTO DE VIGOR

Masmorra da Torre de S. Julião da Barra.—Rendem-se as sentinellas. Vem amanhecendo. Toque de alvorada.

SCENA I

GOMES FREIRE, *só:*

Se eu pudesse dormir! Esta insomnia desesperada... estas recordações! Estou ouvindo uma salva ao longe! *(Attento.)* Não; é ainda a impressão de hontem, quando um navio salvou ao passar diante da Fortaleza. *(Torna a attentar.)* Eu não me engano; ouço salvar distinctamente. A minha cabeça! como conservar a rasão, desvairada por tão assombrosas monstruosidades? E' a impressão dos tiros que me acordaram hontem repentinamente; abalam-me ainda. *(Leva as mãos á cabeça.)* Se acabasse de vez esta angustia! Desde 25 de Maio que fui arrojado a este antro... E quando acabará isto? Ainda tenho diante dos olhos a figura do Desembargador Gau-

dencio, quando, depois de arrombarem as portas de minha casa, e ao bater da meia noite, elle, por detraz da Guarda da Policia, me deu voz de prisão. Judas devia ter aquella figura sinistra. Os membros da Regencia mostraram-se logo ferinos; aqui me deixaram seis dias sem alimento e sem cama! Se me não acudisse o Governador da Fortaleza Sir Archibald Campbell, teria morrido, como um cão; elle é que por via do Marechal fez conhecer aos Regentes do Reino a minha situação. Mandaram-me abonar doze vintens por dia, se não tivesse rendimentos proprios, e como invalido ou dementado nomearam o coronel reformado Ignacio Joaquim da Costa para provêr á minha sustentação! Tres mezes de segredo, incommunicavel com toda a gente. Via apenas uma vez ao dia o veterano Sales, que me trazia a marmita do rancho. E não endoudeci com esta solidão; esses tres mezes de Junho, Julho e Agosto eram interminaveis. Cheguei a perder a noção do tempo, o que mais me desorientava. Em Septembro permittiram que eu visse gente; visitou-me o Governador da Fortaleza Sir Archibald Campbell, o seu ajudante tenente-coronel Hadhock, e sempre em todas as occasiões, como espião da minha conducta, o Desembargador Pedro Duarte da Silva, o *Pedro Cruel*, como é chamado, encarregado d'esse vil mister pelos Senhores do Rocio. *(Passeia, como que a recordar-se, sem saber onde está.)* Septembro... fui chamado

a perguntas, diante da áspera catadura dos Desembargadores Gaudencio e Casal Ribeiro. E que perguntas insidiosas! = Quem me visitava? Com quem acompanhava? e se fallava com as pessoas da minha intimidade sobre o estado actual da Nação? — Se tinha observado como era recebido pelo Povo, e se tinha ouvido os soldados chamarem, ao vêr-me, o *nosso General?* Se suspeitava de alguma fórma tendencias para um levantamento popular? Se lia o *Correio Brasiliense*, ou o *Portuguez* e explicava as suas doutrinas da Soberania nacional? Se recebia cartas de Hespanha, ou de Inglaterra, e por que via? Quaes os meus sentimentos sobre o Governo monarchico ou republicano, e se fizera alguma vez comparações entre elles? Até um dos Desembargadores inquiriu com insistencia — quem era a Dama que assignara *Mathilde de Mello*, no bilhete que deixára em minha casa com o aviso de que seria *prezo á meia noite*, em 25 de Maio. Quem poderia ter conhecimento d'essa resolução secretissima, ignorada até pelos Governadores do Reino? O escrivão da Policia punha no papel o que os dois Desembargadores ditavam! E nunca me communicaram os nomes dos meus cumplices! Nunca me acarearam com os espiões que me denunciaram, e nunca me lêram o que ficava escripto no meu processo formado separadamente. Chama-se a isto Justiça! Nem em Marrocos; nem nas cabildas do Rif.

SCENA II

O mesmo e VETERANO SALES

GOMES FREIRE, *continuando:*

Alguem me avisou para que fugisse, por que bem sabia com que gente estava. *(O Veterano colloca a marmita sobre o parapeito de uma janella.)* Fugir, eu? Não está no meu temperamento fugir diante de nenhum perigo. Fugir? era o que os Governadores queriam, para justificarem a accusação de conspirador. Tenho a consciencia absoluta da minha innocencia e a Justiça... um embuste como os outros.

VETERANO SALES

Senhor Tenente General, a refeição.

GOMES FREIRE

Estava á tua espera, oh Sales.

VETERANO SALES

Lembrava-me que V.ª Ex.ª está em jejum desde hontem...

GOMES FREIRE

Esperava-te para te perguntar por que foi aquella salva de hontem? Alguma náo franceza ou ingleza, ao passar pela Torre?

VETERANO SALES

Foi a chegada da Galera Amargura, do Rio de Janeiro, que o Senhor Marechal já ha alguns dias esperava.

GOMES FREIRE

Não ouves outra salva? Repara...

VETERANO SALES

Nada; não sôa nada.

GOMES FREIRE

Como me puzeram a cabeça! Sabes alguma novidade? Tu é que ainda me pões ao corrente do que vae.

VETERANO SALES

O que ouvi dizér, é que hoje, 15 de Outubro, se dá a Sentença contra os Conspiradores.

GOMES FREIRE, *para si:*

E já se diz publicamente contra. O que é a

imparcialidade da Justiça! Como eu desejara fallar com o Senhor Governador da Fortaleza! Já me foi levantado o segredo; agora já poderei escrever á minha familia. *(Para o veterano Sales:)* Leva essa marmita; hoje não me é possivel engulir uma dentada...

VETERANO SALES, *saindo:*

Vou fallar com o senhor Ajudante; talvez que por via d'elle, que estima o Tenente General, possa fazer com que aqui venha sir Archibald. *(Sáe.)*

SCENA III

GOMES FREIRE, SIR ARCHIBALD CAMPBELL

GOMES FREIRE

Parece que o Commandante presentiu o meu desejo. Quanto desejava fallar-lhe...

CAMPBELL

O tenente coronel Hadhock lembrou-me, que hoje...

GOMES FREIRE

Foi-me dado por findo o segredo, e ainda não permittiram que escrevesse á minha familia. Isto pedia a V.ª Ex.ª que m'o concedesse.

CAMPBELL

Não tenho auctoridade para tanto; vou representar ao Marechal Commandante em chefe.

GOMES FREIRE

O Senhor Marechal, sempre exacto no seu proceder, consulta a Regencia... Os Senhores Governadores allegam a rasão de estado, e consideram a patria em perigo se eu escrever á minha familia.

CAMPBELL

E' a linha inflexivel do Senhor Marechal, para que não digam que o seu poder militar sobreleva ao poder civil e politico dos Senhores Governadores.

GOMES FREIRE

Pelo que affirmaes, senhor Commandante, a carta dirigida a El-Rei Dom João VI, que eu confiei ao Senhor Marechal para a fazer chegar a Sua Magestade, elle entregou-a aos Governadores do Reino?

CAMPBELL

Certamente; está na logica do seu proceder.

GOMES FREIRE

Agora já não tenho nenhuma esperança de ser absolvido. Os Governadores mandar-me-hão matar como quem mata um cão. Commandante! um ultimo favor lhe peço, em presença da morte, que a estas horas me está imposta na Sentença da Junta da Inconfidencia...

CAMPBELL

Que podereis pedir!

GOMES FREIRE

Que ao ser fuzilado, como me compete como militar, eu mesmo commande o fogo do piquete executor.

CAMPBELL

Não depende de mim; nem mesmo do Senhor Marechal Cammandante em chefe do Exercito, que entregou o Processo da Conjuração aos Governadores do Reino, que nomearam um Tribunal cujos Juizes é que infligem as penalidades. E' hoje, 15 de Outubro, que se lavra a Sentença que abrange quatorze conjurados.

GOMES FREIRE

Mas a Sentença de morte, que eu tenho já por certa, não póde ser dada á execução sem a sancção do Poder real; é uma prerogativa magestatica. E assim eu aggravo da Sentença, reclamando o fuzilamento, como soldado.

CAMPBELL

A Galera Amargura era esperada para ser dada a Sentença; o Lacerda fôra ao Rio de Janeiro buscar uma Carta regia para as sentenças de morte serem executadas sem a sancção de Sua Magestade El Rei D. João VI.

GOMES FREIRE

Ainda outra covardia do Zangão-Mór. Em tudo Bragança. A' vista d'isso, podem até enforcar-me. As salvas que eu ouvia annunciavam-me essa iniquidade.

CAMPBELL

Podeis salvar-vos, querendo.

GOMES FREIRE

Eu não me quero salvar. As impressões do horror moral que tenho incutidas fazem-me de-

testar a vida. O que eu queria era evitar o ultraje, a degradação, o aviltamento abjecto do sêr humano. Enforcado!

CAMPBELL

Ainda ninguem leu a Sentença.

GOMES FREIRE

A imbecilidade dos Juizes e a covardia dos Governadores do Reino são capazes de tudo. Enforcado!

CAMPBELL

Eu interesso-me pela situação tremenda que affrontaes. Tendes um remedio que vos salva.

GOMES FREIRE, *sorrindo:*

Lasciate ogni speranza...

CAMPBELL

Não é esperança, é uma certeza. Lembrae-vos que sois Cavalleiro da nobre Ordem de San Jorge, e Coronel honorario do Exercito da Russia, cuja espada vos foi dada por distincção pela Imperatriz Catherina II! Sois para todos os effeitos subdito do Czar de todas as Russias. Por

tanto, se recorrerdes para o representante diplomatico da Côrte da Russia, na vossa qualidade de subdito do Czar Alexandre, não podereis soffrer pena de morte em Portugal, sendo apenas expulso do reino como se faz ao Barão de Eben.

GOMES FREIRE

Eu, expulso de Portugal, para salvar a vida! Antes a morte, nas suas fórmas mais odiosas e degradantes, do que eu renegar a Patria. E' ainda o que me resta, é esta consolação de que pela Patria me exautoram e enforcam; que no chão da Patria se exparzirá o meu sangue, e que d'esta injustiça se erguerá o vento da revolta e reflorirá a Liberdade.

SCENA IV

Os mesmos e FREI DIOGO DE MELLO

CAMPBELL, *fitando o Frade:*

As cousas caminham mais depressa do que eu suspeitava. Já lhe mandam o Confessor... Vem preparal-o para a morte.

GOMES FREIRE, *olhando para o Frade e Campbell:*

Comprehendo a situação. Agora, senhor commandante, espero dever-vos o ultimo favor.

CAMPBELL, *despedindo-se:*

Dizei!

GOMES FREIRE

Despedir-me de vós no ultimo momento; de uma alma generosa, que me não deixou morrer nos primeiros seis dias em que jazi sobre este chão lamacento. *(Campbell aperta-lhe a mão silenciosamente.)*

CAMPBELL

Posso affirmar-vos n'este momento que ha uma Inglaterra que lucta pela Liberdade, e que está actualmente fóra do Poder; ella condemna este *acto de vigor,* e o vosso sacrificio irá provocar a queda de um partido de Conservantismo atrazado, que tem infamado a Inglaterra ha bastantes annos. *(Sáe.)*

SCENA V

GOMES FREIRE e FREI DIOGO DE MELLO

GOMES FREIRE, *para si:*

Parece-me que estou livre d'estes ferros! A morte tem o poder sublime e quasi divino da libertação. A sua paz imperturbavel, que assombra e amedronta, abafa todos os odios, quebra todas as cadêas!

FREI DIOGO, *avançando calado para Gomes Freire, e abraçando-o:*

E' um coração de portuguez, que vos aperta a si; que comprehende e avalia a enormidade do vosso soffrimento moral. Eu sei que a iniquidade dos Juizes que vos condemnaram vos dóe menos do que a degradação da Patria ultrajada e escrava, prestes a afundar-se como uma provincia de Hespanha no *dote de uma princeza* ou como uma Feitoria da Inglaterra.

GOMES FREIRE

Frei Diogo de Mello! favoreceu-me a sorte, que n'esta hora viesse um velho amigo, um homem bom, com quem posso desabafar. Fallaes-me

do céo, do meu céo, que é *esta ditosa Patria minha amada,* que nos exalta o Poeta com palavras immortaes. Podeis ouvir-me de confissão. Sentae-vos; eu ajoelho. *(O Frade não o deixa ajoelhar.)*

FREI DIOGO

Eu é que devera ajoelhar diante de um justo, de um martyr! Eu assento-me, pelo abalo moral que me quebranta, e tira as forças. Eu, que sou testemunha muda de tanta miseria, de repugnantes covardias e indignidade, careço que me fortiqueis sanctificando-me com a vossa benção, com esse fulgor da immortalidade, que hade um dia, e breve, acordar uma outra geração—mais portugueza—do que esta que nos atraiçôa e vende.

GOMES FREIRE

Ouvi-me, Frei Diogo de Mello, e acreditae na verdade de quanto vos digo. Confesso que na minha consciencia reflectiram todas as desgraças da nossa Patria, abandonada pelo seu Rei, que foi fundar um novo Imperio no Brasil, deixando este territorio europeu exposto á voracidade britanica e á incorporação iberica, que entre si disputam a sua pósse. Os Governadores do Reino, uns imbecis e outros jesuitas ou Coadjutores temporaes, para contraminarem o jugo inglez lançaram-se nas intrigas politicas dos Liberaes hespanhoes,

entregando-lhes Portugal como dote da filha de D. João VI casada com Fernando VII. Pelo seu lado Beresford, cumprindo a rigor as ordens do seu ministro Castlereagh, reage contra toda a aspiração de liberdade n'este paiz, que a Inglaterra considera como o unico apoio que actualmente tem na Europa. Diante d'estas duas forças odiosas me encontrei eu; todo o esforço para ficar neutral entre estes contendores só lhes serviu para julgarem que eu pensava em ser um libertador como Kosciuzko, como Don Francisco de Miranda. A minha perdição tornou-se inevitavel, desde que os Governadores do Reino, tendo a certeza que não os acompanhava no plano da fusão de Portugal com a Hespanha de Fernando VII, eu era a testemunha viva da sua estupida traição. Tambem o Marechal Beresford, sabendo que os soldados portuguezes me acclamavam ao vêrem-me, comprehendeu que eu era um perigo para a sua dictadura militar e dominio da Inglaterra. Regencia e Protectorado inglez, inimigos entre si, conluiaram-se para a minha morte; e essa morte torna-se uma arma de infamia com que cuidam anullarem-se um ao outro. Beresford, presentindo que ainda não está de todo apagado o sentimento nacional, força os Senhores do Rocio a julgarem-me, a condemnarem-me, para ficarem sob a animadversão publica. A Regencia, deixando Beresford executar a sentença de morte, que lhe cumpre ser o executor pela minha quali-

dade de militar, entendem esses Senhores do Rocio, que Beresford será posto fóra de Portugal pelo odio enorme que concitará, e o seu proprio Governo o chamará para lhe tomar contas. No meio d'esta horda de cannibaes, que tinha eu a fazer? Estava em completa impotencia; e em vergonhosa nullidade, aggravada pelo estado de repressão brutal em que está a Europa depois do assassinato de Kotzebue. A historia faria da minha apathia um crime, e talvez mesmo uma traição á Patria, julgando a minha immobilidade uma connivencia. Eu muitas vezes senti esta vergonha intima de nada poder fazer; e tinha chegado á convicção de que *com lama não se edifica!*

Mas, vós estaes chorando, Frei Diogo de Mello?

FREI DIOGO

Estou a ouvir Socrates fallando aos discipulos, tendo já na mão o cópo da cicuta.

GOMES FREIRE

Não vae muito se disser, que quando me foram prender á meia noite, á minha casa, senti uma emoção de orgulho! Fazem de mim um heroe...

FREI DIOGO

Um martyr da liberdade portugueza.

GOMES FREIRE

E quando me vi arrastado ao Tribunal da Inconfidencia, e a iniquidade com que prepararam falsas suspeitas, de que eu era chefe de uma Conspiração para sacudir de Portugal o jugo inglez, eu tive o presentimento, a consolação de uma missão que só podia ser conseguida pela minha morte.

FREI DIOGO

O poder do Sacrificio! que universalisa as Religiões, que vindica a liberdade dos Povos.

GOMES FREIRE

Se eu fosse o chefe de uma Conspiração, como podia luctar contra esta pressão enorme da Inglaterra, que no Occidente da Europa se separa das Potencias do Norte, não podendo impedir que o Imperador da Russia dê á França de Luiz XVIII uma Carta outorgada, e que esse liberalismo se reflicta em Hespanha,—só lhe resta Portugal, a sua prêza exclusiva? Eu seria vencido, e com certeza assassinado até por qualquer official portuguez d'esses que Beresford assalariou como espiões e falsos denunciantes. A minha morte é o maior impulso para que este paiz acorde para a liberdade, para a vida de nação. Eu bemdigo a Sentença infamante que me condemna! E n'este

momento digo-vos, como minhas estas palavras do revolucionario Danton: —Que além da morte affrontosa, fique o meu nome coberto de opprobrio, mas que isso conduza Portugal á sua libertação.

FREI DIOGO, *chorando:*

Se ha santos, vós, Gomes Freire, sois um d'elles! Ha na vossa palavra uma vibração prophetica, que dá a antevisão da morte. Eu creio, que o vosso sangue hade redimir esta Terra desgraçada, tornando-a ainda livre e gloriosa. *(Apparece a fundo da masmorra:*

CAMPBELL, *que exclama:*

Um Juiz da Alçada da Regencia vem-vos intimar a Sentença. *(O Frade, lançando-lhe a absolvição, antes de entrarem os Juizes, Meirinho e mais figuras da Justiça, falla a meia voz):*

FREI DIOGO

Se ha alguma pessoa a quem queiraes communicar qualquer pensamento, uma lembrança ou a vossa ultima vontade, eu me offereço para cumprir essa missão de honra, para mim sacratissima. Escrevei n'este livro da liturgia, que trago como confessor; tomae este lapis.

GOMES FREIRE, *com surpreza*

Escreverei ahi umas palavras de despedida. (*Toma o livro do* Officium Defunctorum, *e escreve nas guardas*):

— Quiz a ventura conceder-me que no auge da implacavel desgraça eu pudesse escrever-vos. Já confessado para a morte, e antes de ir ouvir a sentença, accode-me um pensamento suave que me transporta acima de todas as angustias: aquelle arôma da caixa de sandalo onde estava guardada a Canção de Koerner, que me lêstes, revelou-me quem era *Mathilde de Mello*, que assignava a carta em que era prevenido das traições que contra mim se armavam. Era a Sibylla que me fez sentir todo o alcance da divisa *Pro Patria mori*, que eu philosophicamente adoptara. Desde então reconheci, que só pela minha morte poderia acordar esta Nação atraiçoada, opprimida, vilipendiada, para a consciencia, para a revolta. E no bilhete em que *Mathilde de Mello* me prevenia de que iriam *prender-me á meia noite*, aquella mão que uma vez beijei subscreveu n'um impeto de alma: *Sua pelo espirito e pelo coração*. Pela primeira vez me senti amado na vida, quando odios truculentos se conjugavam para me assassinarem! As minhas cinzas vão ser espalhadas ao vento, mas nascerão d'ellas as alentadoras esperanças e reviverá o meu espirito em uma nova geração. E aquella que se declarou

minha pelo espirito e pelo coração, como as santas mulheres da visita do Sepulchro, iniciará pelas suas lagrimas silentes a minha apotheose.» *(Fecha o livro e entrega-o ao Confessor:)* Ámanhã ide ao Recolhimento da Encarnação, procurae a Commendadeira de Avis, D. Maria do Patrocinio, e entregae-lhe essa folha de papel.

FREI DIOGO

Cumprirei á risca. Um dever de consciencia. *(Saíndo, e antes de atravessar o pessoal da Justiça que penetra na masmorra, volta a abençoar Gomes Freire.)*

GOMES FREIRE

Ainda uma palavra; dizei-lhe que recebi a tempo o seu aviso de que me iriam prender *á meia noite;* levou-o a minha casa a filha do Conde de Rio Maior. Não quiz fugir. Só a Viscondessa de Juromenha poderia saber a resolução de Beresford, ou D. Joanna Eulalia pelo marido D. Miguel Forjaz, e sem ellas o suspeitarem podiam servir o plano insidioso: a minha fuga bastava para me considerarem réo confesso de lesa-magestade, unica prova para affastarem de si a infamia da minha morte. Preferi morrer. *(Entram os Officiaes de Justiça acercando-se de Gomes Freire.)*

SCENA VI

GOMES FREIRE, SIR ARCHIBALD CAMPBELL, DESEMB. LEITÃO DE MOURA, OFFICIAES DE JUSTIÇA

DESEMBARGADOR LEITÃO

Mandam os Senhores Governadores do Reino, que ao réo Gomes Freire de Andrade, prisioneiro de estado n'esta Fortaleza de San Julião da Barra, ao qual reconheço como o proprio, que eu o Doutor Luiz Gomes Leitão de Moura, Desembargador da Relação do Porto com exercicio de Corregedor do Crime do Bairro da Rua Nova, e Escrivão nomeado para o Juizo da Inconfidencia, vá intimar pessoalmente a Sentença que julgou os Conjurados pelo crime de Lesa-Magestade — na clausula concernente ao mesmo Gomes Freire de Andrade. *(Lendo com solemnidade)*:

=«Por tanto e mais dos Autos hão por desautorados e privados de todos os Privilegios, Honras, Dignidades de que gosavam n'este Reino, de que egualmente hão por desnaturalisados os Réos...... Gomes Freire de Andrade, que se constituiram réos do horrorosissimo crime de Lesa-Magestade de primeira cabeça, e alta traição, classificado no § 5 do Titulo 6 da Ordenação do Livro v, e por isso incursos nas penas

que lhe são impostas pelo mesma Ordenação, § 9, os condemnam a que com baraço e pregão sejam levados o réo *Gomes Freire de Andrade á fôrca*, que se hade levantar fóra da Fortaleza de S. Julião da Barra, onde se acha prezo, e os mais acima nomeados á forca que se hade levantar no Campo de Sant'Anna, e n'ella padeçam morte de garrote para sempre; e depois de decepadas as cabeças sejam com os seus corpos tudo reduzido pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar; e outro sim os condemnam em confisco e perdimento de todos os seus bens para o Fisco e Camara real, com effectiva reversão e incorporação na Corôa... Lisboa, 15 de Outubro de 1817. Gomes Ribeiro — Leite — Doutor Velasques — Doutor Guião — Araujo — Ribeiro Saraiva. — Com rubrica do Desembargador Procurador da Corôa.» *(Silencio prolongado.)*

GOMES FREIRE

Ponho embargo á pena de enforcamento, na minha qualidade de militar e do fôro da classe a que estou sujeito.

DESEMBARGADOR LEITÃO

Recebo o aggravo na sua fórma interlocutoria, mas sem effeito suspensivo. O Tribunal da

Junta de Inconfidencia responderá. *(Ouve-se o toque de um clarim e chamada ás armas; entra o Commandante da Guarda da Fortaleza.)*

SCENA VII

Os mesmos, e o COMMANDANTE DA GUARDA

COMMANDANTE DA GUARDA, *para Campbell:*

Acaba de chegar á praça uma Patrulha de Cavallaria, acompanhando alguns funccionarios de Justiça, com o carrasco para a execução.

CAMPBELL

Sobre tal assumpto as ordens competem ao senhor Desembargador Pedro Duarte da Silva.

DESEMBARGADOR PEDRO DUARTE

Vem já o Farinheira, carrasco hespanhol. Pode-se abrir a porta da Fortaleza. Os carpinteiros vieram? O póste arma-se fóra da Fortaleza, no Alto do Alqueirão. *(Sáe apressadamente para dar providencias.)*

CAMPBELL, *sahindo:*

Horrorisa-me este cannibalismo. (Retira-se.)

DESEMBARCADOR LEITÃO

Devem estar a caminho os Frades para prestarem os soccorros espirituaes. Que se não diga que o fizeram morrer como um cão. *(A masmorra escurece-se; vão sahindo os empregados da Justiça.)*

SCENA VIII

GOMES FREIRE, *só:*

A' maneira do *Stanghter House,* a Camara dos Morticinios, que o Protector estabeleceu na Irlanda para lhe supprimir a independencia, substituindo a população nativa por inglezes, Beresford tambem constituiu como Camara de Morticinios o Tribunal da Junta da Inconfidencia, tornando Portugal uma Irlanda da Terra firme! A mesma mão que enforcou o Chanceller Thomaz Morus é a que, pegando nas mãos corruptas dos Juizes, as fez assignar mais do que a morte — a minha desnaturalisação. Vou vestir-me para marchar para o supplicio á primeira voz. Como em Oczakoff. Quero vestir a minha farda; que ella partilhe commigo da ignominia da fôrca. *(Veste-se pausadamente, andando na masmorra.)*

Como me lembram agora as minhas campanhas. Dresde!... No tumulo do Poeta Koerner, que morreu batendo-se pela liberdade da Allemanha, na batalha de Rosenberg, gravaram esta inscripção, que deixou para sempre uma funda impressão no meu espirito:

= «Patria! ordenaste que morressemos por ti! Nós te obedecêmos. Aquelles que nós amamos herdarão a Liberdade implantada pelo nosso sangue. Floresce, oh Liberdade! eleva-te sobre as nossas ossadas.» = *(Fica pensativo; dá alguns passos, e continúa):*

Como eu invejo n'esta morte ignominiosa que me infligem, o destino d'esse Poeta inspirado, que — pela sua espada, conquistou um tumulo em terra livre! — Se é preciso, mais do que a minha morte, esta ignominia a que sou arrojado, para que se revolte a consciencia da Nação, para que este Povo acorde revindicando a sua Liberdade, então abençôo o laço que me estrangula. *(Fica attento, escutando.)* Vem raiando a manhã; ouço um rumor longinquo de psalmodia... E' a Fradalhada que vem consolar-se espiritualmente com o estrebuchar do Pedreiro-livre. *(Ouve-se mais distinctamente a psolmodia funebre.)*

SCENA IX

Os mesmos e o CARRASCO com os seus AJUDANTES

CARRASCO FARINHEIRA, *para os Ajudantes:*

Elle já estava fardado para morrer como militar.

PISCA-PISCA, *Ajudante:*

A pena de garrote, que era applicada aos outros cumplices no Campo de Sant'Anna, foi uniformisada em enforcamento para todos.

CARRASCO FARINHEIRA, *approximando-se do General com a alva:*

Senhor General! cumpro as ordens... tem de despir o fardamento, por que está exautorado por sentença. *(Gomes Freire tem uma vertigem, perdendo os sentidos por alguns momentos.)* Aproveitemos o accidente. Vistamos-lhe a alva depressa. *(Os ajudantes do Carrasco tiram-lhe a farda, rasgando-a; vestem-lhe a alva, e amarram-lhe as mãos atráz das costas.)*

GOMES FREIRE, *voltando a si:*

Ainda não morri! Haverá mais morte além d'isto? *(Entram pela prizão trinta Frades dominicanos, postando-se em alas.)*

FRADES, *psalmeando:*

«*Circumderunt me dolores...*
«*Miseremini mei, saltem vos, amici mei, quia manus Domini tetegit me.*»

DESEMBARCADOR DUARTE, *para o Carrasco:*

Ainda falta descalçar o padecente! Tem de ir descalço para o logar do supplicio. *(Os Ajudantes cumprem o mandado.)* Vão dar seis horas; as que marca a Sentença para a execução. Não deve tardar o tenente coronel Hadhock com o Regimento de Infanteria 19, para assistir ao acto. *(Ouve-se rufar tambores, em marcha.)* E' a força de Infanteria.

SCENA X

QUADRO: — *Corre-se o panno do fundo, apparecendo a esplanada do alto do Alqueirão, onde está erguida a fôrca.*

TENENTE HADHOCK, *dispondo a força de Infanteria em alas.*

DESEMBARCADOR PEDRO DUARTE

Pode começar o cumprimento da Lei. *(Gomes*

Freire caminha, tropeçando na alva, até chegar junto do Tenente-Coronel Hadhock.)

TENENTE HADHOCK, *indignado:*

De mãos atadas! Ao menos morrereis livre. *(Desata-lhe as mãos, e aperta-lhe a dextra, commovido.)*

DESEMBARCADOR PEDRO DUARTE

Não tenho confiança no Commandante da força! Entendeu-se com o réo por signaes maçonicos. Sir Campbell, que me envie um outro Official, para assistir ao acto. *(Demora-se o trajecto para o supplicio, esperando a resposta do Commandante da Fortaleza.)*

TENENTE HADHOCK, *para Gomes Freire:*

Sobre a porta d'esta masmorra onde tanto soffreu o desgraçado General, será um dia inscripto o seu nome historico. Glorificando este sacrificio de hoje, a masmorra que lhe abafou as suas angustias ficará um monumento nacional, a ára santa da Liberdade portugueza.

DESEMBARCADOR PEDRO DUARTE, *para os seus:*

Todas as cautellas são poucas. Pois não se vêem já por essa Lisboa os vadios andarem can-

tarolando certas cantigas com sentido mysterioso? Lembro-me d'esta:

Os Senhores do Rocio
Foram crueis por acinte;
Beresford a mão sumiu,
Mas elle é que deu no Vinte.

(Agitação de curiosidade pela chegada da resposta de Campbell.)

SCENA XI

Os mesmos e DESEMBARGADOR TORRES

DESEMBARGADOR TORRES, *apparecendo:*

Sir Campbell declarou-me peremptoriamente, que tem absoluta confiança no tenente-coronel Hadhock. Não lhe tira o commando, responsabilisando-se pelo que acontecer.

DESEMBARGADOR PEDRO DUARTE

N'esse caso, lavo d'ahi as minhas mãos. Já que não valem os signaes maçonicos, siga-se para a esplanada. *(Prosegue a marcha para o logar do supplicio. Os Frades postam-se em roda da fôrca, psalmeando; Gomes Freire sobe ao pequeno alto em que está o* poste.)

CARRASCO, *approximando-se dos Desembargadores:*

Posso dar cumprimento á Lei?

DESEMBARGADOR PEDRO DUARTE

Observo uma circumstancia que pode fazer periclitar a ordem publica, a segurança do estado. Note, collega, o Regimento 19 deve estar formado com as costas para o padecente.

DESEMBARGADOR TORRES

Assim o entendo. Vou observar isso ao Tenente Coronel Hadhock.

DESEMBARGADOR PEDRO DUARTE

Elle é amigo de Gomes Freire: hade excusar-se. N'esse caso, vá fallar directamente com o Commandante da Fortaleza. *(O Desembargador parte; falla com o Commandante da força, indo d'alli fóra reclamar a Campbell.)*

GOMES FREIRE, *no intervallo da demora do Desembargador:*

Os meus olhos vão cerrar-se na eterna sombra, mas eu antevêjo a aurora de um dia de redempção. Do meu sangue derramado pela iniquidade

brotará a flôr vermelha — a Revolução, que iniciará uma éra nova de liberdade para este povo.

FRADES, *psalmeando, confundindo-lhe as palavras*:

Maledictus homo qui credit in homo...

GOMES FREIRE

Com as minhas cinzas dispersas ao vento e ao mar, espalhar-se-ha o pensamento que insurrecciona as almas, vibrará o sentimento que conduzirá a nova Geração ao sacrificio pela Patria. Disse Danton, ao avançar para a guilhotina: «*Qu'importe que mon nom soit maudit, pourvu que la France soit sauvé!*» N'este momento posso tambem dizer: Proste-me uma morte iniqua e infamante... por que Portugal será salvo.

FRADES, *psalmeando:*

Deus dedit, Deus abstulit; sit nomen Domini benedictum.

DESEMBARGADOR PEDRO DUARTE

Falta ainda o pregão! o pregão, como manda a sentença. *(Um meirinho sóbe ao Alqueirão...)*

GOMES FREIRE, *pegando no laço:*

Esta ignominia torna verdadeira na sua tremenda realidade a divisa que eu sélo com a minha morte: DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI. *(Mete o laço no pescôço. Os Frades ficam psalmeando, e um cortinado preto fecha de repente o fundo da scena.)*

EPILOGO

O Proscenio escurecido fica por alguns momentos vazio. Entra uma Dama trajando luto pesado, coberta com um véo, avançando até perto da ribalta, suspirando com anciedade, como quem foge.

A DAMA, *erguendo o véo :*

18 de Outubro! Para eterna affronta da humanidade, ficará este dia como uma marca de fogo na alma portugueza! Sobre Lisboa paira o fumo da enorme fogueira em que foram queimados juntamente com as Fôrcas do Campo de Santa Anna os condemnados pela Junta da Inconfidencia. Este cheiro de carne humana, desperta o asco repugnante! Assim acordasse nas almas a revolta moral! Todas as janellas das casas que deitam sobre o Campo de Santa Anna estiveram sempre fechadas emquanto durou a execução, que se prolongou pela noite adiante por que havia luar. Sómente se viu a uma varanda, uma mulher paramentada assistindo impassivel aos

enforcamentos, até se extinguir o ultimo lampejo da fogueira, que reduziu tudo a cinzas! Quem era essa mulher estranha, na sua expressão de insensibilidade? Era na realidade o symbolo da Consciencia nacional, assistindo impassivel á estrangulação da sua liberdade. A mão que eu beijava com piedade filial, a mão de meu tio, na hora tremenda das execuções barbaras do Campo de Sant'Anna, escreveu esta execranda phrase: =E' verdade que a execução se prolongará pela noite, ***mas felizmente ha luar, e parece-me tudo tão socegado***, que espero não cause isto prejuizo algum... = Acabaram as execuções por um incendio pavoroso, mas prolonga-se a noite moral, em que parece tudo socegado, porque está em colapso de lethargia a consciencia do povo. Não será este socego o symptoma precursor da convulsão? A nação que se torna moribunda pelo prolongado suicidio do seu governo, tem de revoltar-se n'um impeto de energia, para acordar a vida em todo o seu organismo. O vivo repelle de si o cadaver a que se acha amarrado, envenenando-se pela sua gangrena. Não ha senão amputar o que está pôdre, decepar a garra egoista que arrasta para o fundo do abysmo. O sangue derramado de Gomes Freire, o corpo espostejado, queimado e deitadas ao vento e ao mar as suas cinzas, abrem uma aurora de redempção. Pelo sacrificio d'este Curcio lusitano, Portugal revive para a Edade moderna. Aos despotas e juizes

iniquos *parece-lhes tudo tão socegado;* o espasmo do terror engana-os. O grito da Geração nova resôa alentando as almas contristadas na esperança. Os Poetas são a Voz da multidão, e o protesto das Edades; possuem o dom de insuflar a energia, a revolta, a vida em uma sociedade agonisante. Como Rouget de Lisle, como Koerner, escuto aqui a Voz de um joven Poeta nosso; verbera com fogo a fatalidade que nos opprime, e o seu canto é como *uma Nacionalidade que resuscita.* Ao fugir para França, n'este meu eterno luto da alma, alentar-me-ha o sentimento portuguez, emquanto repetir estes versos, que são o meu grito:

"Longe, hypocritas vís! Longe, impostores,
O mentido apparato religioso!
Que um Deus de Amor, *se existe*, um Deus piedoso
Abomina, detesta esses horrores.

De atrozes Leis cruentos Guardadores,
Vos curvaes ante o Déspota orgulhoso,
E o sangue da Patria precioso
Torpemente vendeis por seus favores.

Geme sem protector a humanidade,
E vós, Juizes, vós, tigres humanos,
A immolaes sem remorso e sem piedade.

Ah! tremei, sanguinarios deshumanos,
Que ella hade vir, tremei! a Liberdade
Punir despotas, bonzos e tyrannos.„ [1]

(Deixa cahir sobre o rosto o véo preto e sáe.)

CAE O PANNO.

---

[1] Soneto de Garrett, datado de 1817; vem na LYRICA (*Fabulas* e *Folhas cahidas.*) O genio do poeta revelou-se pelo abalo da Revolução de 1820.

GOMES FREIRE

(Escorço biographico-historico)

Ha momentos na existencia das nações, em que as calamidades, os erros do passado e os conflictos intercorrentes de uma epoca que se renova se accumulam esgotando todos os recursos para a lucta. E' um collapso do organismo social, em que as energias moraes desapparecem e em que as individualidades as mais conscientes cáem na apathia. Assim se achou Portugal ao findar do seculo XVI; classes cultas e o povo accéitaram o invasor estrangeiro que lhes sequestrou a autonomia nacional, incorporando-a na unidade iberica. O mesmo se repetiu no principio do seculo XIX, quando D. João VI, abandonando Portugal á invasão napoleonica, recommendou aos seus subditos que recebessem o exercito francez como amigo e depois substituindo a sua soberania por um odioso protectorado da Inglaterra. Poetas, musicos e oradores glorificaram a coragem de D. João VI entregando-se aos mares para salvar pela desersão o seu povo. Este estado de inconsciencia moral explica essa immensa apa-

thia com que foram submettidos aos dois jugos, sendo aliás todos os triumphos do exercito anglo-luso, que expulsou o dominio de Napoleão da Peninsula, alcançados pela valentia dos portuguezes. Havia a bravura, mas faltava a dignidade moral, a consciencia civica. No seculo XVI, na ruina da nacionalidade ficava-nos insurreccionando os espiritos a Epopêa dos *Lusiadas*, e esse impulso suscitava a geração de 1640, que revindicou a autonomia de Portugal. No começo do seculo XIX as aspirações não chegavam a constituir uma opinião publica; o desalento, o lethargo, a submissão á fatalidade quebrava todas as vontades. E' em situações taes, em que os altos caracteres se reconhecem impotentes, que bem cabe a phrase celebre de Herculano: *Isto dá vontade de morrer*. Mas é preciso saber morrer, não pelo suicidio mesquinho ou ignobil, mas pelo sacrificio, pela audacia suggestiva.

As ideias, para se generalisarem, precisam receber a fórma emocional do sentimento; é por isso que raro será o principio doutrinario, ou um progresso social, que saíu do dominio theorico ou ainda da utopia sem ser universalisado pelo sangue de uma victima. A palavra *martyr* significa *testemunha*; é pelo sacrificio da vida que uma verdade incomprehendida se evidencía hallucinando proselytos. Sem a morte de Gomes Freire de Andrade ignominiosamente em uma fôrca, iniqua e quasi selvagem, escarnecido ainda depois do incomportavel transe pelo sarcasmo de Beresford, o seu algoz, chamando-lhe *Poor fellow*, não se realisaria tão rapido e tão firme o accordo que effectuou a revolução de 1820. Estrangulado esse bravo, capaz de redimir a sua patria, ficou a ominosa sentença acordando no coração portuguez o sentimento da revolta e da propria dignidade, proclamando o grito: *Uma só vontade nos una!*

A biographia de Gomes Freire é uma pagina eloquente de uma epoca degradada, cheia de desalento, em

que Portugal se acha entregue pelo seu rei á occupação militar napoleonica, e em que depois de libertar-se por inauditos heroismos populares, é outra vez manietado pelo mesmo paternal soberano ao jugo militar da protecção da Inglaterra. Não é pelas glorias militares que elle sobrevive na historia, mas pela fatalidade do sacrificio que veiu determinar as mais generosas iniciativas, de uma revivescencia nacional.

Gomes Freire de Andrade, filho de Ambrosio Freire de Andrade e Castro, nasceu em Vienna de Austria, em 27 de janeiro de 1757, quando alli se achava seu pae embaixador, casado com a condessa de Schafgoche, da nobreza mais illustre da Bohemia. [1] Pelo lado paterno contava elle na sua familia os mais inclytos varões, nomeados na historia, como Jacintho Freire de Andrade, o auctor da bem conhecida *Vida de D. João de Castro*, e os dois generaes tambem insignes, Gomes Freire de Andrade, (1636-1702) o pacificador do norte do Brasil, e esse outro Gomes Freire de Andrade (1683-1763) que libertou o sul do Brasil e iniciou ali a civilisação, sendo agraciado com o titulo de Conde de Bobadella. As tradições de familia, e a sua primeira mocidade passada em uma côrte faustosa, da mais requintada aristocracia que se sublimava pela carreira das armas, como era Vienna de Austria, determinaram o joven Gomes Freire a seguir deliberadamente essa carreira. Era então a unica fórma de actividade condigna da sua fidalguia, e como que uma eschola de sociabilidade.

Veiu Gomes Freire para Portugal em 1782; sentou praça no regimento 13 de Infanteria de Peniche, sendo promovido a alferes por decreto de 9 de Outubro. Circumstancia notavel, n'essa mesma data e para o mesmo

---

1 Ferdinand Dinis fixa esta data em 1752, tirada da gravura de um retrato de Gomes Freire feito por Sequeira.

regimento é tambem despachado tenente Bernardim Freire de Andrade e Castro, victima egualmente da perfidia ingleza por não ter reconhecido a *Convenção de Cintra,* sendo assassinado em uma agitação popular como *jacobino.* Em 1782 Portugal, pelo estado de demencia de D. Maria I, não se achava envolvido em aventuras militares, e o joven fidalgo no aborrecimento da guarnição procurava em todos os acontecimentos da Europa ensejo em que podesse patentear a sua bravura. A Hespanha achava-se governada por Carlos III, intelligentemente e coadjuvado por ministros de primeira capacidade; um dos seus pensamentos governativos era extinguir a pirataria dos estados berberescos, que cativavam annualmente nas aguas do Mediterraneo e nas costas da Hespanha perto de trinta mil pessoas, cujo resgate, segundo a opinião de Campomanes, importava em trinta milhões de pezos, aproximadamente. A orla maritima hespanhola despovoava-se, enormes despezas eram indispensaveis em flotilhas costeiras, e o commercio achava-se constantemente ameaçado. Este mal conservava-se por desleixo da parte dos governos, e os frades Trinitarios exploravam a situação para se popularisarem pela caridade, levantando, tanto em Hespanha como em Portugal, grandes sommas para redempção dos cativos. A *Arca da Piedade* era uma instituição, em que se arrecadavam multas e confiscos para custear esse resgate permanente. Carlos III atacou o mal pela raiz, mandando primeiramente uma armada bombardear Argel, em 1784, e em seguida celebrou um tratado com Argel em 1785, outro com Tunis em 1786, pelo qual se extinguiu a pirataria no Mediterraneo. O partido catholico queria que se mantivesse uma guerra perpetua com o turco, e considerou o facto d'esse tratado como um attentado de apostasia da parte do rei. Os beneficios foram immediatos; e, como diz Sempere, Carlos III reagindo contra o preconceito nacional: «*dictou a paz* com os imperadores da Turquia e com os ou-

tros potentados mahometanos; libertou os seus subditos da terrivel pirataria dos corsarios, e abriu ao commercio novas vias para especular com as maiores vantagens.»

O bombardeamento de Argel em 1784 fôra um episodio, porque o triumpho definitivo da civilisação foi conseguido pela diplomacia. A guerra tornava-se de cada vez mais uma anomalia na historia da Europa, embora se desencadeasse a orgia militar do retrocesso napoleonico e da reacção da Santa Alliança, contradictando essa tendencia pacifica. O governo portuguez cooperou no bombardeamento de Argel, enviando as náos Santo Antonio, Bom Successo e as fragatas Golfinho e Tritão: Gomes Freire aproveitou este ensejo bellico, pedindo transferencia para a marinha, e partiu na expedição, distinguindo-se no ataque da bateria do Escôlho e na perseguição das lanchas argelinas. Gomes Freire conservou-se na armada alguns annos, sendo em 8 de Maio de 1787 despachado tenente de mar; porém estava acabada a pirateria argelina pelos tratados diplomaticos, e o joven bravo já não tinha que fazer na armada, aborrecendo-se da insipida vida de bórdo, pediu para ser transferido para o seu antigo regimento 13, de Peniche, obtendo passagem com o posto do sargento-mór em 30 de Abril de 1788.

Surge n'este mesmo anno a eterna *questão do Oriente* entre a Russia e a Turquia; Gomes Freire viu n'essa campanha terrivel, dirigida por Potemkin, uma occasião propicia para assignalar-se, e requereu e obteve licença para ir servir no exercito da Russia. Data essa concessão de 17 de Maio de 1786, e logo em 17 de Outubro, era Gomes Freire um dos primeiros que entrava no assalto e occupação de Oczakof, diante da qual o exercito russo e a esquadra se julgavam impotentes. A imperatriz Catherina II, sabendo dos elogios publicos dados a Gomes Freire pelo general Souvarow, offereceu-lhe uma espada de honra e condecorou-o com a ordem de

San Jorge, cuja gran-cruz fôra concedida como suprema honra ao general em chefe Potemkin.

O nome de Gomes Freire começava a ser para Portugal uma gloria, e antes do seu regresso, foi promovido ao posto de tenente-coronel de primeira plana em 8 de Outubro de 1790, e em seguida a coronel do regimento do Marquez de Minas em 18 de janeiro de 1791.

O regresso de Gomes Freire a Portugal é fixado em septembro de 1793; honrado com o titulo de coronel do exercito moscovita, era elle o militar mais distincto pela sua capacidade, bravura provada e por uma reputação europêa. Era chegado o momento de começar a servir a sua patria. Foi aqui que elle se achou na impotencia; cercado por todos os lados de covardia e vileza dos governantes. A Europa convulsionava-se na iniciação de uma nova éra. A França pela sua Revolução proclamava os principios da liberdade politica e da egualdade civil. Essas ideias reflectiam-se em todos os estados europeus, o estabelecimento da Republica assentando sobre a demolição do velho regimen do absolutismo do direito divino, fez com que os despotas da Europa se colligassem contra a França. Da parte das consciencias havia uma corrente de sympathia pelas *ideias francezas*, o que tornava profundamente verdadeira a affirmação do presidente Jefferson, da republica norte-americana: «Todo o homem tem duas patrias: aquella em que nasceu e depois a França.» Era o reconhecimento da hegemonia moral da França. Da parte dos velhos interesses catholico-feudaes, a França era o fóco da anarchia, do jacobinismo, do crime triumphante, que era urgente afogar no sangue para que não lavrasse o incendio do liberalismo. Sem desconhecer a sua solidariedade occidental, a França mostrou estranhas energias no cyclo das *Guerras defensivas*, derrotando todos os exercitos colligados do direito divino europeu. Foi durante este periodo que a França *creou os seus* extraordinarios generaes e os valentes sol-

dados, que o repugnante Côrso arrastou depois ás *guerras offensivas* do Imperio, absurdamente perturbadoras, caracterisadas pela vista sociologica de Comte como uma *anomalia guerreira*. Emquanto esses generaes e soldados da Defeza nacional duraram, Napoleão foi sempre victorioso; quando se achou reduzido á gendarmeria dos recrutamentos extenuantes e do mercenarismo, caíu na lama de Waterloo. Os que defendiam a patria e o seu direito possuiam o dom da bravura e da estrategia, que era inaccessivel á ambição dos aventureiros, que se atiram á rapina systematica mascarada como conquista militar.

No periodo das guerras defensivas da Republica, a Convenção nacional votou a guerra contra a Hespanha, em 7 de Maio de 1793. O imbecil Carlos IV compromettera o seu paiz propugnando pela salvação de Luiz XVI. Portugal, governado pela rainha D. Maria I, cahida em completo estado de demencia, estava á mercê de intrigantes clericaes e aristocratas, que levaram a abandonar a neutralidade, fazendo que o Princepe idiota se proclamasse Regente, mandando um contingente de Auxiliares, composto de seis regimentos de infanteria e um de artilheria, cooperar com seu sogro. Assim se achou Portugal provocando a França da Revolução, envolvido na colligação das monarchias absolutas contra a Republica.

Gomes Freire inscreveu-se immediatamente no exercito Auxiliar da Hespanha, fazendo toda a campanha peninsular da Catalunha e do Roussillon. O seu valor foi mais de uma vez notado nos officios do general Forbes de Skellater. A campanha terminou pelo tratado de paz entre Hespanha e a França em 22 de julho de 1795; Gomes Freire, regressando a Portugal, foi por decreto de 17 de Dezembro, promovido a marechal de campo graduado, e a effectivo em 20 de Novembro de 1796. Formava-se a colligação monarchica contra a França; a Convenção offereceu ao Princepe Regente a neutralidade, preferindo

este o alliar-se com Carlos IV, seu sogro, e com George III, tambem alienado. Apenas em Portugal o espirito superior do Duque de Lafões teve a comprehensão do verdadeiro caminho a seguir. O perigo era conhecido, e em 1799 o Princepe Regente encarrega D. Pedro de Almeida, Marquez de Alorna, de um Plano de defeza, para o caso de sobrevirem complicações com a França. Estas não se fizeram esperar. De combinação com Bonaparte, Carlos IV, de Hespanha, ataca Portugal com 54:000 homens em 1801. A Inglaterra, que embaraçara o estabelecimento da Paz de Portugal com a Republica franceza, apenas auxiliou este paiz seu alliado com um regimento de cavalleria e tres de infanteria, e mandando, por seu arbitrio, occupar Gôa, Diu e Damão por tropas commandadas por William Clarck, enganando o governador Veiga Cabral; não se estendeu esta occupação a Macáo por que a isso se oppoz o senado ou municipio. Bonaparte proclamara-se primeiro Consul, para mais facilmente atraiçoar a Republica, achando n'essa obra o apoio dos elementos conservadores europeus. Quando elle preparava a sua expedição ao Egypto, cuidou o Princepe Regente que seria para atacar Portugal, mas passado esse ponto, mandou estupidamente uns navios commandados pelo Marquez de Nisa fazer-lhe uma manifestação hostil, e servindo o intento de Inglaterra, para embaraçar a sahida da esquadra franceza do Mediterraneo. Foi n'este lance que Bonaparte proferiu as palavras que depois converteu em factos; que Portugal verteria lagrimas de sangue por aquella affronta. Fez então o tratado secreto para a invasão de Portugal, em que Carlos IV pagava com execranda vilania os compromissos de Portugal tendo-lhe prestado uma legião auxiliar. Essa deploravel campanha de 1801 foi uma continuada derrota; Carlos IV e o Princepe Regente, seu genro, entendiam-se n'esta apparente hostilidade; mas Portugal ia entregando Olivença, Juromenha, batido em Arronches, e Flôr da Rosa, até á de-

ploravel paz de Badajoz. O Duque de Lafões, commandante em chefe do exercito portuguez, foi a victima expiatoria d'estas covardias. Gomes Freire, sendo nomeado General-Quartel-mestre do exercito de Entre Douro e Minho, procurou organisar a resistencia, mas achando-se atraiçoado, como tambem se vira o Marquez de Alorna, que commandava a legião das tropas ligeiras, diante da mesquinha intriga dos tratados diplomaticos e imposições de dinheiro.

Como Bonaparte quizesse forçar a Inglaterra a largar as colonias portuguezas que estava occupando, planeou apoderar-se de algumas provincias de Portugal; o governo inglez, como bom alliado, respondeu pela bocca de lord Hawkesbery: «Se o primeiro Consul invadir os estados de Portugal na Europa, a Inglaterra invadirá os estados ultramarinos de Portugal. Tomará os Açores, o Brasil e arranjará penhores que nas suas mãos valerão muito mais do que o continente portuguez nas mãos da França...»

Comprehende-se como o bravo general sentisse um profundo desprezo pelos intrigantes validos, movidos pelo ouro e pela perfidia ingleza, e como se fosse creando um rancor latente contra o unico homem capaz de sustentar pela força das armas a independencia de Portugal. Esta situação é ponto culminante na biographia de Gomes Freire; é d'aqui que data o plano, que urdia a sua ruina, formado por personagens invejosos e na sua propria parentella. Gomes Freire reconhecera que Portugal só poderia defender-se fazendo de cada cidadão um soldado. Desencadeava-se o redemoinho das *guerras do Imperio*, d'essa *orgia militar* que ensanguentou a Europa e atrazou a humanidade. Gomes Freire, conhecendo a situação degradante de Portugal de 1801 a 1804, pensou em um systema defensivo, e em 1806 publicou o notavel livro ***Ensaio sobre o methodo de organisar em Portugal o Exercito***. E' um livro extraordinario pelas conclusões

a que chegou o experimentado homem de guerra: a sua intelligencia e patriotismo levaram-o para o systema militar defensivo tal como o conhecia na Suissa, a qual por elle se manteve illesa diante de todas as catastrophes da Europa. Qual a importancia d'esse livro definem-a os mais notaveis estrategicos mostrando como os generaes inglezes na guerra peninsular se dirigiram por esse systema disciplinando as guerrilhas populares, mas conservando silencio absoluto sobre este valioso plano. D'ahi tambem o odio votado á individualidade de Gomes Freire, assassinando-o ignominiosamente, por ser elle possuidor do segredo da força por onde Portugal sacudira por tres vezes as tentativas temorosas do jugo napoleonico, como mais tarde o não menos sanguinario protectorado inglez.

Os factos seguiram a sua fatalidade logica. Depois da Paz de Amiens, romperam de novo as hostilidades entre Napoleão e a Inglaterra, envolvendo Portugal na responsabilidade da sua alliança britanica. A batalha de Trafalgar em 21 de Outubro de 1805, dera á Inglaterra a indiscutivel potencia nos mares; pelo decreto de Berlim, de 21 de Novembro de 1805, Portugal é forçado a optar ou pela alliança ingleza, ou pela franceza, base do audacioso plano do Bloqueio continental. O governo inglez, diante d'este dilemma, declarou ao seu fiel alliado que o seu auxilio consistiria em occupar as possessões ultramarinas de Portugal, caso lhe fechasse os seus portos. Foi então que tendo-se alliado a Hespanha á França pelo tratado de Fontainebleau em 27 de Outubro de 1807, que o Princepe-Regente se entregou á obediencia passiva do embaixador lord Strangford, que uma noite foi ao paço com o n.º 317 do *Monitor*, em que se lia: «O Princepe Regente de Portugal perde o seu throno; perde-o influenciado pelas intrigas dos inglezes que estão em Lisboa. A queda da Casa de Bragança ficará como uma nova prova, de que a ruina dos que se ligam com a Inglaterra é inevita-

vel.» Lord Strangford ordenou que o Princepe Regente fugisse immediatamente com a familia real para o Brasil. E emquanto Junot, a marchas forçadas, viera avançando para Lisboa, realisava-se a occupação ingleza na India, Madeira e Macáo, ficando desde logo o Brasil uma colonia commercial da Inglaterra. A convenção de 22 de Outubro de 1807 entregava as possessões portuguezas á Inglaterra, ficando Portugal inhibido de mandar remessa de especie alguma de tropas para o Brasil e para a Madeira. Em 24 de Outubro, Beresford foi occupar militarmente a Ilha da Madeira içando-se o pavilhão inglez de surpreza *"preparado de accordo com S. A. R. o Princepe Regente.»* Assim fortificados os Inglezes na India, Macáo, Madeira, e com os portos do Brasil abertos, podia Portugal ser annexado á Hespanha, sem que a Inglaterra mais se preoccupasse com a invasão napoleonica. Tinha os penhores cubiçados desde 1801.

Junot, que estivera como embaixador em Lisboa até 1805, achava-se nomeado Governador de Paris, quando Napoleão, soberbo com as suas victorias na Allemanha, o mandou fazer a invasão e occupação de Portugal; Junot, sempre estouvado, cumpriu com firmeza a ordem de Napoleão, atravessando a Hespanha no rigor do inverno, chegando á fronteira portugueza em 20 de Outubro de 1807. Vinte e seis mil homens tinham partido de Bayona sob o commando de Junot, onze mil hespanhoes acompanharam o exercito francez, commandados pelos generaes Taranco e Solano. Mas deixem-se agora as difficuldades que embaraçaram a sua marcha, apezar de não terem encontrado resistencia alguma, até entrarem em Abrantes, em 24 de Novembro 1500 homens apenas! Atravessa os campos inundados da Gollegã, e chega a Santarem em 28 com o seu estado maior e um regimento do 70 de linha. Os soldados de cavalleria que encontrou facilmente derrotariam Junot, se elles não tivessem recebido a ordem do Princepe Regente de *tratar como amigos* os soldados francezes.

Em 29 de Novembro, na véspera da entrada de Junot em Lisboa, D. João VI, com a principal aristocracia, tinha abandonado Portugal, embarcando-se com a familia real, com os thesouros e dinheiros publicos, em uma esquadra que o transportou para o Brasil, por suggestão da propria covardia explorada pela imposição da Inglaterra por via do seu embaixador lord Strangford. O abandono de Portugal aos hespanhoes já surgira mais de uma vez no cerebro dos Braganças; Dom João IV e depois a sua viuva D. Luisa de Gusmão pensaram em fundar no Brasil um novo e grande Imperio, ante os planos do jesuita P.e Vieira; e Dom José cuidava em deixar Lisboa sob as ruinas do terremoto de 1755, transferindo a sua côrte para o Rio de Janeiro. Era o velho sonho dos Braganças, que lord Strangford soube fazer servir aos interesses inglezes, ficando assim abertos os portos do Brasil ao seu commercio, como o confessou Palmerston.

Quando de noite o embaixador Strangford foi mostrar o *Monitor* ao Princepe Regente, começou este a chorar em altos gritos pelo palacio; resolveu-se a fuga para o dia 27 de Novembro: o dia anterior fôra chuvoso, as ruas estavam atascadas de lama, e era esse exodo pavoroso um espectaculo de desolação e ignominia, levando cada qual para o embarque como podia as suas joias e trouxas. A familia real vinha tresmalhada; o Princepe Regente e o Infante de Hespanha D. Pedro Carlos atolaram-se com o seu côche na lama, d'onde os tiraram dois cabos de policia; mais tarde appareceu D. Carlota Joaquina com os filhos; em outra leva de foragidos vinha a Rainha demente, D. Maria I, berrando desvairada pelas ruas, sem querer embarcar, clamando que a tinham raptado e que a levavam para o patibulo, sob a obsessão dos acontecimentos de França. A velha aristocracia fugia miseravelmente entre as chufas do povo; assim embarcaram o duque de Cadaval, os marquezes de Alegrete, de Bellas, de Angeja, de Pombal, de Lavradio, de Torres

Novas e de Vagos, os Condes de Pombeiro, de Redondo, de Caparica, de Belmonte, de Cavalleiros, cerca de quinze mil pessoas, levando comsigo perto de oitenta milhões de cruzados. Era como que a abdicação da vida nacional pelos egoismos pessoaes. O Princepe Regente á partida instituira um Conselho de Regencia, ao qual recommendara que governasse em seu nome, e que recebesse o exercito da invasão franceza *como amigos e alliados*, dando-lhes quarteis e assistencia para se evitarem rixas e divergencias. Para facilitar esta missão de subserviencia marcada á Regencia, o Patriarcha de Lisboa, o antigo heroe do poema *Reino da Estupidez*, lançou uma pastoral ao Povo, dizendo que Napoleão era um enviado de Deus, que viera restabelecer a religião; o mesmo fizeram o Inquisidor Geral, e depois os Principaes na vacancia do patriarchado.

Junot apanhou este assombroso favor da sorte, fazendo a occupação de Lisboa com os seus 1500 maltrapilhos. Gomes Freire tentou debalde uma resistencia ao sul do Tejo, achando-se só em conflicto com a Regencia; a D. Pedro de Almeida, Marquez de Alorna, que commandava a provincia do Alemtejo, foi-lhe dada ordem para não impedir a marcha das tropas do general Solano, pelo Princepe Regente, ainda antes da fuga. Junot, assim que estabeleceu quartel em Lisboa, dissolveu o exercito portuguez, e para se libertar da presença dos generaes mais habeis e prestigiosos formou a *Legião portugueza*, dando esse commando ao Marquez de Alorna, acompanhado de Gomes Freire, e Pamplona. Napoleão tratava agora de apoderar-se da Hespanha, que lhe servira de miseravel instrumento para a occupação de Portuual. Murat entrou em Hespanha em janeiro de 1808, e Junot enviava a *Legião portugueza* para Salamanca. Os tres generaes escolhidos para o commando deveram-o a serem manifestamente conhecidos como contrarios aos francezes; depois da derrota de Bailen, Napoleão, receiando que elles re-

gressassem a Portugal, internou a *Legião portugueza* em Grenoble, ficando sob o commando do general da divisão territorial, d'onde, chamados a Paris, ahi estiveram detidos até 1811. Esta entrada dos tres generaes portuguezes foi considerada como crime de alta traição á patria, sendo o Marquez de Alorna condemnado á morte á revelia com a perda dos seus titulos e confisco de bens. Emquanto o Marquez de Alorna inspeccionava as tropas que se ajuntavam para a campanha da Russia, Gomes Freire partia para a Allemanha em 1809, para Valais em 1810, e inhibido de tomar parte na campanha da Russia, governou Dresde em 1813, substituindo o marechal Gouvion de Saint Cyr, que fez a capitulação de 1814. Prisioneiro por essa occasião, veiu para Paris, e com a queda de Napoleão regressou a Portugal em 26 de Maio de 1815.

Que espantosos successos se tinham passado em Portugal durante estes sete annos de ausencia forçada de Gomes Freire! Junot, forçado a abandonar Portugal pela Convenção de Cintra, e o espirito nacional manifestando-se em 6 de Junho de 1808 pelo levantamento popular, no Porto, depois no Alemtejo, ao grito de exterminio: *Mata, que é francez!* propagando-se a revolta ao Algarve, Beira e Extremadura. Foi esta resistencia nacional bem aproveitada pela Inglaterra, e com ella Wellesley pôde tornar invenciveis as linhas de Torres Vedras, quebrando ahi as forças da segunda invasão franceza de Soult, e depois de Massena, e por fim de Marmont. Essas famosas campanhas podem dividir-se em dois periodos: no primeiro, o exercito, por ordem expressa do seu rei assiste impassivel á entrada de Junot, que o esphacelou por um licenciamento geral; a *Legião portugueza* foi o requinte d'essa desmembração, como o assassinato de Bernardim Freire foi a revelação do que a Inglaterra entendia fazer dos generaes portuguezes capazes de antipathisarem com a sua occupação de Portugal. A segunda

epoca é sob a direcção ingleza, que soube aproveitar-se dos elementos populares das guerrilhas, segundo o Methodo da organisação do exercito por Gomes Freire. A officialidade ingleza enche todos os quadros, commandos de divisão, brigadas e até corpos, com exclusão dos officiaes portuguezes. As victorias de Fuentes de Oñore, e Toulouse, de Albuera, Badajoz, San Sebastian, Olivença, Salamanca, Ciudad Rodrigo, Pyreneus, Nive, Nivelle, glorificavam os commandantes inglezes mas eram alcançados pela bravura dos portuguezes. Acabada a guerra peninsular ficaram os officiaes inglezes nos logares culminantes do exercito, como fermentos de revolta, que fatalmente tinha de irromper. D'essa eschola de heroismo ficaram-nos os celebrados militares Brigadeiro Lecor, general Silveira, Saldanha, Capitão Xavier (Conde das Antas), Travassos Valdez (Bomfim), Jorge de Avilez, tenente Sá Nogueira, (Marquez de Sá da Bandeira) Silva Lopes, Conde de Villa Flor (Duque da Terceira) que formaram essa forte geração das luctas da implantação do regimen liberal em Portugal.

Logo que a queda de Napoleão determinou outra corrente politica, Gomes Freire, regressando a Portugal em 26 de Maio de 1815, foi appresentar-se ao quartel general da côrte; submettido a um conselho de guerra, os seus actos foram julgados, e declarado innocente por aviso de 8 de junho de 1815. Portugal estava governado por uma Regencia de imbecis e mediocres acobertando o jugo militar do marechal Beresford, commandante em chefe do exercito, por decreto de 7 de Março de 1807, que reassumira em 1811, depois de terminada a guerra contra Napoleão na Peninsula.

Portugal estava em peior condição do que paiz conquistado; era devastado pela occupação ingleza. No periodo das guerras contra Soult, os soldados inglezes, como confessa Wellesley, em carta de 31 de Maio de 1809, ao seu embaixador em Lisboa: «Tem saqueado o paiz do

modo mais terrivel.» E em 17 de Junho escrevia ao ministro Castlereagh, fallando das violencias das tropas britanicas: «não ha ultraje de especie alguma que não tenha sido feito a uma população que nos tem recebido uniformemente como amigos, pelos nossos soldados, que até hoje ainda não soffreram a menor privação.» A Regencia, que ficou em Portugal depois da Regencia de D. João VI, foi constituida pelo governo inglez dos seus agentes; e para mais firmar a dominação, Wellington passou o commando das tropas alliadas ao brutal Beresford, que obedecendo cegamente á politica reaccionaria de Castlereagh, mantinha Portugal como o seu unico ponto de apoio para exercer uma acção continental. Com forçados recrutamentos e exacções fiscaes manteve elle em pé de guerra 40:000 homens sob um terço de officiaes inglezes em todos os quadros, sendo licenciados e a meio soldo os officiaes portuguezes. Era natural o descontentamento do exercito sob este jugo militar estrangeiro, que fazia vêr em toda a sua repugnancia o egoismo bragantino, conservando-se indifferente a estas calamidades D. João VI no Brasil. Depois da expulsão dos francezes, os Juizes do Povo escreveram a D. João VI requerendo-lhe que regressasse a Portugal; em carta de 3 de Janeiro de 1808 agradeceu-lhes, deixando-se ficar, e fazendo-se representar por Beresford. As devastações militares inglezas acobertavam-se com as necessidades defensivas, mas obedecendo á destruição systematica das fabricas e estabelecimentos industriaes, conduzindo para completar a nossa ruinosa expoliação pelos meios diplomaticos, impondo-nos o affrontoso tratado de 19 de Fevereiro de 1810, declarado perpetuo, e ao qual se obriga Portugal a não fazer regulamentos alguns que podessem prejudicar o commercio inglez. (Art. 6.) A torpeza d'esse tratado fez-se sentir em todas as suas duras consequencias; D. João VI chegou a propôr á Inglaterra a sua modificação, não para sustar a nossa ruina economica, mas para

resistir aos embaraços que a Inglaterra oppunha ao *estabelecimento da Inquisição no Brasil!* Offerecia em compensação á Inglaterra a abolição do trafico da escravatura nas colonias portuguezas, e a humanitaria potencia que apostolava o anti-esclavagismo recusou por que perdia no negocio.

Na campanha peninsular até 1811 Portugal teve 335:000 homens (tropa de linha, milicias e reserva) achando-se em armas 22°/₀ da população; d'este elemento é que os generaes inglezes se serviram; mas para se resarcir das guerras dispendiosas na lucta contra Napoleão, exigiu a Inglaterra que lhe fosse cedida a ilha da Madeira e a ilha de Santa Catherina, no costa do Brasil, e uma estação naval segura para a sua armada! Ainda acima de tudo exigia a Inglaterra o servilismo com abjecção: a subserviencia de D. João VI levou-o á vilissima ordem, que Wellington, commandante das tropas inglezas, tivesse assento e voto deliberativo no Conselho da Regencia em Lisboa! Na ausencia de Wellington estendeu o uso d'esta prepotencia ao embaixador sir Charles Stuart. Tudo se poderia sophismar pela resistencia contra os francezes. Com a derrota de Napoleão em Waterloo, acabou essa ameaça da invasão de Portugal com que a Inglaterra justificava o odioso protectorado. O espirito nacional começou a comprehender a expoliação ingleza, quando pelo tratado de Paris de 1814, os plenipotenciarios inglezes despresaram todas as reclamações de Portugal, consentindo na clausula que entregassemos á França no praso de tres mezes a Guyana. Quando em Vienna as potencias alliadas fizeram a partilha do Imperio napoleonico, Portugal viu-se ahi abandonado pela Inglaterra, que predominava no congresso, não nos sendo restituida Olivença, como estava estabelecido, e os seus bons officios consistiram em que a Portugal se pagasse um quarto das reclamações pelas indemnisações das violencias e cruzeiros soffridos pela nossa navegação.

Era n'esta situação que vinha Gomes Freire encontrar Portugal, achando-se frente a frente com Beresford. A sua eleição para Grão Mestre da Maçonaria portugueza revela que elle se tornou logo uma esperança para os liberaes portuguezes. A situação interna de Portugal apparecia-lhe egualmente calamitosa. Da côrte do Rio de Janeiro vinham saques de milhões de cruzados sobre Portugal, para D. João VI pagar á divisão que operava no Rio da Prata; faziam-se recrutamentos para o Brasil, e exigia-se uma quota mensal de cincoenta contos de reis para a Côrte do Rio de Janeiro. A marcha da politica indicava que as cousas se preparavam para a entrega de Portugal á Hespanha como *dote de uma princeza* (de D. Maria Thereza, casada com o Infante de Hespanha D. Pedro Carlos.) O decreto de 16 de Dezembro de 1811 elevando o Brasil a Reino, era o primeiro passo para a separação como um ramo bragantino, com dadas circumstancias que se entreviam. Quando D. João VI chegou ao Rio de Janeiro com a familia real em 7 de Março de 1808, a multidão acclamou-o com gritos de jubilo — *Viva o Imperador do Brasil!* Este brado fez-lhe esquecer a covardia do abandono de Portugal á soldadesca dos generaes napoleonicos, e nasceu n'aquelle abysmo moral de indignidade um sonho de grandeza. Ao abandono da patria seguiu-se a sua dilaceração; a mão do goveruo inglez levou-o a assignar decretos em que abria os portos do Brasil ao commercio das nações amigas, porque esse era o unico meio de poder a Inglaterra romper o bloqueio continental, com que Napoleão a isolara. Creava tribunaes supremos, para que as appellações da justiça não viessem a Portugal; exigia fundações, transferencia de Academia de Guardas marinhas, creação da Academia de Economia politica, Archivo central para Cartas e Mappas do Brasil e dos Dominios ultramarinos, Impressão régia, Fabrica de Polvora, Eschola de Cirurgia, Academia de Bellas Lettras, Bibliotheca nacional, Real Thea-

tro do Rio de Janeiro, Eschola real de Sciencias, Artes e Officios. Tudo isto tem dois sentidos: fixar-se D. João VI no seu novo reino do Brasil, realisando o plano jesuitico de Vieira; e, pela anterior cooperação do Tratado de 1810, diminuir Portugal no continente europeu para mais facilmente se annexar á Hespanha como *dote de uma princeza*. Pode o Brasil inscrever o nome de D. João VI em letras de ouro; mas para Portugal é uma marca de fogo que caracterisa a força dissolvente da dynastia dos Braganças.

No meio de todas as traições do rei paternal e das depredações de Inglaterra em Portugal, apparecia uma força nova, que amedrontava esses dois poderes conluiados — era a *Consciencia civica*, que se revela em uma agitação dos espiritos, e que procurava uma expressão objectiva de um alto caracter, de uma individualidade. O espirito publico confiava em Gomes Freire; era agora um representante da *eterna esperança* da raça lusa. A alliança ingleza toma logo o mais sinistro aspecto: nem á dynastia dos Braganças, nem á Inglaterra convem que Portugal seja uma nação livre, autonoma, senhora da sua Soberania: um, quer que fique uma colonia sugada pelos saques successivos do Zangão-Mór, a outra quer uma feitoria continental com um khedivato seu, governando isto. A ambos interessa que se afogue em sangue esta vivificadora esperança.

Dom João VI temia-se das doutrinas liberaes, que fallavam em soberania nacional, e eram propagadas pelos emigrados portuguezes em Inglaterra, e chegou a escrever ao embaixador portuguez D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, para que obtivesse do governo inglez a suppressão d'esses jornaes e a expulsão dos emigrados. O governo inglez fez sentir ao Bragança, que para garantir o seu throno o melhor modo seria seguir o exemplo da Hespanha, decretando umas Côrtes. No seu boçal egoismo, D. João VI replicou em officio ao governo inglez, que

—«uma semilhante assembleia não podia produzir se não a anarchia,— dividida em tres Estados, era muito provavel que desse logar a toda a intriga do inimigo commum e viesse a ser um centro de desunião.» Elle temia-se das consequencias revolucionarias de uns Estados geraes ou constituintes.

Os membros da Regencia, escrevem para o Rio de Janeiro, declarando que a Maçonaria quer Côrtes, e que esta ideia anda apoiada pela burguezia; e com um furor religioso prohibiam e apprehendiam o *Correio Brasiliense*, o *Portuguez*, e o *Investigador*. E em Carta de 7 de Fevereiro de 1818, como que a justificar o seu crime de lesa-justiça, escreviam para a côrte do Rio de Janeiro: «A doutrina da Soberania do Povo é um dogma horrivel, em que os Escriptores do partido revolucionario preparam os animos para as funestas innovações que meditaram, e com que conseguiram arrastar quasi todas as Nações civilisadas á borda do precipicio.» E estava-se apenas no regimen da hypocrisia politica das *Cartas outorgadas*, contra cuja corrente escrevia Castlereagh em carta a lord W. Bentincksonhn: «E' impossivel desconhecer que uma grande mudança se prepara na Europa, e que os principios da liberdade estão em plena actividade. O que ha a temer é que a *transição* não seja muito repentina, para ter o grão de maturidade que poderia produzir o melhoramento e a felicidade do mundo. Eis ahi as novas Constituições *outorgadas* em França, Hespanha, Hollanda e Sicilia. Vejamos os resultados, antes de *alentar novas tentativas*... Estou certo, que é melhor retardar do que accelerar a operação d'este principio aventuroso, que está agora em obra,— no estado actual da Europa, já não exige que se recorra a este meio.»

Em Portugal Beresford foi encarregado de retardar este movimento; e de accôrdo com elle os Membros da Regencia, que notavam: «a propensão com que se acha *geralmente o espirito* publico para abraçar principios

anti-monarchicos» fizeram o processo de uma Conspiração, de cuja Sentença «se vê que o seu intuito era *convocarem Côrtes* para deliberarem a fórma de Governo e elegerem um Rei Constitucional.» Assim participaram os Regentes do Reino para o Brasil em 7 de Fevereiro de 1818, depois de cinco mezes de uma horrenda carnificina por tão exiguo motivo.

Quando o desalento social era mais profundo e appareciam os pasquins incendiarios contra Beresford e contra a Regencia, era preciso dar o golpe *ad terrorem*, para aquietar os animos e sobretudo a officialidade portugueza, que soffria atrazos prolongados dos seus soldos. A Inglaterra separava-se da Russia, Austria e Prussia, por que na *Santa Alliança dos Reis contra os Povos*, essas potencias consentiam na *outorga* de Cartas constitucionaes. De Hespanha vinham emissarios secretos, mandados pelos liberaes de Madrid, para se combinarem com os liberaes portuguezes para aqui implantarem o systema das Côrtes, e outros como representantes de Fernando VII combinavam a entrega de Portugal como dote de sua mulher D. Maria Isabel, segunda filha de D. João VI. Beresford, convertendo os officiaes portuguezes em espiões, mandava-os divagar pelos cafés e soalheiros para seguir o fio d'esses politicos hespanhoes. Era preciso uma victima. e ninguem mais elevado do que Gomes Freire. Ia-se no pendor do que se estava passando em França, em que os voluntarios realistas, na crise do *Terror branco*, massacravam os revolucionarios e os generaes napoleonicos; a Restauração, feita pelos estrangeiros, applicou esta reacção sangrenta chamando á barra dos Conselhos de guerra dezenove generaes, sendo fuzilados Ney, por sentença da Camara dos pares, Labédoyère, Mouton Duvernet, Chatran e outros. O mesmo devia succeder a Gomes Freire que fôra um dos commandantes da *Legião portugueza*, e general de Napoleão, no Governo de Dresde em quanto Gouvion de Saint Cyr tratava da evacuação

do exercito francez da Allemanha. Tudo se organisava entre Beresford e a Regencia pelo seu secretario D. Miguel Pereira Forjaz, que tinha uma concentrada inveja contra aquelle seu parente. Assim em tempo conveniente appareceu em Julho de 1817 uma noticia excepcional na *Gazeta de Lisboa*, de que o Marechal Beresford descobrira o plano de uma conjuração destinada a derrubar o throno e as auctoridades constituidas. Mas até esta data que trabalhos se fizeram para simular Proclamações, Credenciaes, diplomas, explorando a loucura do Alferes Cabral Calheiros, que tendo sido posto fóra do exercito por incapacidade moral, discursava no seu delirio sobre a futura revolução.

Os militares andavam descontentes, por que havia mais de trinta mezes que se lhe não pagava o soldo, como se deprehende do interrogatorio do desgraçado coronel Monteiro de Carvalho; era natural allivio o conversarem sobre esta anomalia. O desvairado alferes Calheiros, expulso do exercito, encontrou-se com o Capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento, ajudante da 5.ª brigada de Infanteria de Traz os Montes, e queixou-se da governação publica, conduzindo-o depois á sua casa, onde lhe leu o rascunho de uma Proclamação revolucionaria. O ajudante de ordens disse-lhe com toda a ingenuidade:—E' quanto basta para nos enforcarem a todos. E encontrando-se depois na calçada do Sacramento com o capitão José de Andrade Corvo, ajudante do Governador do Alemtejo, contou-lhe o caso da proclamação. Não foi preciso mais para que Andrade Corvo se fosse apprésentar ao palacio do Pateo do Saldanha denunciando ao marechal Beresford a existencia de uma conjuração. Ficou desde logo ás ordens de Beresford, que lhe passou o salvo-conducto para entrar como espião na conjura: Moraes Sarmento, encarregado de apanhar um traslado da Proclamação, serviu-se da amisade do bacharel canonista *João de Sá Pereira* para esse fim. Estava constituida a

infamissima trindade, para a espionagem de uma Conjuração imaginaria, tendo de satisfazer a curiosidade violenta com asserções nunca referidas por Calheiros nem nos interrogatorios do Processo monstruoso. Beresford é que se achou depois na impossibilidade de appresentar as provas á Regencia, escrevendo com audacia—que os juizes completassem conforme lhes parecesse.

Pedro Pinto e bacharel Sá Pereira appresentaram-se ao dementado alferes Calheiros como conjurados, e garantiram a fé de um outro correligionario o capitão José de Andrade Corvo. O doudo, conduziu-os a casa de outro alferes José Ribeiro Pinto, para ahi prestarem juramento e serem admittidos ás sessões secretas; mas taes sessões e encontros com personagens indicados não se effectuavam, por que tudo isso tinha sido um embuste com que o pobre Calheiros fôra ludibriado. A sua imaginação traçara um plano em que Gomes Freire tinha o titulo de *Restaurador de Portugal e dos Algarves*, havendo em todas as provincias quatro delegados e correspondencia em cifra, verdadeiro arremêdo do clubismo revolucionario e do carbonarismo italiano exacerbado por algumas leituras dos jornaes prohibidos e perseguidos. Os tres traidores queriam ser appresentados a Gomes Freire, por que esse era o objectivo do plano; sómente depois de muitas excusas e desculpas é que o alferes Calheiros exigiu que uma noite fosse um d'elles ás pedreiras de Alcantara com phosphoros e duas velas para ahi n'uma furna se encontrarem com o general! Era no estylo dos romances de Radcliffe. Mal sonhava Gomes Freire que envolviam o seu nome n'esta burla. O major Fonseca Neves procurando-o em sua casa no alto do Salitre, perguntou-lhe o que pensava de um movimento revolucionario, diante do mal estar da nação. Gomes Freire declarou-lhes que nunca tomaria parte em uma tentativa criminosa, e que nem sequer acreditava na existencia de taes planos; José Ribeiro Pinto e o major Campello che-

garam a fallar-lhe sobre a eventualidade de uma sublevação militar, porém Gomes Freire repellia todas as vagas suggestões, reconhecendo que o Governo era exercido ineptamente pela Regencia, que o exercito estava sob as ordens arbitrarias de um estrangeiro, entendendo que as reformas de que Portugal carecia só se podiam effectuar pacificamente. Vê-se que acreditava no poder omnipotente das Côrtes, ou que ainda tinha esperança da *outorga* de uma Carta. Não era um egoista, que se eximisse ao sacrificio pela patria; confessou nos capciosos interrogatorios, que o seu animo era no momento da anarchia aproveitar a sua popularidade e tomar a direcção do movimento, para sustar as calamidades publicas. Nada mais nobre; elle acordava de noite a qualquer ruido, na espectativa de um levantamento popular. A alma portugueza estava em um lethifero marasmo.

Beresford era informado da antipathia do eximio general portuguez, e aproveitando as vagas informações e os nomes colhidos por os seus tres espiões, officiou em 23 de Maio de 1817 ao Conselho da Regencia dando-lhe conta da descoberta da Conjuração, tendo já feito previamente a prisão dos individuos. Gomes Freire tinha sido avisado por umas cartas anonymas, que o iriam prender; o D. Abbade do Mosteiro de Belem foi prevenil-o pessoalmente, mas fiado na propria innocencia não quiz fugir, dizendo na noite de 25 de Maio, em casa do Conde de Rio Maior, que sabia que o iriam prender d'ahi a algumas horas.

Effectivamente, horas depois de ter recolhido, á meia-noite a casa foi cercada pelo corpo da Policia, arrombando-lhe as portas até chegarem junto d'elle; o ajudante do Intendente da Policia intimou-lhe a ordem de prisão, que não foi reconhecida pela inferioridade do funccionario, entregando-se a um militar. Partiu Gomes Freire immediatamente escoltado por um piquete de Cavalleria para a Torre de S. Julião, chegando ali ás 6 horas da madrugada.

A situação de Gomes Freire na enxovia d'aquella fortaleza foi cruenta, sem cama, nem comida, tendo sido soccorrido pela condolencia do commandante da Torre. Nem o Conselho da Regencia, nem o ministro da guerra seu primo se lembraram d'aquella victima; passados dias é que lhe foram arbitrados doze vintens por dia para sustento. Ficou durante os mezes de Junho, Julho e Agosto no mais rigoroso *segredo*, absolutamente incommunicavel.

Beresford entregou ao Conselho da Regencia a devassa da Conjuração, fazendo-a processar sob a responsabilidade d'ella, que como poder civil lhe competia conhecer dos crimes contra a segurança do estado.

O processo era preparado segundo as indicações de Beresford; revela-o o Intendente da Policia Mattos e Vasconcellos, que em Officio de 27 de Maio para os Governadores do Reino, indica Cypriano Ribeiro Freire para presidente da Junta da Inconfidencia, por que *elle se entende com o Marechal*. E como o Intendente não conhecia factos que podesse fornecer para o processo da conspiração, officiava a D. Miguel Forjaz, secretario da Regencia: «E' provavel, que o mesmo Marechal General, tenha ainda a fornecer a noticia de papeis, actas ou testemunhas que sirvam para o processo interrogatorio, *convindo que sejam communicadas.*» Vê-se que se urdia com têas de aranha; as revelações disparatadas de Cabral Calheiros não se referiam a Gomes Freire nem a outros individuos importantes, e Beresford só sabia da conjuração o que lhe commuicaram os tres espiões. Para a Junta da Inconfidencia trabalhar no processo, teve o ministro da guerra de pedir a Beresford, que adiantasse mais alguma communicação ou prova, para fundamentar a sentença. Beresford respondeu em officio a D. Miguel Forjaz, referindo-se á confissão do Alferes Calheiros: *«Il n'a pas même mencioné les personnes principales... les Magistrats feront de plus ce qu'il leur paraitra ne-*

cessaire. (2 de Junho de 1817) Marquez de Campo Maior.»

Era esse o caminho indicado aos Juizes da Alçada, e assim procederam fabricando o monstruoso processo a que deram fórmulas legaes. A Regencia, sob a inspiração de Beresford, nomeou a Junta da Inconfidencia para julgar da Conspiração, composta dos Desembargadores Antonio José Guião, Velasques, Leite, Gomes Ribeiro e Ribeiro Saraiva, e o Intendente da Policia; não lhes foi possivel envolverem as victimas para pelo seu numero e posição social darem seriedade á Conjuração. Os Juizes fizeram o que lhes pareceu necessario, para salvarem o prestigio da auctoridade. Com relação a Gomes Freire nunca o acarearam com os suppostos co-reus, nunca lhe deram conhecimento dos depoimentos das testemunhas, e quando o interrogaram, sempre isoladamente. aproveitaram a circumstancia de fallar o portuguez com difficuldade, escrevendo o que não dissera ou interpretando com má fé os erros de linguagem de quem vivera sempre no estrangeiro, e que apenas havia um anno que se achava em Portugal. E como se tratava de matar Gomes Freire em fórma solemne de sentença judicial, respeitaram-se as fórmulas da justiça dos tribunaes, pediu-se préviamente a Dom João vi para ser executada a sentença de pena maior sem a sancção regia sempre exigida. Todos esses facinorosos magistrados que sentenciaram a morte de Gomes Freire na fôrca, com o confisco dos seus bens, foram pessoalmente galardoados pela Regencia com despachos e tenças vantajosas.

Emquanto corria o processo, Beresford fez vogar que Gomes Freire dava signaes de allienação, e soltava a phrase desdenhosa *Poor fellow!* O general redigira um protesto para que Beresford o fizesse chegar a D. João vi, mas traiçoeiramente o marechal entregou-o aos membros da Regencia. Quando a nobre victima soube d'isto exclamou: «*Sendo assim, serei enforcado como um cão, n'esta torre.*»

A sentença da alçada ou Junta da Inconfidencia foi proferida em 15 de Outubro de 1817, condemnando-o á morte pela fôrca, com mais onze desgraçados sacrificados para cohenestarem a sua morte. Foram apresentados embargos á sentenca, sendo regeitados no mesmo dia 17, e executando-se a sentença no dia seguinte 18 de Outubro. Gomes Freire foi enforcado no alto do Alqueirão, fóra da fortaleza de San Julião, cercado de frades que lhe abafaram a voz com a sua psalmodia funerea. A morte de Gomes Freire excede quantas atrocidades pode praticar uma horda de cannibaes. Logo de madrugada apresentou-se na fortaleza o Desembargador Luiz Gomes Leitão de Moura, que servia de escrivão da Alçada, exigindo ser levado á presença de Gomes Freire; conduzido á enxovia, mandou que vestissem ao prezo a alva de enforcado. Gomes Freire esperava ser fuzilado como militar, e ao ouvir a condemnação á forca, soffreu uma pequena syncope, voltando a si immediatamente. Então o Desembargador Leitão leu-lhe a sentença, dando em seguida ordem em nome da Regencia ao commandante da Fortaleza Archibald Campbell, para que se executasse a sentença immediatamente. Eram cinco horas da manhã, e a guarnição de infanteria 19 estendeu-se em alas até ao local do poste. Para cumulo de crueldade obrigaram o general a saír descalso da enxovia. Gomes Freire não se conteve que não arrancasse de si as condecorações portuguezas atirando-as ao chão, queixando-se contra a inutilidade de lhe infligirem mais essa indignidade. Depois caminhou com passo firme para o alto da esplanada fóra da torre onde se erguia a fôrca, e ainda reclamou ao official inglez que lhe competia morrer como militar. Quando chegou aos degráos da fôrca, onde o demoraram por muito tempo os receios do desembargador Pedro da Silva, que assistia á execução, vieram para lhe taparem os olhos, mas repellindo com a mão a venda, apressadamente metteu o pescoço na laçada de corda, para se aca-

bar mais depressa aquella vergonha humana. Sómente ás nove horas da manhã é que se fez o enforcamento, tendo-se gasto todo esse tempo desde as 5 horas em conflictos de auctoridade, querendo que o tenente Haddoch fosse substituido no commando, por ser amigo de Gomes Freire, ora que o regimento assistisse de costas voltadas á execução.

O seu corpo foi logo transportado para Lisboa e lançado para o monte onde estavam accumulados no Campo de Santa Anna os depois do meio dia enforcados, coronel Monteiro de Carvalho, major José da Fonseca Neves e José Campello de Miranda, o Alferes Calheiros que no seu delirio quebrou a corda que lhe lançara o carrasco ao pescoço, e os officiaes Henrique José Garcia de Moraes, José Joaquim Pinto da Silva, José Ribeiro Pinto, Manoel José Monteiro, Manoel Ignacio de Figueiredo, Maximo Dias Ribeiro e Pedro Ricardo de Figueiredo. As execuções do Campo de Santa Anna, que começaram ao meio dia, prolongaram-se até á noite. O secretario da Regencia D. Miguel Forjaz, a quem lhe notara essa circumstancia, escreveu a phrase immortal: „*Felizmente ha luar*...„ Chegado o cadaver de Gomes Freire, foi lançado o fogo ao montão das victimas, e d'essa grande fogueira espalhou-se por Lisboa um cheiro de carne e de ossos queimados; Beresford soltou tambem uma phrase digna do seu espirito: „***Este cheiro de carne queimada hade fazer com que os portuguezes percam o desejo de liberdade.***„

A *Gazeta de Lisboa* deu parte ao publico da execução da sentença mandarinesca, encarecendo o exemplo do que acontece áquelles que ousam conspirar contra o seu soberano e contra as instituições. Ficaram seguros de que entrara tudo na ordem; no emtanto Beresford sentia uma profunda hostilidade nos espiritos, e deu-se pressa em ir á côrte do Rio de Janeiro pedir a D. João VI mais poderes. Foi ao calor d'essas cinzas que nasceu a insurreição das consciencias, que se acharam ***n'uma só***

vontade unidas para a proclamação da liberdade politica na Revolução de 24 de Agosto de 1820. A soberania nacional manifestara-se pela terceira vez na historia portugueza.

Em uma acta das Côrtes de 1822 ficou rehabilitada por sentença a memoria dos desgraçados *Martyres da Patria.* A soberania nacional conferida aos Braganças pelas côrtes constituintes de 1641, foi mais uma vez atraiçoada pela reacção apostolica de 1823, e em todas as resistencias contra a vontade da nação em 1837 e 1847 o seu throno conservou-se *por graça da Inglaterra.*

A' opinião publica europêa repugnou o crime execrando de Beresford; na propria Inglaterra liberal sentiu-se a affronta d'esse chamado *Acto de vigor,* com que se mascarava o assassinato politico. Beresford, premiado por D. João VI com o Almoxarifado de Torres Novas em tres vidas (trocado depois em 16:000$000 annuaes), viu-se moralmente forçado a justificar-se perante o publico. Encommendou ao scriba assalariado de Palmella e de D. Pedro IV, o celebre frade capucho da Ilha da Madeira, Joaquim Ferreira de Freitas, uma memoria explicativa do seu acto. Effectivamente em 1822 appareceu em Londres a *Memoria sobre a Conspiração de 1817, vulgarmente chamada A Conspiração de Gomes Freire. Escripta e publicada por um Portuguez amigo da Justiça e da Verdade.* O frade jacobino, que acompanhara Massena na invasão de Portugal, e que vivia miseravelmente em Londres, enfeixou os documentos fornecidos por Beresford, deixando-o na sua justificação a descoberto; todas essas peças apparecem á mais rudimentar hermeneutica na mais flagrante falsidade. Emquanto a historia não revindica a verdade plena, a Arte universalisa-a pela unanimidade do sentimento, pela revolta da consciencia.

INDICE
